



BMEP

Boletim Mensal de Economia Portuguesa

N.º 04|abril 2012



Gabinete de Estratégia e Estudos
Ministério da Economia e do Emprego

GPEARI

**Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação
e Relações Internacionais**

Ministério das Finanças

Ficha Técnica

Título: Boletim Mensal de Economia Portuguesa

Data: abril de 2012

Elaborado com informação disponível até ao dia 26 de abril.

Editores:

Gabinete de Estratégia e Estudos

Ministério da Economia e do Emprego

Avenida da República, 79, 1.º

1050-243 Lisboa

Telefone: +351 21 7998158

Fax: +351 21 7998154

URL: <http://www.gee.min-economia.pt>

E-Mail: gee@gee.min-economia.pt

Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais

Ministério das Finanças

Av. Infante D. Henrique n.º. 1 – 1.º

1100 – 278 Lisboa

Telefone: +351 21 8823396

Fax: +351 21 8823399

URL: <http://www.gpeari.min-financas.pt>

E-Mail: bmep@gpeari.min-financas.pt

ISSN: 1646-9062

(Texto escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico)

Índice

<hr/>	
Conjuntura	5
Sumário	7
1. Enquadramento Internacional	11
2. Conjuntura Nacional	15
3. Comércio Internacional	26
<hr/>	
Destaques	33
Procedimento dos Défices Excessivos – 1.ª Notificação de 2012	35
<hr/>	
Artigos	37
Em Análise	39
Performance das Exportações Portuguesas - Janeiro a fevereiro de 2012	39
Ensaio	57
Evaluating the Forecast Quality of GDP Components: An Application to G7	57
<hr/>	
Iniciativas e Medidas Legislativas	71
<hr/>	
Abreviaturas Utilizadas	77

Conjuntura

Sumário

Enquadramento Internacional

- * Em fevereiro de 2012, a produção industrial mundial acelerou para 3,9% em termos homólogos (3,6% em janeiro), devido ao reforço do crescimento das economias emergentes e em desenvolvimento, especialmente dos países asiáticos. Pelo contrário, a produção industrial das economias avançadas abrandou, tendência que abrangeu tanto o Japão como a área do euro. Já em relação ao comércio mundial de mercadorias, este estabilizou, influenciado por uma melhoria das importações (especialmente dos EUA e da área do euro) e por um abrandamento das exportações mundiais devido ao menor crescimento dos países emergentes.
- * Em abril de 2012, os índices bolsistas da área do euro diminuíram (até dia 26), traduzindo, em parte, o enfraquecimento das perspetivas económicas de curto prazo para esta região e a continuação da perceção negativa da sustentabilidade das finanças públicas em alguns estados-membros da área do euro, tal como em Espanha, fatores esses que também influenciaram a evolução da taxa de câmbio do euro face ao dólar, o qual se depreciou, tendo-se situado em 1,32 no dia 26 (1,34 no final do mês de março).
- * No 1.º trimestre de 2012, a economia dos EUA continuou a apresentar uma forte expansão; o PIB da China aumentou 8,1% em termos homólogos reais (8,9% no 4.º trimestre de 2011) e a atividade económica do Japão deteriorou-se. Nos EUA, todos os indicadores de confiança aumentaram, a produção industrial reforçou o seu crescimento e, as vendas a retalho, apesar de terem registado um abrandamento, mantiveram um crescimento robusto. Neste período, a taxa de desemprego desceu para 8,3% (8,7% no 4.º trimestre de 2011) e a taxa de inflação homóloga diminuiu para 2,8% (3,3% no 4.º trimestre de 2011).
- * No 1.º trimestre de 2012, o indicador de sentimento económico subiu tanto na UE como na AE, em resultado da melhoria da generalidade dos indicadores de confiança, com exceção do comércio a retalho. No entanto, o indicador previsional do Banco de Itália, de abril, indicou uma deterioração da variação do PIB face aos dois meses precedentes. No conjunto dos meses de janeiro e fevereiro de 2012, os indicadores quantitativos para a área do euro indicam uma quebra da produção industrial e das vendas a retalho; enquanto as exportações, reforçaram o seu crescimento. Em fevereiro de 2012, a taxa de desemprego subiu tanto na AE como na UE, para 10,8% e em 10,2%, respetivamente (10,7% e 10,1% em janeiro de 2012). Em março de 2012, a taxa de inflação da AE, manteve-se em 2,7% em termos homólogos, pelo 4.º mês consecutivo, e em 2,8% em termos de variação dos últimos 12 meses.
- * Em abril de 2012 e, até ao dia 26, as taxas de juro de curto prazo diminuíram de forma significativa na área do euro; enquanto estabilizaram nos EUA. Com efeito, a taxa Euribor a 3 meses situou-se em 0,75% (0,86%, em março) e a dos EUA manteve-se em 0,47%.
- * O preço *spot* do petróleo Brent abrandou, em abril, tendo a média do preço do Brent, até ao dia 26 deste mês, registado o valor de 120 USD/bbl (92€/bbl), apesar de continuar elevado.

Conjuntura Nacional

- * Em Março de 2012 registou-se uma ligeira desaceleração do Índice de Preços do Consumidor (IPC), verificando-se uma variação homóloga de 3,1%, 0,5 p.p. inferior à do mês anterior. A variação média dos últimos 12 meses do IPC atingiu os 3,6%.
- * O indicador de clima económico do INE manteve a trajetória de degradação em março com novo agravamento.
- * Quanto aos fluxos de comércio internacional, estes registaram uma evolução diferenciada em março. As exportações mantiveram um crescimento robusto enquanto as importações apresentaram uma quebra em termos homólogos.

- * No primeiro trimestre do ano, o défice global provisório das Administrações Públicas, incluindo as empresas públicas reclassificadas (EPR) e considerando o universo comparável na Administração Local, foi de 444,4 milhões de euros. Excluindo as EPR, o défice foi de 376,2 milhões de euros, que compara com o excedente de 590,9 milhões de euros no período homólogo. Para este comportamento contribuiu o agravamento do défice do Estado, o qual aumentou em 744,7 milhões de euros face ao período homólogo, situando-se nos 1637,0 milhões de euros, e, em menor grau, a diminuição do excedente da Segurança Social, em 301,5 milhões de euros, cifrando-se nos 278,2 milhões de euros. Os Serviços e Fundos Autónomos (SFA), excluindo as EPR, registaram um excedente de 944,2 milhões de euros, mais 73,2 milhões de euros que no mesmo período do ano anterior. O défice das EPR foi de -68,1 milhões de euros, menos 157,3 milhões de euros do que o registado em fevereiro de 2012.
- * A Administração Regional aumentou o excedente orçamental em 7,7 milhões de euros, para 19,3 milhões de euros.
- * A Administração Local, tendo em conta um universo comparável de 234 municípios, registou, neste período, um saldo provisório da execução orçamental de 19,0 milhões de euros, mantendo-se quase ao mesmo nível do ano anterior.
- * A execução financeira consolidada provisória do Serviço Nacional de Saúde (SNS), até março, resultou no défice de 74,3 milhões de euros, o que compara com o excedente de 6,5 milhões de euros no período homólogo.

Comércio Internacional

- * Segundo os **resultados preliminares das estatísticas do comércio internacional** recentemente divulgados¹, nos primeiros dois meses de 2012 as exportações de mercadorias registaram um crescimento homólogo de 13,3% relativamente a igual período de 2011, enquanto as importações decresceram 0,3%. O défice da balança comercial (fob-cif) recuperou 33,1%, equivalente a 878 milhões de euros. A taxa de cobertura das importações pelas exportações atingiu os 80,4%, mais 9,6 p.p. que no mesmo período do ano passado.
- * No período de janeiro a fevereiro de 2012, o crescimento homólogo das exportações de mercadorias, *excluindo os produtos energéticos*, foi inferior ao crescimento das exportações totais (8,5%). As importações decresceram 7,1%, o que levou a uma melhoria do saldo negativo da respetiva balança comercial de 69,6%.
- * No *último ano a terminar em fevereiro de 2012*, todos os grupos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações de mercadorias (14,1%), evidenciando-se o contributo dos “Energéticos” (+2,7 p.p.). No período entre janeiro e fevereiro de 2012, a tendência manteve-se, com o contributo positivo deste grupo de produtos a atingir os 5,1 p.p.
- * Nos primeiros dois meses de 2012, as **exportações para o mercado comunitário** cresceram, em termos homólogos, 6,5% e contribuíram em 5 p.p. para o crescimento das exportações totais de mercadorias. As exportações para os países da UE-15 registaram uma variação homóloga positiva de 6,2% e as exportações para os países do Alargamento 12,8%, sendo os respetivos contributos para o crescimento do total das exportações de 4,6 p.p. e 0,4 p.p. Espanha permanece como principal mercado de destino das exportações de mercadorias, representando 23,1% do total das exportações de mercadorias. As exportações para a Alemanha (+1,7 p.p.) e para França (+1,1 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações. As

¹ Os dados recentemente divulgados referentes ao mês de fevereiro de 2012 correspondem a uma primeira versão preliminar e, tratando-se de um curto período do ano, a sua análise merece alguma prudência. Os dados divulgados para o ano de 2011 e presentes nos quadros e análise da secção 3. Comércio Internacional, correspondem a uma nova versão preliminar (revista) face aos dados previamente apresentados.

exportações de mercadorias para França cresceram, em termos homólogos, 8,4%, e as exportações para o Reino Unido 6,3%.

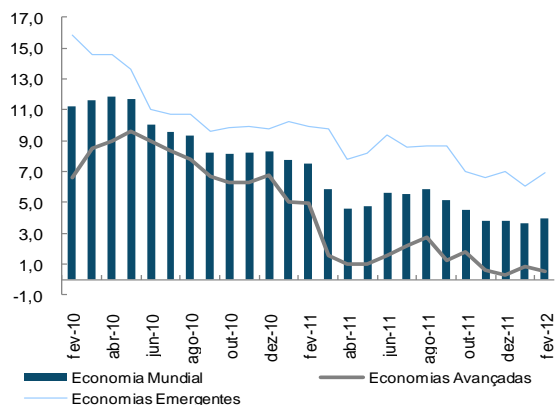
- * As **exportações para os Países Terceiros** registaram uma taxa de variação homóloga positiva superior à das exportações para a UE, atingindo os 35,8%, relativamente ao período de janeiro a fevereiro de 2011. Destaca-se o comportamento positivo das exportações para a China (+176,3%), Estados Unidos da América (+69,4%) e Marrocos (+61,7%).
- * De janeiro a fevereiro de 2012, as exportações de produtos industriais transformados registaram uma variação homóloga positiva de 14,7% face a igual período de 2011. As exportações de produtos de média baixa intensidade tecnológica foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações deste tipo de produtos (10 p.p.).
- * De acordo com os dados da Balança de Pagamentos divulgados para o mês de **janeiro** de 2012, as **Exportações de Bens e Serviços** registaram um crescimento homólogo de 10,4% relativamente a janeiro de 2011. O crescimento da componente de Bens manteve uma taxa superior ao dos Serviços (13% e 3,8%, respetivamente). A componente de Bens foi a que mais contribuiu para o crescimento do total das Exportações (+9,3 p.p.).

1. Enquadramento Internacional

Atividade Económica Mundial

No mês de fevereiro de 2012, a produção industrial mundial acelerou para 3,9% em termos homólogos (3,6% em janeiro), devido ao reforço do crescimento das economias emergentes e em desenvolvimento, especialmente dos países asiáticos. Pelo contrário, a produção industrial das economias avançadas abrandou, tendência que abrangeu tanto o Japão como a área do euro, a qual manteve, em ambos, uma variação negativa desde finais de 2011.

Figura 1.1. Produção Industrial
(VH, em %)



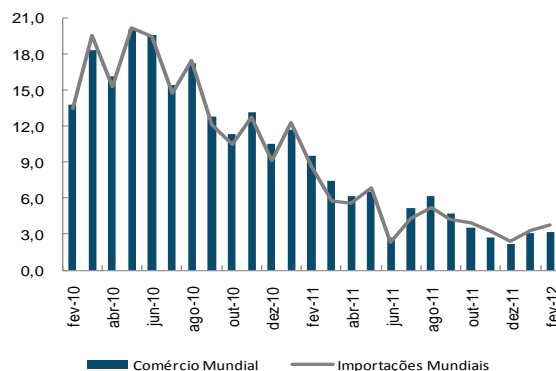
Fonte: CPB.

O comércio mundial de mercadorias estabilizou, evolução para a qual contribuiu uma melhoria do crescimento das importações mundiais e uma desaceleração das exportações mundiais.

De facto, em fevereiro de 2012 e, em termos homólogos reais:

- o comércio mundial manteve o crescimento de 3,1%;
- as importações mundiais aumentaram para 3,7% (3,3% em janeiro) e as exportações abrandaram para 2,6% (2,9% em janeiro).

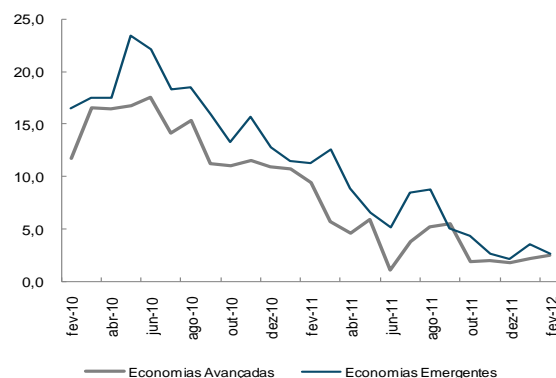
Figura 1.2. Comércio Mundial e Importações de Mercadorias (VH em volume, em %)



Fonte: CPB.

As exportações mundiais desaceleraram devido ao menor crescimento dos países emergentes; enquanto as das economias avançadas melhoraram, devido ao fortalecimento dos EUA e da área do euro. As importações mundiais reforçaram o seu crescimento causado pela melhoria das economias avançadas, especialmente dos EUA e da área do euro, apesar de, no caso da área do euro, terem continuado a registar uma quebra.

Figura 1.3. Exportações de Mercadorias
(VH em volume, em %)



Fonte: CPB.

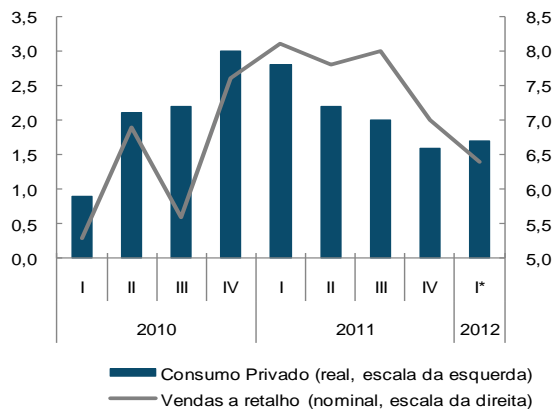
Quadro 1.1. Indicadores de Atividade Económica Mundial

Indicador	Unidade	Fonte	2011	2010					2011		2012	
				4T	1T	2T	3T	4T	nov	dez	jan	fev
Índice de Produção Industrial Mundial	VH	CPB	5,4	8,2	7,0	5,0	5,5	4,0	3,8	3,8	3,6	3,9
Economias Avançadas	VH	CPB	2,0	6,5	3,8	1,2	2,1	0,9	0,6	0,3	0,8	0,5
Economias Emergentes	VH	CPB	8,5	9,9	10,0	8,4	8,6	6,8	6,6	7,0	6,1	6,9
Comércio Mundial de Mercadorias	VH	CPB	5,6	11,6	9,5	5,1	5,4	2,8	2,8	2,1	3,1	3,1
Importações Mundiais	VH	CPB	5,3	10,8	8,8	4,9	4,6	3,2	3,2	2,4	3,3	3,7
Economias Avançadas	VH	CPB	3,3	9,2	7,6	2,7	2,2	0,7	0,3	0,1	0,2	1,1
Economias Emergentes	VH	CPB	7,6	12,5	10,1	7,3	7,2	5,9	6,4	4,7	6,5	6,5
Exportações Mundiais	VH	CPB	5,9	12,5	10,2	5,3	6,1	2,4	2,3	1,9	2,9	2,6
Economias Avançadas	VH	CPB	4,7	11,1	8,6	3,9	4,8	1,9	1,9	1,8	2,2	2,5
Economias Emergentes	VH	CPB	7,2	13,9	11,8	6,8	7,4	3,0	2,7	2,1	3,5	2,7

Atividade Económica Extra-UE

Os indicadores referentes ao 1.º trimestre de 2012 sugerem a continuação da expansão económica nos EUA, a manutenção de um crescimento robusto da economia chinesa e uma deterioração significativa da atividade económica do Japão. Neste período, assistiu-se a uma desaceleração dos preços das matérias-primas com repercussão na diminuição da taxa de inflação dos EUA e nas economias emergentes, nomeadamente da China.

Figura 1.4. Consumo Privado e Vendas a Retalho dos EUA (VH, em %)



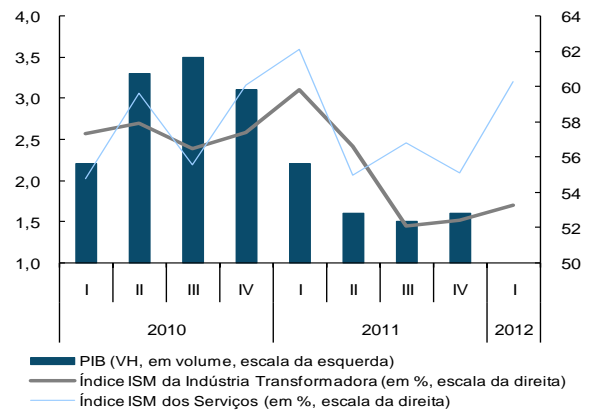
Fonte: Bureau of Economic Analysis. *P/ o consumo privado, média dos meses de janeiro e fevereiro.

Nos **EUA**, os dados disponíveis para o 1º trimestre de 2012 indicam um aumento de todos os indicadores de confiança, a manutenção de uma forte atividade económica, resultando numa melhoria do mercado de trabalho. Com efeito, neste trimestre e, em termos homólogos:

- a produção industrial aumentou 4,1% (3,9% no 4.º trimestre de 2011);
- as vendas a retalho aumentaram 6,4% em termos nominais (7% no 4.º trimestre de 2011);
- a taxa de desemprego desceu para 8,3% e a taxa de inflação diminuiu para 2,8% (3,3% no 4.º trimestre de 2011).

No conjunto dos meses de janeiro e fevereiro de 2012 e em comparação homóloga, o consumo privado aumentou para 1,7% em termos reais (1,6% no 4.º trimestre de 2011) e as exportações desaceleraram para 8,5% em termos nominais (10,5% no 4.º trimestre de 2011).

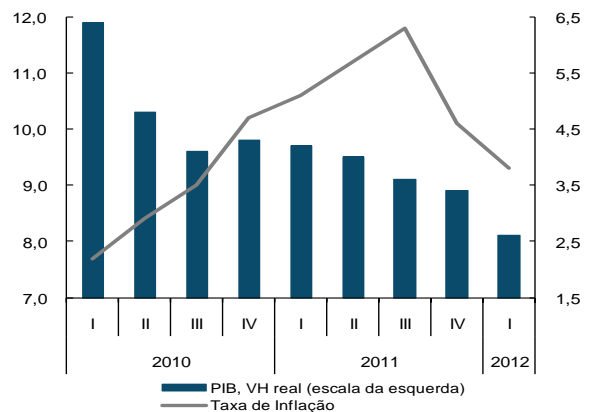
Figura 1.5. PIB e Índices de Confiança na Indústria e nos Serviços dos EUA



Fontes: Bureau of Economic Analysis; Institute for Supply Management. Nota: um valor >50 indica expansão e <50 representa contração da atividade.

No 1.º trimestre de 2012, o crescimento do PIB da **China** abrandou para 8,1% (8,9% no 4.º trimestre de 2011), apesar de demonstrar uma forte resistência face a um enquadramento internacional menos favorável. Para esta evolução contribuiu um crescimento menos forte das exportações e um abrandamento da procura interna, em parte, devido ao processo de reajustamento do mercado imobiliário. A taxa de inflação homóloga diminuiu para 3,8% no 1.º trimestre de 2012 (4,6% no 4.º trimestre de 2011).

Figura 1.6. PIB e Taxa de Inflação da China



Fonte: Instituto de Estatística da China.

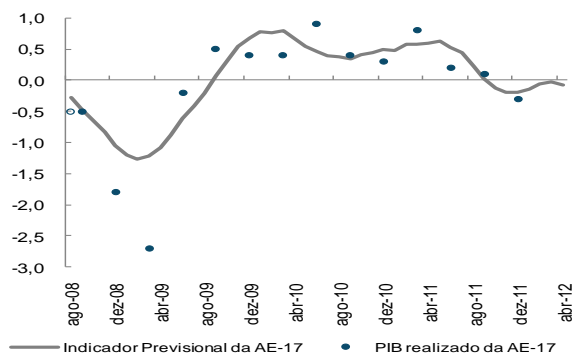
Quadro 1.2. Indicadores de Atividade Económica Extra-UE

Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011				2012	2011	2012			
				1T	2T	3T	4T			1T	dez	jan	fev
EUA – PIB real	VH	BEA	1,7	2,2	1,6	1,5	1,6	:	-	-	-	-	
Índice de Produção Industrial	VH	BGFRS	4,2	5,4	3,8	3,7	3,9	4,1	3,6	4,1	4,4	3,8	
Índice ISM da Indústria Transformadora	%	ISM	55,2	59,8	56,6	52,1	52,4	53,3	53,1	54,1	52,4	53,4	
Índice ISM dos Serviços	%	"	57,3	62,1	55,0	56,8	55,1	60,3	55,9	59,5	62,6	58,9	
Indicador de Confiança dos Consumidores	SRE	Michigan	67,4	73,1	71,9	59,6	65,0	75,5	69,9	75,0	75,3	76,2	
Taxa de Desemprego	%	BLS	9,0	9,0	9,0	9,1	8,7	8,3	8,5	8,3	8,3	8,2	
China – PIB real	VH	NBSC	9,2	9,7	9,5	9,1	8,9	8,1	-	-	-	-	
Exportações	VH	MC	20,3	25,3	22,4	20,7	14,4	8,9	13,4	-0,5	18,4	8,8	
Japão – PIB real	VH	COGJ	-0,7	-0,1	-1,7	-0,5	-0,6	:	-	-	-	-	

Atividade Económica da UE

No 1.º trimestre de 2012, o indicador de sentimento económico apresentou uma ligeira melhoria tanto na União Europeia (UE) como na área do euro (AE), em resultado da subida da generalidade dos indicadores de confiança, com exceção do comércio a retalho, o qual se deteriorou face ao 4.º trimestre de 2011. Porém, consoante o indicador previsional do Banco de Itália, o PIB da AE deteriorou-se ligeiramente, em abril, face aos dois meses precedentes, perspetivando a continuação de uma variação negativa (-0,3% no 4.º trimestre de 2011).

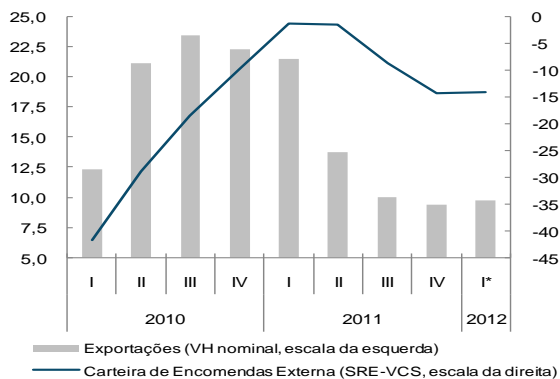
Figura 1.7. Indicador mensal da Área do Euro (€ Coin) e PIB Trimestral da AE-17 (VC real, em %)



Fontes: Banco de Itália; Eurostat.

No conjunto dos meses de janeiro e fevereiro de 2012, os indicadores quantitativos para área do euro indicam uma quebra da produção industrial e das vendas a retalho; enquanto as exportações, reforçaram o seu crescimento.

Figura 1.8. Exportações e Encomendas Externas da Área do Euro

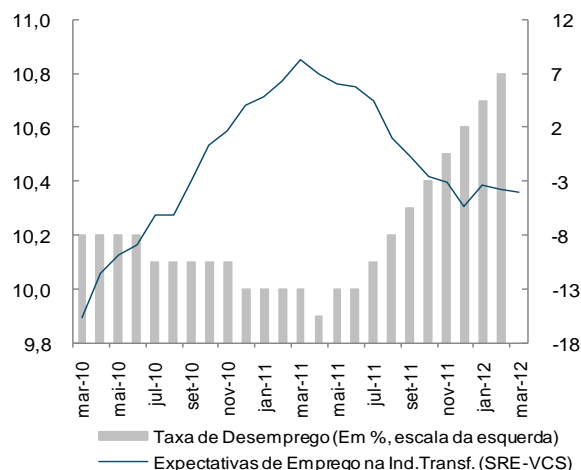


Fontes: Comissão Europeia; Eurostat. * P/ Exportações, média dos meses de janeiro e fevereiro.

Em fevereiro de 2012, a taxa de desemprego subiu tanto na AE como na UE, para 10,8% e 10,2%, respetivamente (10,7% e 10,1%, em janeiro de 2012).

Em março de 2012, as expectativas dos empresários da área do euro quanto à criação de emprego pioraram para os sectores da indústria transformadora e da construção; enquanto melhoraram para os serviços e para o comércio a retalho.

Figura 1.9. Taxa de Desemprego e Expectativas de Emprego na Indústria da Área do Euro



Fontes: Comissão Europeia; Eurostat.

Em março de 2012, a taxa de inflação da área do euro manteve-se em 2,7% em termos homólogos, pelo 4.º mês consecutivo e, em 2,8% em termos de variação dos últimos 12 meses. A evolução da inflação do mês de março em termos homólogos, refletiu, por um lado, uma desaceleração dos preços dos bens energéticos (de 9,5% para 8,5%) e, por outro, um aumento da variação homóloga dos preços dos bens industriais não energéticos (de 1% para 1,4%).

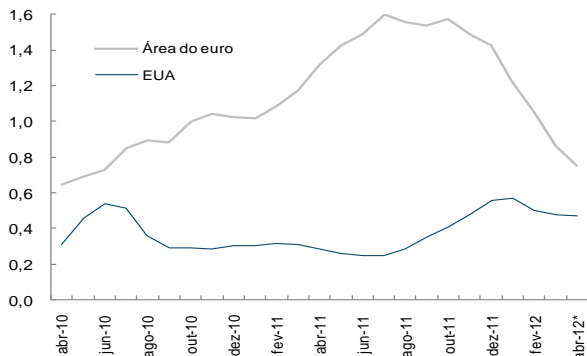
Quadro 1.3. Indicadores de Atividade Económica da UE

Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011				2012	2011	2012		
				1T	2T	3T	4T			1T	dez	jan
União Europeia (UE-27) – PIB real	VH	Eurostat	1,5	2,4	1,6	1,4	0,8	:	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	100,3	106,4	104,6	97,5	92,6	93,3	91,6	92,8	94,0	93,2
Área do Euro (AE-17) – PIB real	VH	Eurostat	1,5	2,4	1,6	1,3	0,7	:	-	-	-	-
Indicador de Sentimento Económico	Índice	CE	101,0	106,9	105,2	98,4	93,6	94,1	92,8	93,4	94,5	94,4
Índice de Produção Industrial	VH	Eurostat	3,6	6,8	3,9	3,8	-0,1	:	-1,3	-1,3	-1,7	:
Índice de Vendas a Retalho	VH real	"	-0,6	0,2	-0,5	-0,7	-1,4	:	-2,1	-1,3	-1,7	:
Taxa de Desemprego	%	"	10,2	10,0	10,0	10,2	10,5	:	10,6	10,7	10,8	:
IHPC	VH	"	2,7	2,5	2,8	2,7	2,9	2,7	2,7	2,7	2,7	2,7

Mercados Financeiros e Matérias-Primas

Em abril de 2012 e até ao dia 26, as taxas de juro de curto prazo continuaram a diminuir de forma significativa na área do euro; enquanto estabilizaram nos EUA. Com efeito, a taxa Euribor a 3 meses situou-se em 0,75% (0,86%, em março) e a dos EUA manteve-se em 0,47%.

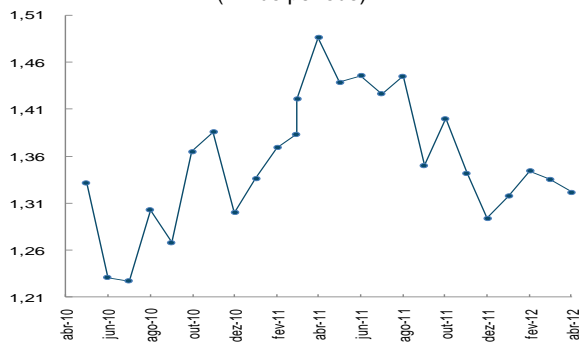
Figura 1.10. Taxa de Juro a 3 Meses do Mercado Monetário (Média mensal, em %)



Fonte: BCE; IGCP. * Média até ao dia 26.

Em março de 2012, a evolução das taxas de juro de longo prazo na área do euro, refletiu, por um lado, a diminuição das tensões nos mercados financeiros devido às operações de cedência de liquidez do BCE, de finais de fevereiro, e do Acordo concluído a 9 de março sobre a reestruturação da dívida soberana grega e, por outro, a partir da 2ª quinzena do mês, a existência de novas preocupações relativas às perspetivas de curto prazo da economia da área do euro.

Figura 1.11. Taxa de Câmbio do Euro face ao Dólar (fim do período)

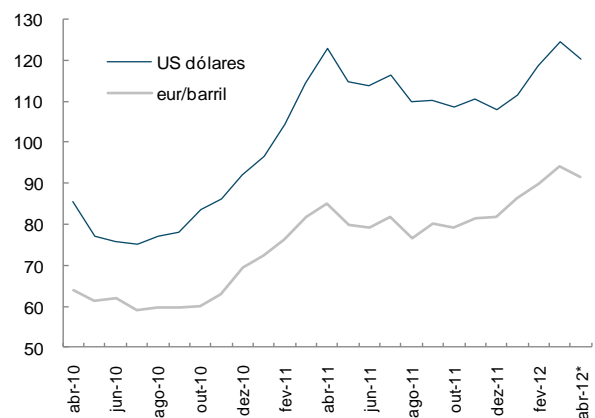


Fonte: Banco de Portugal. Para abril, o valor é do dia 26.

Em abril, a taxa de câmbio do euro face ao dólar depreciou-se, situando-se em 1,32 no dia 26 (1,34 no final do mês de março). Para esta evolução, tem contribuído, em parte, a continuação da perceção negativa da sustentabilidade das finanças públicas em alguns estados-membros da área do euro, tal como em Espanha.

Em março de 2012, o índice de preços relativo do preço do petróleo importado subiu para 93,5 (por memória atingiu o valor 100 durante a crise petrolífera de 1979). Em abril de 2012, e até dia 26, o preço do petróleo Brent diminuiu ligeiramente para se situar, em média, em 120 USD/bbl (92 €/bbl), apesar de manter-se a um nível elevado.

Figura 1.12. Preço médio Spot do Petróleo Brent (Em USD e euros)



Fontes: DGEG, IGCP e BP. * Média dos dias 1 a 26.

No 1.º trimestre de 2012, o preço das matérias-primas não energéticas tornou a desacelerar, tendo diminuído 13,7% em termos homólogos (-6,3% no 4.º trimestre de 2011), abrangendo a globalidade dos produtos, especialmente os agrícolas e os alimentares e bebidas.

Quadro 1.4. Indicadores Monetários e Financeiros Internacionais

Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011				2012	2011	2012		
				1T	2T	3T	4T	1T	dez	jan	fev	mar
Taxa Euribor a 3 meses*	%	BP	1,36	1,23	1,55	1,55	1,36	0,78	1,36	1,13	0,98	0,78
Yield OT 10 anos – EUA**	%	Eurostat	2,79	3,46	3,21	2,43	2,05	2,04	1,98	1,97	1,97	2,17
Yield OT 10 anos – Área do euro**	%	"	4,41	4,32	4,51	4,30	4,53	4,42	4,63	4,65	4,45	4,16
Taxa de Câmbio*	Eur/USD	BP	1,294	1,421	1,445	1,350	1,294	1,336	1,294	1,32	1,34	1,34
Dow Jones*	VC	Yahoo	5,5	6,4	0,8	-12,1	12,0	8,1	1,4	3,4	2,5	2,0
DJ Euro Stoxx50*	VC	"	-17,1	4,2	-2,1	-23,5	6,3	6,9	-0,6	4,3	3,9	-1,4
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	USD/bbl	DGEG	110,82	105,15	117,04	112,18	108,94	118,21	107,86	111,52	118,74	124,38
Spot do Petróleo Brent em USD/bbl**	VH	"	38,2	36,2	47,2	45,9	24,9	12,4	17,4	15,4	13,9	8,6
Spot do Petróleo Brent em euros/bbl**	VH	DGEG e BP	31,7	37,7	30,2	33,4	25,8	17,3	17,78	19,42	17,56	15,16
Preço Relativo do Petróleo em euros***	1979=100	GEE	79,7	74,1	82,9	78,2	81,2	88,4	82,8	83,0	88,8	93,5

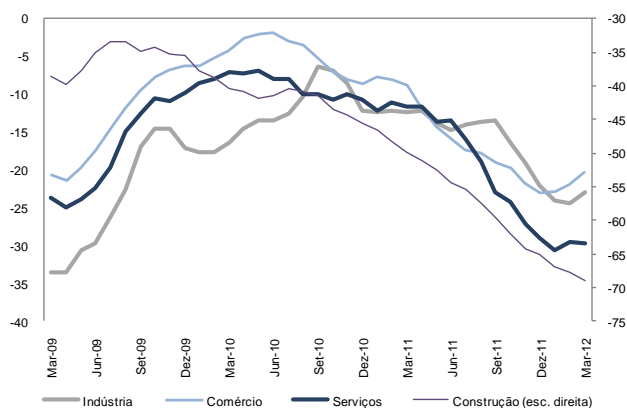
* Fim de período; ** Valores médios; *** Preço Relativo do Petróleo é o rácio entre o preço de importação de ramas de petróleo bruto em euros e o deflador do PIB em Portugal (sempre que não haja deflador, utiliza-se o último deflador conhecido). Nota: O preço do Petróleo Brent em 2009, 2010, 2011 e 2012 corresponde à média diária do IGCP.

2. Conjuntura Nacional

Atividade Económica e Oferta

No 1.º trimestre de 2012, o indicador de clima económico divulgado pelo INE voltou a agravar-se tendo registado o valor mais baixo desde 2005. Também, o indicador de atividade económica voltou a desacelerar no trimestre terminado em fevereiro.

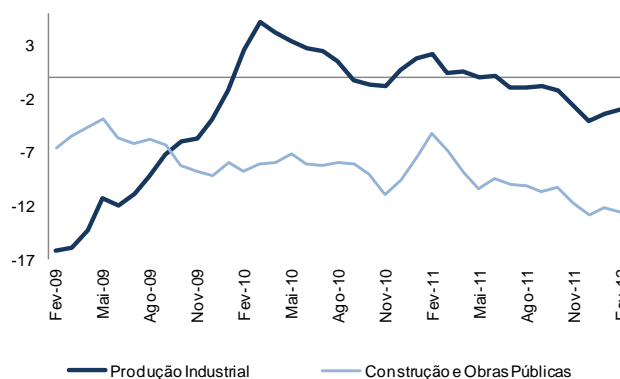
Figura 2.1. Indicadores de Confiança (SRE, MM3)



Fonte: INE

De facto, no 1.º trimestre de 2012, e face ao 4.º trimestre de 2011 registou-se uma melhoria nos indicadores de confiança da indústria e comércio e um agravamento nos serviços e construção.

Figura 2.2. Índice de Produção



Fonte: INE.

Nos dois primeiros meses do ano, os dados quantitativos mostram que, em termos médios homólogos:

- na indústria transformadora, o índice de produção apresentou uma quebra de 1,6%, enquanto o índice de volume de negócios cresceu 1,6%, (-4% e +0,2%, no 4.º trimestre, respetivamente).
- o Índice de Produção na Construção e obras públicas registou uma variação de -12,3%, (-12,8%, no último trimestre).
- os índices de volume de negócios nos serviços e no comércio a retalho registaram quebras de 6,7% e 6,5, respetivamente, (-12,2%, e -8,3%, respetivamente no último trimestre do ano passado).

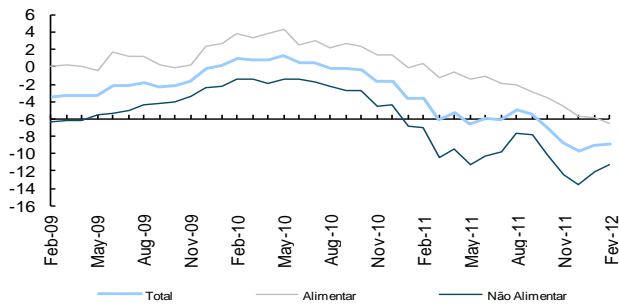
Quadro 2.1. Indicadores de Atividade Económica e Oferta

Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011			2012	2011	2012		
				2T	3T	4T	1T	dez	jan	fev	mar
PIB – CN Trimestrais	VH Real	INE	-1,6	-1,1	-1,9	-2,8	:	:	:	:	:
Indicador de Clima Económico	SRE-VE	"	-2,7	-2,5	-3,1	-4,4	-4,7	-4,4	-4,7	-4,9	-4,8
Indicador de Confiança da Indústria	SRE-VCS	"	-15,7	-14,8	-13,5	-22,0	-22,9	-25,9	-24,8	-22,7	-21,2
Indicador de Confiança do Comércio	"	"	-16,7	-15,9	-19,0	-23,0	-20,3	-23,1	-21,9	-20,8	-18,3
Indicador de Confiança dos Serviços	"	"	-19,2	-13,5	-23,0	-28,9	-29,7	-29,8	-29,9	-29,0	-30,1
Indicador de Confiança da Construção	"	"	-57,2	-54,4	-59,6	-65,1	-69,0	-65,3	-68,2	-69,4	-69,3
Índice de Produção Industrial – Ind. Transf.	VH	"	0,5	0,2	-0,8	-4,0	:	-5,6	-0,8	-2,4	:
Índice de Volume de Negócios – Ind. Transf.	"	"	7,4	8,1	4,7	0,2	:	-4,9	1,9	1,3	:
Índice de Volume de Negócios - Serviços	"	"	-2,3	-5,2	-5,9	-11,8	:	-14,4	-7,4	-7,5	:

Consumo Privado

No trimestre terminado em fevereiro de 2012, o índice de volume de negócios no comércio a retalho (IVNCR), apresentou em termos homólogos um decréscimo de 8,9%, um agravamento de 1,1 p.p. face a janeiro. Para a evolução do índice, contribuiu fundamentalmente a variação mais negativa dos bens alimentares com uma variação homóloga de -7,7%, uma diminuição de 2,3 p.p. face a janeiro.

Figura 2.3. Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho (MM3, VH)

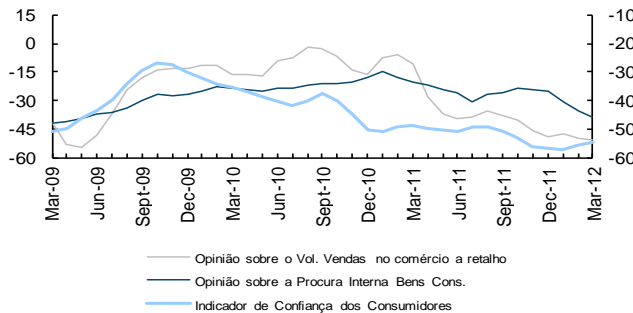


Fonte: INE.

Relativamente ao comportamento da procura interna dos bens de consumo produzidos pela indústria, observou-se novamente em março um agravamento do sentimento dos empresários em relação à sua atividade, traduzido na diminuição da média móvel dos últimos três meses tal como já tinha acontecido no mês anterior. Assim março foi um mês em que a confiança dos empresários diminuiu de uma forma generalizada.

O indicador de confiança dos consumidores, medida pela média móvel dos últimos três meses, registou em março uma ligeira melhoria face ao mês anterior. Por outras palavras, o otimismo dos consumidores em relação à atividade económica e a propensão para consumir melhorou moderadamente.

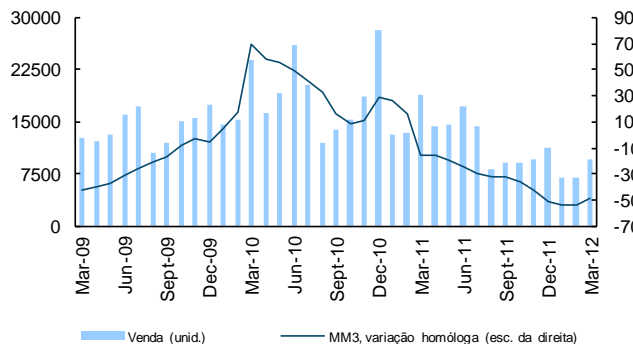
Figura 2.4. Opiniões dos Empresários e Confiança dos Consumidores (SRE-VE, MM3)



Fonte: INE.

No mês de março, as vendas de veículos automóveis totalizaram os 9 622 veículos, mais 2 692 unidades vendidas que o mês anterior (variação em cadeia de 38,8%). Em termos homólogos, a venda veículos registou uma quebra de 49,2% (um agravamento de 0,8 p.p. face ao mês anterior). Contudo, podemos concluir que março foi um mês de recuperação das vendas de automóveis face ao baixo nível de vendas observado nos dois primeiros meses do ano de 2012.

Figura 2.5. Venda de Automóveis Ligeiros de Passageiros



Fonte: ACAP.

Quadro 2.2. Indicadores de Consumo Privado

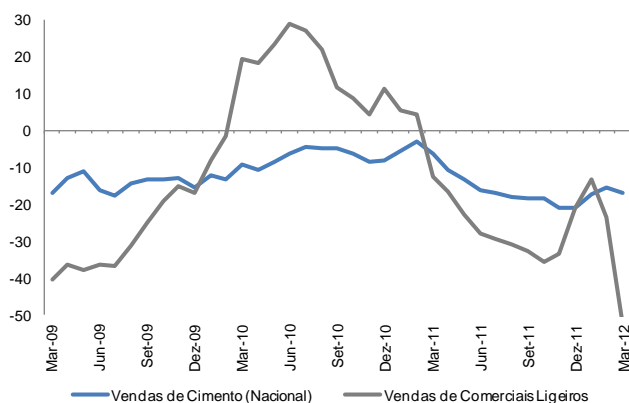
Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011				2012	2012			
				1T	2T	3T	4T		1T	Dez	Jan	Fev
Consumo Privado - CN Trimestrais	VH real	INE	-3,9	-2,3	-3,3	-3,4	-6,5	:	-	-	-	-
Indicador de confiança dos Consumidores	SRE-VE	"	-52	-48	-51	-51	-57	-54	-56	-57	-54	-53
Volume de Vendas no Comércio a Retalho*	VH	"	-34	-11	-39	-38	-49	-51	-52	-41	-55	-57
Índice de Vol. De negócios no Comércio a Retalho*	VH	"	-6,8	-6,1	-5,9	-5,5	-9,7	:	-10,1	-7,8	-8,9	-
Bens Alimentares	VH	"	-2,7	-1,2	-1,1	-2,9	-5,7	:	-6,5	-5,4	-7,7	-
Bens não alimentares	VH	"	-10,5	-10,4	-10,2	-7,9	-13,5	:	-13,5	-10,1	-10,1	-
Vendas de Automóveis Ligeiros de Passageiros**	VH	ACAP	-31,3	-15,2	-24,7	-31,5	-51,7	-48,4	-60,1	-47,4	-48,4	-49,2
Importação de Bens de Consumo ***	VH	INE	-2,1	2,6	-2,7	-0,8	-6,7	:	-5,4	-1,2	-4,1	-

* Índices deflacionados, corrigidos de sazonalidade e de dias úteis; ** Inclui veículos Todo-o-Terreno e Monovolumes com mais de 2300 Kg; *** Exclui material de transporte.

Investimento

Os dados disponíveis sobre o investimento para o 1.º trimestre de 2012, apontam para uma quebra menos acentuada de todas as componentes do investimento, com exceção das vendas de veículos comerciais ligeiros.

Figura 2.6. Vendas de Cimento e de Veículos Comerciais Ligeiros
(VH, MM3)

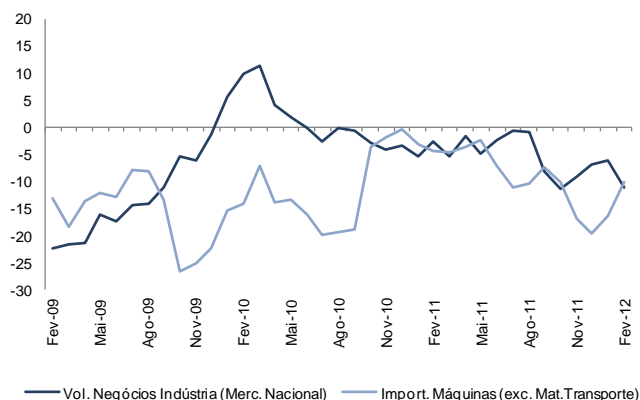


Fontes: ACAP, SECIL e CIMPOR

Assim:

- as vendas de cimento apresentaram quebras menores do que no 4.º trimestre de 2011 (-17,1% face a -21,1%);
- as vendas de veículos comerciais ligeiros apresentaram uma quebra de 52,6% (-31,7 p.p. face ao trimestre anterior);
- a opinião dos empresários sobre a evolução das vendas de bens de investimento no comércio por grosso, melhorou neste trimestre face ao 4.º trimestre.

Figura 2.7. Bens de Equipamento
(VH, MM3)



Fonte: INE.

No mês de fevereiro, em termos médios homólogos, as licenças de construção de fogos acentuaram as quebras face a janeiro (-35,6% face a -22,8%). O índice de volume de negócios na indústria de bens de investimento para o mercado nacional agravou-se 6,4 p.p.. As importações de bens de capital, exceto material de transporte melhoraram significativamente, apresentando uma variação de 0,8% (+7,8 p.p. face ao mês anterior).

Quadro 2.3 Indicadores de Investimento

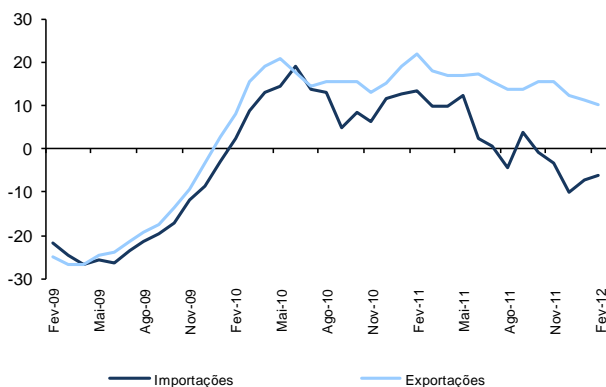
Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011			2012	2011	2012		
				2T	3T	4T	1T	dez	jan	fev	mar
FBC – CN Trimestrais	VH Real	INE	-14,0	-12,3	-13,6	-24,3	:	:	:	:	:
da qual, FBCF	VH Real	INE	-11,4	-10,5	-12,1	-16,1	:	:	:	:	:
Indicador de FBCF	SRE-VE	"	-9,0	-10,4	-12,2	-14,6	:	-14,6	-13,4	-13,2	:
Vendas de Cimento	VH	SECIL e CIMPOR	-11,1	-16,3	-18,6	-21,1	-17,1	-19,1	-8,2	-19,4	-22,5
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	VH	ACAP	-23,6	-28,1	-32,7	-20,9	-52,6	-4,2	-14,0	-69,6	-66,1
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	VH	"	-17,3	-0,5	-41,0	-48,4	-45,4	-68,9	-30,8	-62,0	-50,3
Volume Vendas Bens de Investimento*	SRE-VE	INE	-42,0	-43,6	-45,9	-56,6	-47,2	-50,9	-49,0	-47,9	-44,8
Licenças de Construção de fogos	VH	"	-32,3	-38,6	-30,3	-36,0	:	-40,6	-22,8	-35,6	:
Importações de Bens de Capital**	VH	"	-9,6	-7,1	-7,3	-19,6	:	-19,9	-6,9	0,8	:
Índice Vol. Negócios da IT de Bens de Inv.***	VH	"	-6,0	-2,2	-8,1	-6,7	:	-10,7	-8,0	-14,4	:

* no Comércio por Grosso; ** excepto Material de Transporte; *** para o Mercado nacional

Contas Externas

Em termos homólogos, os dados relativos ao comércio internacional de bens divulgados pelo INE para fevereiro apontam para uma quebra de 3,5% das importações (-6,6 p.p. face a janeiro) e uma variação de 13,2% das exportações (-0,1 p.p. face ao mês anterior).

Figura 2.8. Fluxos do Comércio Internacional
(VH, MM3, %)



Fonte: INE.

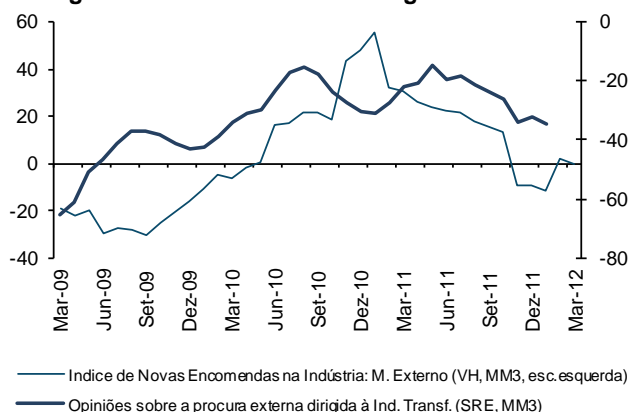
O mercado extracomunitário contribuiu com 8,1 p.p. para o crescimento das exportações, enquanto os parceiros da UE foram responsáveis por 5,2 p.p.

No que diz respeito às importações, a quebra de 3,5 % teve como maior contributo o mercado intracomunitário, com -6,6 p.p. enquanto as importações extracomunitárias contribuíram com 3,0 p.p., com destaque para o aumento das importações de *combustíveis e lubrificantes*.

No trimestre terminado em fevereiro, e em termos médios, as novas encomendas à indústria do mercado externo cresceram 2,3% (+13,8 p.p. face a janeiro).

No 1.º trimestre de 2012 as opiniões sobre a procura externa na indústria desaceleraram 13,0 p.p. face ao último trimestre de 2011.

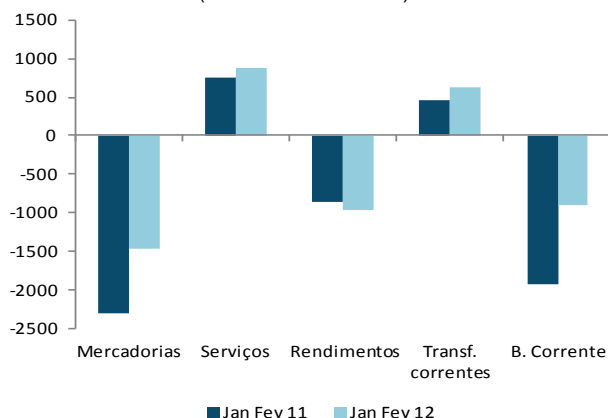
Figura 2.9. Procura Externa dirigida à Indústria



Fonte: INE.

Até fevereiro de 2012, o défice acumulado da balança corrente foi de 907 milhões de euros, o que representa uma redução de 1 022 milhões de euros em termos homólogos. Este resultado traduz uma melhoria em todos os saldos, incluindo da balança de bens e serviços em 973 milhões de euros.

Figura 2.10. Balança Corrente: composição do saldo
(em milhões de euros)



Fonte: INE.

O défice da balança corrente e de capital apresentou uma redução de 1 296 milhões de euros, o que se representa numa diminuição das necessidades de financiamento externo da economia face a igual período do ano anterior.

Quadro 2.4. Indicadores de Contas Externas

Indicador	Unidade	Fonte	2010	2011	2011					2011		2012	
					4T	1T	2T	3T	4T	nov	dez	jan	fev
Exportações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	INE	8,8	7,4	7,7	8,4	8,8	6,7	5,8	:	:	:	:
Importações (B&S) - CN Trimestrais	VH real	"	5,4	-5,5	4,1	-1,1	-4,3	-2,7	-13,5	:	:	:	:
Saldo de bens e serviços	% PIB	"	7,2	3,9	7,5	5,6	4,9	3,7	12	:	:	:	:
Necessid. de financiamento da economia	% PIB	"	-8,3	-5,1	-5,5	-7,2	-7,9	-5,4	0,2	:	:	:	:
Saídas de mercadorias	VH nom	"	16,0	15,2	22,0	17,9	17,3	13,7	12,3	16,5	3,9	13,3	13,2
Entradas de mercadorias	VH nom	"	11,0	1,1	13,4	9,7	2,4	3,9	-10,0	-6,9	-16,0	3,1	-3,5

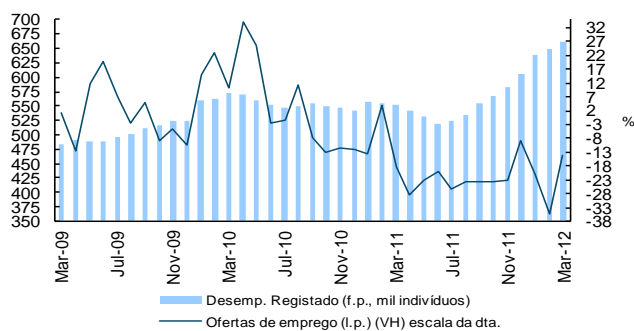
Indicador	Unidade	Fonte	2010	2011	2011		2012		Var. Acumulada
					fev	Jan Fev 11	fev	Jan Fev 12	
Saldo Balança Corrente e de Capital	10 ⁶ euros	BP	-15 008	-19 086	-551	-1806	-102	-510	1296
Saldo Balança de Bens	"	"	-19 206	-22 985	-1 126	-2 306	-544	-1 463	844
Saldo Balança de Serviços	"	"	6 533	6 602	368	758	483	887	129
Saldo Balança de Rendimentos	"	"	-7 035	-7 817	-361	-851	-535	-966	-115
Saldo Balança de Transf. Correntes	"	"	2 603	2 464	432	471	496	635	165

* valores preliminares divulgados pelo INE no âmbito do SDDS.

Mercado de Trabalho

De acordo com o IEFP em final de março os desempregados registados nos centros de emprego totalizaram os 661 mil, um crescimento homólogo de 19,8%. Face a fevereiro, verificou-se um aumento de 13,4 mil desempregados o que significa uma variação em cadeia de 2,1%, traduzindo-se na persistência da deterioração das condições de emprego.

Figura 2.11. Desemprego e Ofertas de Emprego
(N.º, VH)

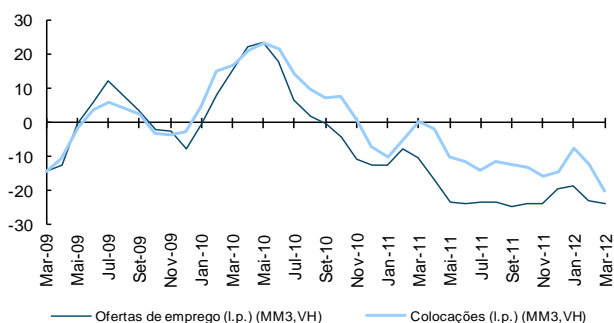


Fonte: IEFP.

Relativamente às ofertas de emprego, registou-se em março uma redução homóloga de 14,3%, 21,1 p.p. superior à verificada em fevereiro. Tal como já se tinha observado em 2011, a trajetória do número de ofertas de emprego ao longo do ano de 2012 apresenta um comportamento oscilante mas com uma tendência de queda em termos homólogos.

Por outro lado, março fica marcado positivamente por um aumento de 1,8 mil ofertas de emprego e uma variação em cadeia de 32%. No que diz respeito ao rácio entre as ofertas de emprego e o desemprego registado ao longo do mês, este mês registou uma melhoria ligeira da trajetória descendente que se havia iniciado em meados de 2011.

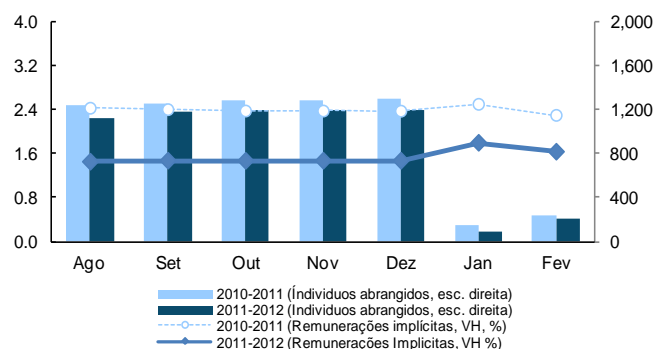
Figura 2.12. Ofertas de Emprego e Colocações
(MM3, VH)



Fonte: IEFP.

Segundo o IEFP, verificou-se em março uma quebra homóloga bastante significativa das colocações com uma diminuição na ordem dos 25,2%, uma melhoria de 5,4 p.p. face ao mês anterior. No total em março foram consideradas 627 colocações. Quando comparamos o total de colocações com o total de ofertas de emprego chegamos a um rácio de eficácia de 54,4% entre colocações e ofertas de emprego. Similarmente às ofertas de emprego, as colocações de emprego apresentam um comportamento ao longo dos meses bastante flutuante.

Figura 2.13. Contratação Coletiva



Fonte: MEE.

No que diz respeito ao número de trabalhadores abrangidos por instrumentos de regulamentação coletiva (IRCT) verificou-se um número de 201,5 mil trabalhadores em fevereiro, uma diminuição de 13,6% face a igual mês do ano anterior.

Quadro 2.5. Indicadores do Mercado de Trabalho

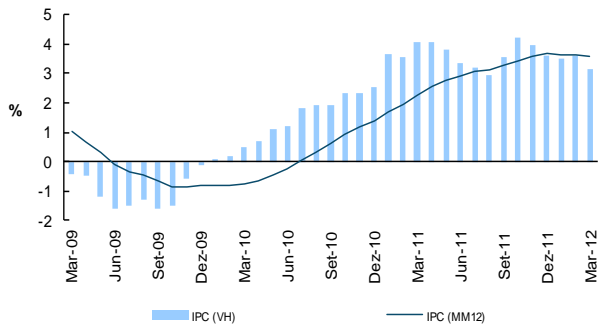
Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011				2012	2012			
				1T	2T	3T	4T	1T	Dez	Jan	Fev	Mar
Taxa de desemprego	%	INE	12,7	12,4	12,1	12,4	14,0	:	-	-	-	-
Emprego Total	VH	"	-2,8	-2,8	-2,0	-2,2	-4,3	:	-	-	-	-
Desemprego Registado (f.p.)	VH	IEFP	11,7	-3,5	-6,0	-0,3	11,7	:	11,7	14,4	16,6	19,8
Desempregados Inscritos (l.p.)	VH	"	5,3	-11,0	-2,2	10,7	25,3	:	35,2	19,9	19,6	19,9
Ofertas de Emprego (l.p.)	VH	"	-20,1	-10,3	-23,8	-24,5	-19,6	:	-8,8	-21,0	-35,4	-14,3
Contratação Coletiva	VHA	MEE	1,5	2,4	2,0	1,5	1,5	:	1,5	1,8	1,6	-
Índice do Custo do Trabalho* - Portugal	VH	INE	-0,3	0,8	-0,8	0,8	-1,7	:	-	-	-	-
Índice do Custo do Trabalho* - AE	VH	Eurostat	2,8	2,5	3,3	2,6	2,8	:	-	-	-	-

*Total, excluindo Administração Pública, Educação, Saúde e Outras Atividade; f.p. - no fim do período; l.p. ao longo do período.

Preços

Em março de 2012 registou-se uma ligeira desaceleração do Índice de Preços do Consumidor (IPC), verificando-se uma variação homóloga de 3,1%, 0,5 p.p. inferior à do mês anterior. A variação média dos últimos 12 meses do IPC atingiu os 3,6% este mês, 0,1 p.p. inferior ao valor apurado no mês anterior.

Figura 2.14. Taxa de Variação do IPC
(VH, em %)



Fonte: INE.

Ao contrário do mês anterior, registou-se em março uma ligeira desaceleração do IPC, a categoria que mais contribuiu para esta sua evolução foi o vestuário com uma quebra de 6%. O vestuário contrabalançou este mês, o efeito habitualmente positivo dos transportes e habitação, água e eletricidade com subidas de 4,7% e 9,8% respetivamente. As duas últimas categorias, são categorias onde se verifica um forte impacto do preço dos produtos energéticos onde se registou um aumento 11,2% este mês.

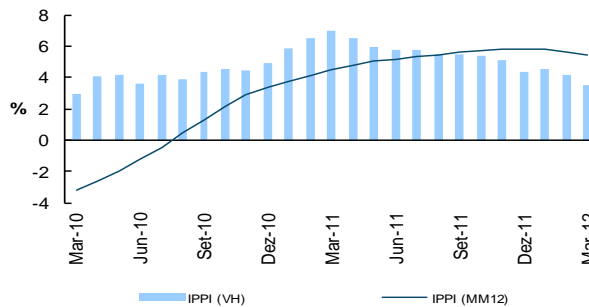
Por sua vez, os produtos alimentares e bebidas não alcoólicas e a saúde tiveram em março aumentos menos pronunciados que o mês anterior, registando-se crescimento 2,9% e 3,5%, respetivamente.

Os preços dos bens mantiveram a tendência de abrandamento com um crescimento de 3,2%, 0,5 p.p. inferior ao mês anterior. Por sua vez, índice de preços sobre os serviços registou este mês uma quebra, apresentando uma variação homóloga de 3,1%, 0,3 p.p. inferior a fevereiro. Em resultado destas trajetórias, o diferencial entre ambos reduziu-se dos 0,3 p.p. para apenas 0,1 p.p..

No mês de março a inflação subjacente (IPC excluindo bens alimentares não transformados e energéticos) reduziu-se em 0,3 p.p. para os 1,9%. O diferencial face ao IPC total diminuiu assim para os 1,3 p.p..

O Índice de Preços na Produção Industrial continuou este mês a sua tendência de desaceleração que já vem de meados de 2011, registando-se uma variação homóloga de 3,5%, 0,7 p.p. inferior à do mês passado. A variação média dos últimos 12 meses baixou 0,3 p.p. para os 5,2%.

Figura 2.15. Taxa de Variação do IPPI
(VH, %)



Fontes: INE.

Os bens de consumo não duradouros e a energia, com crescimentos de 1,7% e 10,1%, respetivamente, foram os agrupamentos industriais onde se verificaram os aumentos mais significativos. Analisando por secções, as maiores subidas verificaram-se na Captação, Tratamento e Distribuição de Água com 6,6%; e de 10,8% na Eletricidade, Gás, Vapor, Água Quente e Ar Frio.

Em março a variação homóloga do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) em Portugal foi de 3,1%, diminuindo 0,5 p.p. face à variação verificada no mês anterior. O diferencial entre as taxas de variação homólogas do IHPC entre Portugal e a zona euro diminuiu em 0,3 p.p., ou seja, o nível geral de preços em Portugal desacelerou enquanto os restantes países que compõem a zona euro mantiveram o seu índice inalterado, traduzindo-se numa convergência do IHPC.

Quadro 2.6. Indicadores de Preços

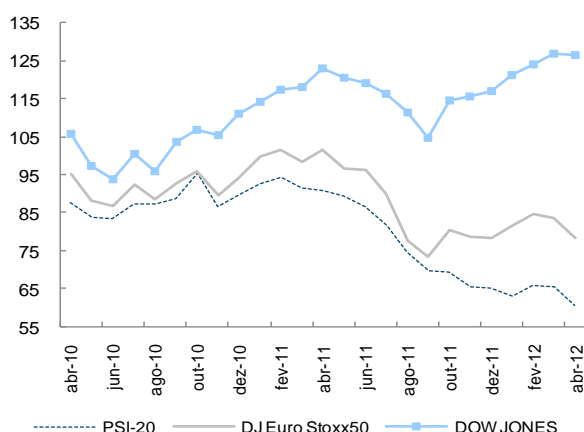
Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011						2012		
				jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar
Índice de Preços no Consumidor	VC	INE	:	-0,1	-0,4	0,8	1,1	-0,1	0,0	0,5	0,1	1,2
Índice de Preços no Consumidor	VH	INE	:	3,2	2,9	3,6	4,2	3,9	3,6	3,5	3,6	3,1
Índice de Preços no Consumidor	VM12	"	3,7	3,1	3,1	3,3	3,4	3,6	3,7	3,6	3,7	3,6
IPC - Bens	VH	"	4,4	3,6	3,1	4,2	5,4	5,0	4,4	3,9	3,7	3,2
IPC - Serviços	"	"	2,5	2,5	2,6	2,5	2,4	2,3	2,5	2,8	3,4	3,1
IPC excl. aliment. não transf. e energéticos	"	"	2,3	2,1	1,8	2,5	3,0	2,1	2,3	2,1	2,2	1,9
Índice de Preços na Produção Industrial	VH	"	5,8	5,8	5,5	5,5	5,5	5,2	4,4	4,6	4,2	3,5
IHPC	"	"	3,5	3,0	2,8	3,5	4,0	3,8	3,5	3,4	3,6	3,1
Diferencial IHPC vs. Área do eiro (VH)	p.p.	Eurostat	0,7	0,5	0,2	0,5	1,0	0,8	0,7	0,7	0,8	0,5

Mercado de Capitais, Crédito e Taxas de Juro

No decurso do mês de abril de 2012, assistiu-se a uma diminuição dos índices bolsistas da área do euro, invertendo a tendência positiva registada no 1.º trimestre de 2012. Para esta evolução, contribuiu, em parte, o enfraquecimento das perspetivas económicas de curto prazo, atingindo sobretudo a desvalorização dos títulos do sector financeiro. Já em relação aos índices bolsistas dos EUA, assistiu-se a uma quase estabilização.

Assim, em abril de 2012 e, até dia 26, o índice *Euro Stoxx50* diminuiu 5,4% face ao final do mês de março e o *Dow Jones* situou-se, a 26 de abril, quase ao mesmo nível do final do mês de março.

Figura 2.16. Índices Bolsistas
(dezembro 2009=100, fim do período)

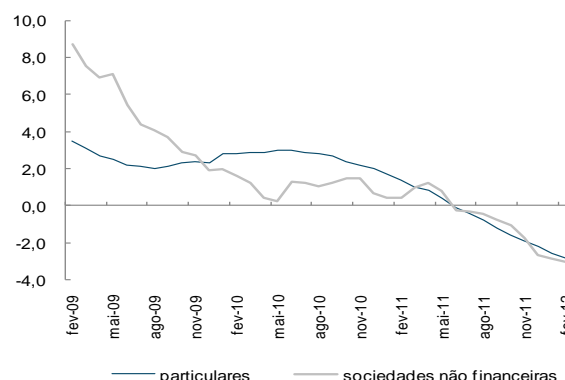


Fontes: CMVM; *Finance Yahoo*. Para abril, o valor é do dia 26.

À semelhança do índice bolsista da área do euro, o índice PSI-20 também apresentou, em abril, uma evolução desfavorável, invertendo a evolução positiva registada no 1.º trimestre. Com efeito, em abril e, até ao dia 26, o índice PSI-20 diminuiu 5,3% face ao final do mês de março.

Em fevereiro de 2012, o ritmo de crescimento dos empréstimos ao sector privado não financeiro continuou a desacelerar, tendo a taxa de variação anual diminuído para -2,9% (-2,7% em janeiro), abrangendo tanto o crédito atribuído às empresas não financeiras como às famílias.

Figura 2.17. Empréstimos ao Setor Privado
(va, em %)

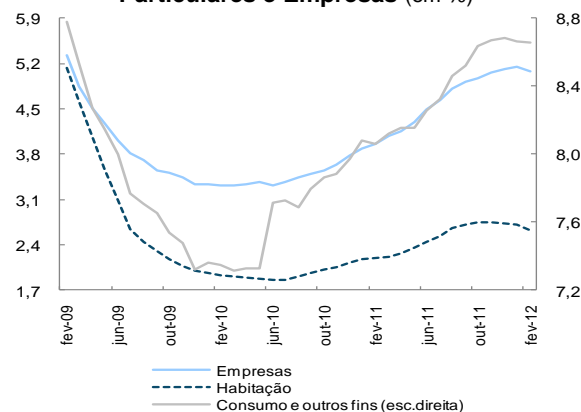


Fonte: Banco de Portugal.

Relativamente ao crédito destinado aos particulares, os empréstimos para a aquisição de habitação e ao consumo prosseguiram a tendência de desaceleração, tendo ambos apresentado, em fevereiro de 2012, uma taxa de variação negativa mais acentuada. Já em relação ao crédito destinado a outros fins, a variação foi menos negativa do que no mês precedente (de -4,0% para -3,9%).

As taxas de juro das operações do crédito diminuíram ligeiramente tanto para as empresas como para os particulares, invertendo a tendência ascendente registada desde meados de 2010.

Figura 2.18. Taxas de Juro de Empréstimos a Particulares e Empresas (em %)



Fonte: Banco de Portugal.

Quadro 2.7. Indicadores Monetários e Financeiros

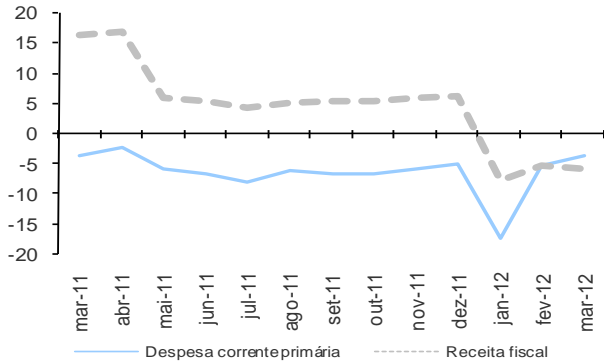
Indicador	Unidade	Fonte	2011	2011						2012		
				jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar
Yield OT 10 anos PT*	%	IGCP	12,9	10,6	10,2	10,8	11,5	13,5	12,9	14,3	13,3	11,3
Yield OT 10 – Spread Portugal face a Alemanha*	p.b.	"	1111	803	795	895	952	1120	1111	1251	1154	955
PSI 20*	VC	CMVM	-27,6	-5,9	-8,3	-6,8	-0,4	-5,7	-0,8	-3,1	4,8	-0,5
Empréstimos a particulares: - para habitação	va**	BP	-1,6	0,0	-0,3	-0,7	-1,0	-1,3	-1,6	-1,9	-2,2	:
- para consumo	va**	"	-5,8	-3,1	-3,7	-4,2	-4,5	-5,7	-5,8	-7,0	-7,4	:
Empréstimos a empresas	va**	"	-2,7	-0,3	-0,4	-0,7	-1,0	-1,7	-2,7	-2,9	-3,1	:
Taxa de Juro de empréstimos p/ habitação*	%	"	2,73	2,54	2,66	2,71	2,74	2,74	2,73	2,71	2,63	:
Taxa de Juro de empréstimos p/ empresas*	%	"	5,12	4,64	4,82	4,92	4,97	5,06	5,12	5,14	5,08	:

* Fim de período; ** Variação anual. Nota: As taxas de variação anual são calculadas com base na relação entre saldos de empréstimos bancários em fim de mês, ajustados de operações de titularização, e transações mensais, as quais são calculadas a partir de saldos corrigidos de reclassificações, de abatimentos ao activo e de reavaliações cambiais e de preço.

Finanças Públicas – Estado

Até março, o valor provisório para o défice global do Estado, na ótica da contabilidade pública, foi de 1637,0 milhões de euros, o que representa um agravamento de 744,7 milhões de euros face ao período homólogo. O défice primário foi de 1023,2 milhões de euros, mais 321,9 milhões de euros do que o registado no ano anterior.

Figura 2.19. Execução Orçamental do Estado
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

A execução orçamental do Estado, face ao mesmo período de 2011, caracterizou-se por:

- uma diminuição da receita fiscal em 5,8%, justificada pelo decréscimo dos impostos indiretos e diretos em 6,1% e 5,4%, respetivamente. Com exceção do IRS, do Imposto Único de Circulação, do IABA e dos outros impostos indiretos, que apresentaram crescimento, os restantes impostos tiveram impacto negativo na receita fiscal: o IRC diminuiu 27,6% - justificado em parte pelo efeito base da antecipação da distribuição de dividendos em dezembro de 2010; o IVA 3,2% (dado ainda não refletir integralmente os efeitos das alterações do OE para 2012), o Imposto sobre veículos 47,5%, o Imposto de consumo sobre o tabaco 18,7%, o Imposto sobre os produtos petrolíferos e energéticos 7,0% e o imposto de selo 5,9%). A receita não fiscal registou um crescimento de 8,9%, refletindo, essencialmente, o comportamento das transferências, das participações para a ADSE e dos saldos da gerência; e
- um crescimento da despesa total em 3,5%, enquanto a despesa primária diminuiu 0,7%. Com efeito no aumento da despesa é de referir, essencialmente, o comportamento dos juros e outros encargos da dívida, justificado pelo pagamento do primeiro cupão da OT 6,4% fev 2016, emitida em 2011, e pelos encargos com juros de BT, das transferências de capital, devido à realização da transferência para a RTP com objetivo de amortizar passivos financeiros, e das transferências correntes para a Segurança Social, com o objetivo de financiar as responsabilidades do regime substitutivo dos bancários.

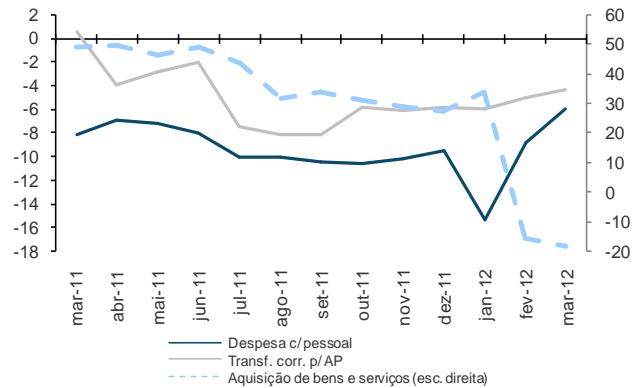
Quadro 2.9. Execução Orçamental do Estado

	2011		2012		2011		2012	
	jan a fev		jan a fev		nov		dez	
	10^6 euros		Exec. face OE corrig.* (%)		VHA (%)		VHA (%)	
Receita Total	6541	6259	16,4	23,6	5,9	14,5	-6,1	-4,3
Receita corrente	6389	6155	16,8	23,0	6,6	6,9	-4,8	-3,7
Impostos diretos	2008	1828	13,7	12,7	8,5	10,4	-18,8	-9,0
Impostos indiretos	3937	3802	19,9	18,1	3,9	2,9	0,5	-3,4
Despesa Total	6816	7057	13,6	15,2	-2,5	-3,6	-12,7	3,5
Despesa corrente primária	6288	5962	15,6	16,7	-5,9	-5,0	-17,2	-5,2
Despesa corrente	6438	6375	13,8	14,6	-2,7	-2,1	-16,2	-1,0
Despesa com pessoal	1510	1377	14,5	16,3	-10,2	-9,6	-15,4	-8,8
Aquisição bens e serviços	152	124	7,3	7,0	27,5	33,9	-15,7	-18,4
Subsídios	26	0	4,2	0,1	-53,0	-13,9	-99,7	-98,5
Juros	150	414	2,4	5,2	21,2	21,5	18,5	175,3
Transferências corr. p/ AP	3790	3755	16,1	17,1	-6,0	-5,0	-4,3	-0,9
Saldo Global	-274	-799	-	-	-	-	-	-
Saldo Primário	-124	-385	-	-	-	-	-	-

Nota: * Corresponde ao OE inicial corrigido das alterações orçamentais da competência do Governo, nomeadamente, os montantes cativos utilizados, as autorizações de despesa, e os reforços de dotação provisional. Fonte: DGO.

Em sentido contrário, salienta-se a diminuição das outras transferências correntes, devido principalmente à redução das transferências para o Serviço Nacional de Saúde, para a Administração Local e para o Ensino Superior, em consequência da integração na Administração Central de algumas instituições de ensino superior. Na evolução das despesas é ainda de salientar a redução das despesas com pessoal (-5,9%) e dos subsídios (-99,1%).

Figura 2.20. Despesa do Estado – principais componentes (VHA, em %)



Fonte: DGO.

No final de março, a dívida direta do Estado situava-se em 180,1 mil milhões de euros, reduzindo-se ligeiramente face ao mês anterior. Esta evolução ficou a dever-se, principalmente, à amortização líquida de BT (em 512,1 milhões de euros), à redução do stock de Certificados de Aforro (em 219,9 milhões de euros), à amortização antecipada da OT5% jun 2012 (no valor nominal de 56,2 milhões de euros). O saldo de CEDIC e de Certificados do Tesouro compensaram parcialmente a diminuição dos outros instrumentos, ao aumentarem 141,0 e 12,2 milhões de euros, respetivamente. Saliente-se ainda a operação de refinanciamento por parte do FEEF (em 994,1 milhões de euros) em contrapartida da amortização de um empréstimo (de 985,4 milhões de euros).

As variações cambiais no mês contribuíram para um aumento do saldo da dívida em 34,2 milhões de euros.

Quadro 2.8. Movimento da Dívida
(milhões de euros)

	29-fev-12	mar-12			30-mar-12
	Saldo	Emissões	Amortiz.	Outros	Saldo
Transacionável	122 355	3 510	4 120	4	121 749
Bilhetes do Tesouro	14 707	2 677	3 189	0	14 195
Obrigações do Tesouro	103 116	0	56	0	103 059
Não Transacionável	18 580	4 600	4 669	0	18 510
Cert. de Aforro e do Tesouro	12 259	51	259	0	12 051
CEDIC e CEDIM	4 343	3 525	3 384	0	4 484
Prog. de Assist. Financeira	39 776	994	0	27	39 812
Total	180 711	9 104	9 774	31	180 072

Fonte: IGCP.

Serviços e Fundos Autónomos

Serviços e Fundos Autónomos, excluindo o FRDP e as empresas públicas reclassificadas

Até março, e na ótica da contabilidade pública, o excedente global provisório dos Serviços e Fundos Autónomos (excluindo o FRDP e as empresas públicas reclassificadas) foi de 944,2 milhões de euros, o que representa uma melhoria de 73,2 milhões de euros face ao período homólogo. Chama-se a atenção para o facto da comparação dos dados em contabilidade pública dos SFA ser afetada pelas alterações ao universo de entidades abrangidas, bem como pela ausência de reporte de algumas entidades, as quais se refletem nas taxas de variação apresentadas¹.

A execução orçamental, face ao período homólogo, caracterizou-se por:

- uma diminuição da receita em 1,4%, que é explicada, principalmente, pelo efeito de base em 2011 relativo à incorporação do Fundo de Pensões da PT na CGA e pelo decréscimo das transferências do OE (-3,3%). Esta evolução é parcialmente compensada pela receita da atribuição dos direitos de utilização de frequência da 4.ª geração móvel, pelas transferências de capital da U.E., destinadas ao reembolso de projetos no âmbito do PRODER, e pelas outras receitas correntes, em consequência dos juros recebidos pela detenção de títulos da dívida pública portuguesa detidos pela CGA e da venda de BT pelo FRDP; e
- um decréscimo da despesa em 3,1%, explicada pela aquisição de bens e serviços, em consequência da diminuição dos valores pagos, pelo SNS, no âmbito dos contratos-programa com os hospitais EPE e da despesa em meios auxiliares de diagnóstico e terapêutica. De igual modo, as outras transferências de capital também contribuíram para este resultado, devido à diminuição da disponibilização de verbas pelo IFAP e pela reclassificação, de capital para corrente, das transferências para apoio a eventos e atividades de promoção e animação do Instituto de Turismo de Portugal. Os subsídios reduziram-se 48,2%, justificado pelo efeito de base em 2011 relativo aos pagamentos do FEAGA, assim como da redução das participações referentes a medidas de emprego e formação profissional.

Quadro 2.11. Execução Orçamental dos Serviços e Fundos Autónomos

	Serviços e Fundos Autónomos (excluindo Empresas Públicas Reclassificadas)						Empresas Públicas Reclassificadas	
	2011	2012	2011	2012	2012		2012	
	jan a mar		jan a mar		fev	mar	jan a mar	
	10 ⁶ euros		Exec. face OE corrig. (%)		VHA (%)		10 ⁶ euros	Exec. face OE corrig. (%)
Receita Total	5 700	5 622	22,1	22,8	0,4	-1,4	889	25,3
Contribuições p/ Seg. Social, CGA e ADSE	833	851	20,1	24,5	2,9	2,2	-	-
Transferências correntes das Adm. Públicas	3 630	3 510	22,8	24,5	-4,2	-3,3	101	19,8
Despesa Total	4 829	4 678	18,9	21,4	-2,5	-3,1	957	20,2
Despesa com pessoal	552	578	17,2	22,2	9,2	4,7	164	24,2
Aquisição de bens e serviços	1811	1668	21,3	22,2	-4,0	-7,9	143	16,9
Transferências correntes	2 142	2 179	19,4	22,4	1,1	1,7	3	11,9
Saldo Global	871	944	-	-	-	-	- 68	-

Fonte: DGO.

¹Para mais detalhe sobre as alterações do universo dos SFA, veja-se a Caixa 2 do Relatório do Orçamento do Estado para 2012.

²Considerando a despesa efetivamente realizada e os compromissos assumidos, em consonância com o princípio de registo em base de compromissos.

Empresas públicas reclassificadas

Até março, e na ótica da contabilidade pública, o défice global das empresas públicas reclassificadas (EPR) foi de 68,1 milhões de euros, agravando-se 157,3 milhões de euros relativamente ao mês anterior. A execução é explicada, fundamentalmente pelo aumento dos encargos financeiros com empréstimos bancários e com despesa de investimento da REFER, E.P.E e da Parque Escolar, E.P.E. e pelo pagamento, pelo Metro do Porto, S.A., de liquidações de IVA que tinham sido objeto de impugnação judicial. Do lado da receita registou-se o acréscimo de receita do imposto sobre produtos petrolíferos recebida pela Estradas de Portugal.

Serviço Nacional de Saúde (SNS)

Até março, a execução financeira consolidada² provisória do SNS aponta para um défice de 74,3 milhões de euros, o que compara com o excedente de 6,5 milhões de euros no período homólogo. A execução financeira, face a 2011, caracterizou-se por:

- um decréscimo da receita em 9,4%, justificado pela redução da transferência do Orçamento do Estado, no âmbito do financiamento do sistema de saúde; e
- uma diminuição da despesa em 5,5%, devido essencialmente à diminuição da despesa com subcontratos (onde se destacam as reduções observadas nos outros serviços de saúde - Hospitais E.P.E. e os meios complementares de diagnóstico e terapêutica) e das outras despesas.

Quadro 2.10. Execução financeira do Serviço Nacional de Saúde

	Serviço Nacional de Saúde			
	2011	2012	2011	2012
	jan a mar		jan a mar	
	10 ⁶ euros		VHA (%)	
Receita Cobrada	2 083	1 888	-0,8	-9,4
Transferências do Orçamento do Estado	2024	1826	-0,6	-9,8
Prestação de serviços	21	29	7,3	41,5
Outras receitas	39	33	-12,1	-15,6
Despesa Total	2 077	1 962	-5,4	-5,5
Despesa com pessoal	211	206	-14,1	-2,7
Subcontratos	1 750	1 671	-5,8	-4,5
Outras despesas	116	85	24,9	-26,5
Saldo Global	7	- 74	-	-

Fontes: Administração Central do Sistema de Saúde e DGO.

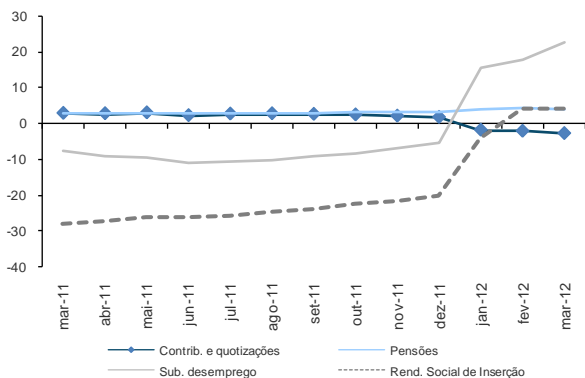
Segurança Social e Caixa Geral de Aposentações

Até março, o excedente da execução orçamental da Segurança Social, na ótica da contabilidade pública, foi de 278,2 milhões de euros, o que representa uma diminuição de 301,5 milhões de euros face ao mesmo período de 2011.

A execução orçamental da Segurança Social, em relação ao ano anterior, caracterizou-se por:

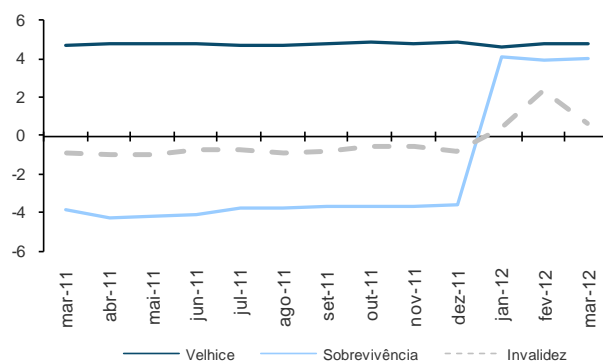
- um crescimento da receita em 1,1% em resultado da transferência da Administração Central para fazer face à despesa com pensões do Regime Substitutivo dos Bancário, das transferências do FSE e das outras receitas correntes. Em sentido contrário, verificou-se a diminuição das transferências do OE no âmbito da Lei de Bases da Segurança Social e das contribuições e quotizações (-2,5%); e
- um aumento da despesa em 7,1%, refletindo fundamentalmente o pagamento das pensões de velhice do Regime Substitutivo dos Bancários, das pensões (4,3%), do subsídio de desemprego e apoio ao emprego (22,6%) e das ações de formação profissional com suporte no FSE (17,9%). Em sentido contrário, salienta-se a diminuição da outra despesa corrente, da despesa com a ação social e das despesas de administração. No que respeita ao número de beneficiários, evidencia-se um acréscimo de 25,5% no subsídio de doença, de 22,6% nos subsídios de desemprego e social de desemprego e de 2,6% nas pensões de velhice da Segurança Social.

Figura 2.21. Execução Orçamental da Seg. Social
(VHA, em %)



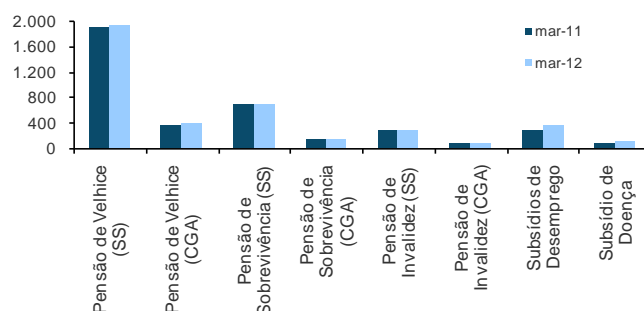
Fonte: DGO.

Figura 2.22. Despesa em Pensões da Seg. Social
(VHA, em %)



Fonte: DGO

Figura 2.23. Número de Pensões e Subsídios Atribuídos
(milhares, em final do mês)



Fontes: MTSS e CGA.

Em março, o saldo da Caixa Geral de Aposentações (CGA), em contabilidade pública, foi de 78,6 milhões de euros, que compara com 263,2 milhões de euros no período homólogo. A receita total diminuiu 5,7%, refletindo, fundamentalmente, a diminuição da receita de capital, devido à receita, recebida em 2011, da transferência do Fundo de pensões da PT. Esta evolução foi parcialmente compensada pelo aumento da comparticipação do OE, das quotas e contribuições para a CGA e das outras receitas correntes. A despesa total aumentou 3,3%, como resultado essencialmente do aumento da despesa com pensões.

Quanto ao número de beneficiários, salienta-se um acréscimo de 3,2% nas pensões de velhice e de 1,4% nas pensões de sobrevivência.

Quadro 2.12. Execução Orçamental da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações

	Segurança Social				Caixa Geral de Aposentações					
	2011		2012		2011		2012			
	jan a mar		jan a mar		jan a mar		jan a mar			
	10 ⁶ euros	10 ⁶ euros	VHA	Execução face ao OE (%)	10 ⁶ euros	10 ⁶ euros	VHA	Execução face ao OE (%)		
Receita Total	5744	5806	1,1	24,4	24,3	2134	2012	-5,7	22,7	24,2
Contribuições e quotizações	3391	3306	-2,5	24,7	24,0	832	850	2,1	20,1	24,5
Transferências correntes da Adm. Central	1719	1788	4,0	24,7	25,6	997	1144	14,8	22,4	27,1
Despesa Total	5164	5528	7,1	22,3	23,4	1871	1934	3,3	21,1	24,1
Pensões	3060	3190	4,3	21,2	22,1	1861	1924	3,4	21,5	24,1
Pensões de Velhice do reg. Subst. Bancário	-	130	-	-	-	-	-	-	-	-
Subsídio de desemp. e apoio ao emprego	522	640	22,6	24,8	31,3	-	-	-	-	-
Prestações e ação social	1063	1046	-1,6	25,3	24,0	-	-	-	-	-
Saldo Global	580	278	-	-	-	263	79	-	-	-

Fontes: DGO e GPEARI.

Administrações Públicas

No primeiro trimestre do ano, o défice global provisório das Administrações Públicas, incluindo as empresas públicas reclassificadas (EPR), e considerando o universo comparável na Administração Local foi de 444,4 milhões de euros. Excluindo as EPR, o défice foi de 376,2 milhões de euros, que compara com o excedente de 590,9 milhões de euros no período homólogo. Para este comportamento contribuiu o agravamento do défice do Estado e, em menor grau, a diminuição do excedente da Segurança Social.

Administrações Local e Regional

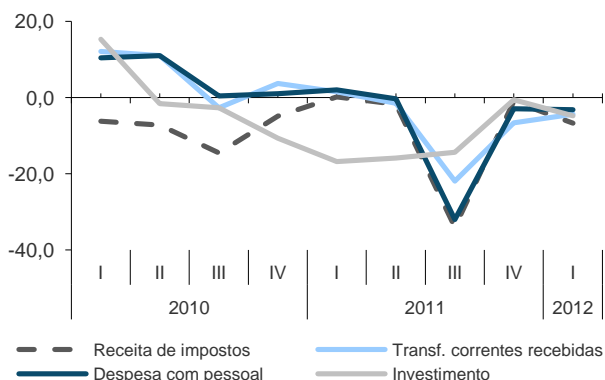
Administração Local*

Até março, na ótica da contabilidade pública e tendo em conta um universo comparável de 234 municípios, o saldo provisório da execução orçamental da Administração Local foi de 19,0 milhões de euros, mantendo-se quase ao mesmo nível do ano anterior.

A execução orçamental da Administração Local, face a fevereiro, caracterizou-se por:

- um decréscimo da receita total em 5,2%, tendo contribuído para esta evolução, principalmente, o comportamento do imposto municipal sobre transmissões e das transferências de outros subsectores das administrações públicas incluindo as transferências no âmbito da Lei das Finanças Locais. Em sentido contrário, salientam-se o crescimento das transferências de capital do resto do mundo, do imposto municipal sobre veículos e do imposto sobre imóveis; e
- uma queda da despesa total em 5,2%, refletindo uma diminuição em de quase todo o tipo de despesas e especialmente da despesa de capital e da despesa com pessoal. Em sentido contrário, é de referir o aumento dos juros e outros encargos e da aquisição de bens e serviços.

Figura 2.24. Execução Orçamental da Administração Local – principais componentes
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

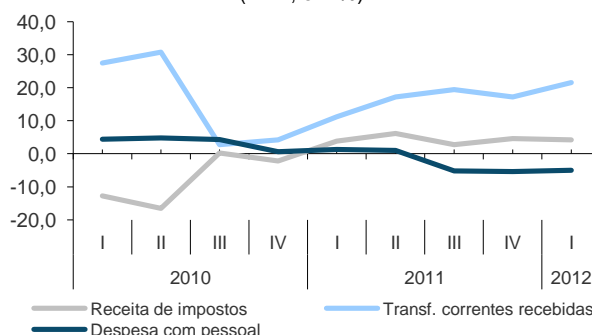
Administração Regional

Até março, e na ótica da contabilidade pública, o excedente orçamental da Administração Regional situou-se nos 19,3 milhões de euros, o que representa uma melhoria de 7,7 milhões de euros face a 2011. Este comportamento deveu-se à passagem de um défice de 9,7 milhões de euros para um excedente de 9,8 milhões de euros na Região Autónoma da Madeira que compensou a diminuição do excedente da Região Autónoma dos Açores em 11,8 milhões de euros.

A execução orçamental da Administração Regional, face a 2011, caracterizou-se por:

- uma diminuição da receita total em 4,2%, devido, sobretudo, à diminuição das transferências do OE e da receita fiscal. Em sentido contrário, verificou-se um crescimento das transferências de capital do resto do mundo e das taxas, multas e outras penalidades; e
- uma quebra da despesa total em 6,1%, refletindo, essencialmente, o decréscimo das despesa de capital, da aquisição de bens e serviços e da despesa com pessoal. O comportamento das transferências correntes e dos juros e outros encargos compensaram parcialmente a evolução das outras rubricas da despesa.

Figura 2.25. Execução Orçamental da Administração Regional – principais componentes
(VHA, em %)



Fonte: DGO.

Quadro 2.13. Execução Orçamental das Administrações Local e Regional

	Administração Local*				Administração Regional		
	2011		2012		2011	2012	
	jan a mar		jan a mar		jan a mar		
	10 ⁶ euros		VHA (%)		10 ⁶ euros		VH (%)
Receita total	1 036	982	1,0	-5,2	436	418	-4,1
Impostos	190	169	-1,0	-11,0	242	228	-5,9
Transferências correntes	385	365	-6,6	-5,3	145	128	-11,6
Despesa total	1 015	963	-0,5	-5,2	425	399	-6,1
Pessoal	346	333	-3,0	-3,7	170	158	-7,2
Aquisição de bens e serviços	252	255	2,9	1,3	59	44	-26,6
Transferências correntes	72	60	-0,6	-17,0	103	141	36,9
Investimento	242	214	-0,6	-11,8	30	6	-81,3
Saldo global	21	19	-	-	12	19	-

Fonte: DGO.

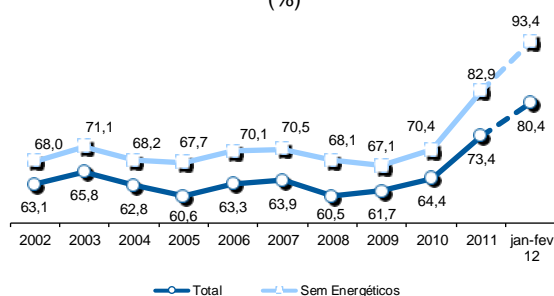
Nota: * Os valores da AL para 2010 referem-se ao Universo Comparável.

3. Comércio Internacional ^[1]

Evolução global ^[2]

De acordo com os resultados preliminares divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística, entre janeiro e fevereiro de 2012 as exportações de mercadorias cresceram 13,3% enquanto as importações decresceram 0,3% ^[3] face a igual período em 2011. Nesse período, o défice da balança comercial (fob/cif) recuperou 33,1%. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações cresceram 8,5% enquanto as importações registaram uma variação homóloga negativa de 7,1% (Quadro 3.1).

Figura 3.1. Evolução da Taxa de Cobertura (fob/cif) das Importações pelas Exportações de Mercadorias (%)



Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Quadro 3.1. Evolução da Balança Comercial (valores acumulados)

Intra + Extra-UE (milhões de Euros)	janeiro a fevereiro			VH	
	2011	2012	VH	Últimos 3 meses	Últimos 12 meses
Exportações (fob)	6.435	7.289	13,3	10,2	14,1
Importações (cif)	9.090	9.065	-0,3	-6,0	-0,4
(fob)	8.662	8.638	-0,3	-6,0	-0,4
Saldo (fob-cif)	-2.655	-1.777	-33,1	-38,8	-27,9
(fob-fob)	-2.227	-1.350	-39,4	-44,3	-32,2
Cobertura (fob/cif)	70,8	80,4	-	-	-
(fob/fob)	74,3	84,4	-	-	-
Sem energéticos:					
Exportações (fob)	6.130	6.653	8,5	5,8	12,2
Importações (cif)	7.670	7.122	-7,1	-12,7	-5,0
(fob)	7.309	6.786	-7,1	-12,7	-5,0
Saldo (fob-cif)	-1.540	-469	-69,6	-65,9	-49,2
(fob-fob)	-1.179	-133	-88,7	-77,8	-58,0
Cobertura (fob/cif)	79,9	93,4	-	-	-
(fob/fob)	83,9	98,0	-	-	-
Extra-UE (milhões de Euros)					
	janeiro a fevereiro			VH	
	2011	2012	VH	Últimos 3 meses	Últimos 12 meses
Exportações (fob)	1.487	2.020	35,8	29,3	22,0
Importações (cif)	2.191	2.658	21,3	16,5	14,8
(fob)	2.088	2.533	21,3	16,5	14,8
Saldo (fob-cif)	-704	-638	-9,3	-16,1	-0,2
(fob-fob)	-600	-513	-14,6	-22,6	-2,8
Cobertura (fob/cif)	67,9	76,0	-	-	-
(fob/fob)	71,2	79,7	-	-	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Factor de conversão cif-fob utilizado para 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012: 0,9529.

[1] Informação mais desagregada pode ser consultada em www.gee.min-economia.pt ("Síntese Estatística do Comércio Internacional, nº4/2012").

[2] Os dados de base do comércio internacional (Intra e Extra UE) divulgados para o mês de fevereiro de 2012 correspondem a uma versão preliminar. Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas (valor das transações das empresas para as quais o INE não recebeu ainda informação) assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação (valor anual das operações intracomunitárias abaixo do qual os operadores são dispensados da declaração periódica estatística Intrastat, limitando-se à entrega da declaração periódica fiscal: no caso de Portugal, 200 mil euros para as importações da UE e 250 mil para as exportações para a UE, em 2011). Por outro lado, a atual metodologia considera, para além do confronto regular entre as declarações Intrastat e do IVA, a comparação com os dados com o IES.

[3] Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Nos primeiros dois meses de 2012, as exportações representaram 80,4% das importações, o que se traduziu num acréscimo de 9,6 p.p. na taxa de cobertura das importações pelas exportações, face ao período homólogo. *Excluindo os produtos energéticos*, as exportações passaram a representar 93,4% das importações (+13,5 p.p. que em igual período no ano transato).

Quadro 3.2. Balança Comercial: mês de fevereiro

janeiro a fevereiro	2011	2012	TVH
Intra+Extra UE			
Exportações (fob)	6 435	7 289	13,3
Importações (cif)	9 090	9 065	-0,3
Saldo (fob-cif)	- 2 655	- 1 777	-33,1
Cobertura (fob/cif)	70,8	80,4	-
Intra UE			
Exportações (fob)	4 948	5 269	6,5
Importações (cif)	6 899	6 407	-7,1
Saldo (fob-cif)	- 1 951	- 1 139	-41,6
Cobertura (fob/cif)	71,7	82,2	-
Extra UE			
Exportações (fob)	1 487	2 020	35,8
Importações (cif)	2 191	2 658	21,3
Saldo (fob-cif)	- 704	- 638	-9,3
Cobertura (fob/cif)	67,9	76,0	-

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

De janeiro a fevereiro de 2012, o défice da balança comercial Intra UE recuperou 41,6% em termos homólogos, com as exportações de mercadorias a crescer 6,5% e as importações a decrescer 7,1%. O saldo da balança comercial Extra UE também recuperou (-9,3%) (Quadro 3.2).

Quadro 3.3. Evolução Mensal e Trimestral

Intra+Extra UE (milhões de Euros)	IMPORTAÇÕES (Cif)			EXPORTAÇÕES (Fob)		
	2011	2012	TVH	2011	2012	TVH
jan	4 453	4 593	3,1	3 121	3 537	13,3
fev	4 636	4 472	-3,5	3 314	3 752	13,2
mar	5 475			3 779		
abr	5 010			3 441		
mai	5 438			3 701		
jun	4 607			3 588		
jul	4 906			3 777		
ago	4 234			2 924		
set	5 100			3 792		
out	4 720			3 790		
nov	4 744			3 876		
dez	4 361			3 254		
1º Trim	14 565			10 213		
2º Trim	15 055			10 730		
3º Trim	14 241			10 493		
4º Trim	13 824			10 920		

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Nota:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

Exportações de Mercadorias

Nos primeiros dois meses de 2012, as exportações de mercadorias cresceram, em termos homólogos, 13,3%. *Excluindo os produtos energéticos*, essa variação positiva foi de 8,5%.

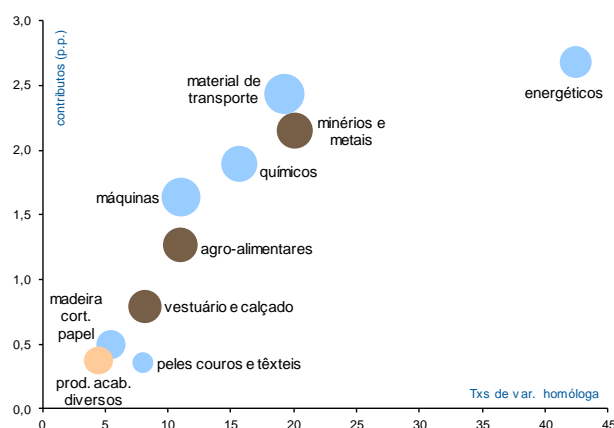
Entre janeiro e fevereiro de 2012, todos os grupos contribuíram positivamente para o crescimento homólogo das exportações, destacando-se o contributo dos produtos “Energéticos” (+5,1 p.p.). São, ainda, de salientar os grupos relativos a “Minérios e Metais” (+2,2 p.p.), das “Máquinas” e do “Material de Transporte” (ambos com um contributo de 1,6 p.p.). Estes dois últimos grupos de produtos são os que maior peso têm nas exportações de mercadorias (14,3% e 14,1%, respetivamente).

A Figura 3.2 apresenta os contributos dos diversos grupos de produtos para o crescimento das exportações no último ano a terminar em fevereiro de 2012.

No período em análise, todos os grupos de produtos contribuíram positivamente para o crescimento das exportações de mercadorias (+14,1%). Destacam-se os produtos relativos aos “Energéticos”, “Material de Transporte” e aos “Minérios e Metais”, com contributos de 2,7 p.p., 2,4 p.p. e 2,2 p.p., respetivamente.

De referir, ainda, os contributos dos grupos de produtos “Químicos”, “Máquinas” e “Agroalimentares” para o crescimento das exportações de mercadorias (contributos de 1,9 p.p., 1,6 p.p. e 1,3 p.p., respetivamente).

Figura 3.2. Contributos para o Crescimento das Exportações por Grupos de Produtos (p.p.)
Últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2012
(Total: 14,1%)



Fonte: Quadro 3.4. Exportações de Mercadorias por Grupos de Produtos.

Nota:

A dimensão dos círculos representa o peso relativo de cada grupo de produtos no total das exportações no período em análise.

Quadro 3.4. Exportações * de Mercadorias por Grupos de Produtos (Fob)

Intra + Extra UE

Grupos de Produtos	Milhões de Euros		Estrutura (%)				Tax. variação e contributos			
	jan-fev		Anual		jan-fev		últimos 12 meses ^[1]		jan-fev	
	2011	2012	2006	2011	2011	2012	VH ^[2]	contrib. p.p. ^[3]	VH	contrib. p.p. ^[3]
Total das Exportações	6 435	7 289	100,0	100,0	100,0	100,0	14,1	14,1	13,3	13,3
000 Agro-Alimentares	683	758	8,8	11,3	10,6	10,4	11,0	1,3	11,0	1,2
100 Energéticos	305	636	5,3	7,3	4,7	8,7	42,4	2,7	108,3	5,1
200 Químicos	832	854	10,3	12,5	12,9	11,7	15,7	1,9	2,7	0,3
300 Madeira, Cortiça e Papel	547	579	8,7	8,5	8,5	7,9	5,4	0,5	5,9	0,5
400 Peles, Couros e Têxteis	288	287	4,9	4,3	4,5	3,9	8,0	0,4	-0,5	0,0
500 Vestuário e Calçado	690	713	11,1	9,3	10,7	9,8	8,1	0,8	3,3	0,3
600 Minérios e Metais	721	862	10,5	11,2	11,2	11,8	20,1	2,2	19,6	2,2
700 Máquinas	936	1042	19,7	14,5	14,5	14,3	11,0	1,6	11,3	1,6
800 Material de Transporte	919	1025	13,3	13,3	14,3	14,1	19,3	2,4	11,4	1,6
900 Produtos Acabados Diversos	514	534	7,4	7,8	8,0	7,3	4,5	0,4	3,9	0,3

Por memória:

Total sem energéticos	6 130	6 653	94,7	92,7	95,3	91,3	12,2	11,4	8,5	8,1
-----------------------	-------	-------	------	------	------	------	------	------	-----	-----

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros.

[1] Últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2012.

[2] $(\text{mar } 11\text{-fev } 12) / (\text{mar } 10\text{-fev } 11) \times 100 - 100$.

[3] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise shift-share: $(\text{TVH}) \times (\text{peso no período homólogo anterior}) \div 100$.

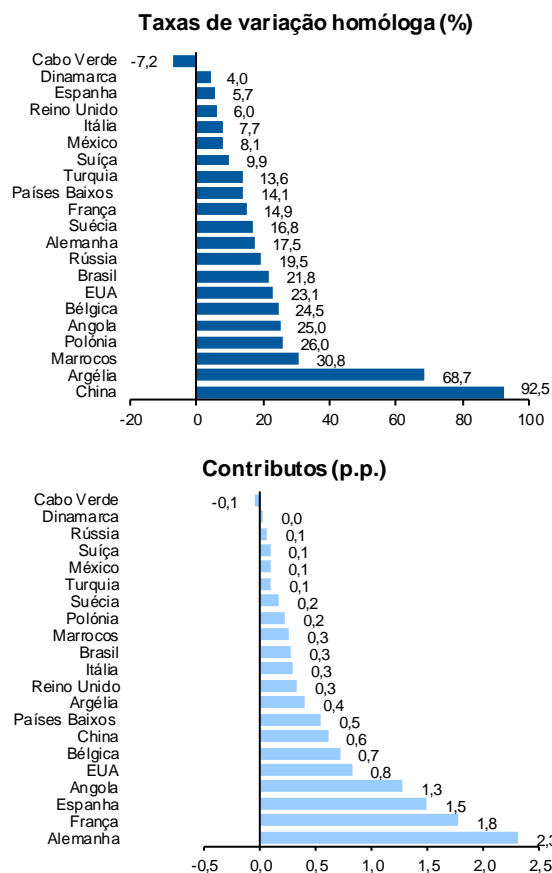
Nos primeiros dois meses de 2012, as exportações para a UE cresceram, em termos homólogos, 6,5%. As exportações com destino aos países da UE-15 cresceram a uma taxa de 6,2%, enquanto as exportações com destino aos Países do Alargamento cresceram 12,8%. As exportações para países terceiros registaram um crescimento homólogo superior de 35,8% (Quadro 3.5), sendo as que mais contribuíram para o crescimento das exportações (+8,3 p.p.).

As exportações de mercadorias para a Alemanha (+1,7 p.p.) e para a França (+1,1 p.p.) foram as que mais contribuíram para o crescimento das exportações para a UE. As exportações de mercadorias para a França e para o Reino Unido cresceram, em termos homólogos, 8,4% e 6,3%, respetivamente.

No último ano a terminar em fevereiro de 2012, as exportações para os países Intra UE cresceram, em termos homólogos, 11,5%. As exportações para os países da UE-15 registaram uma taxa de variação homóloga de 11,4%. As exportações com destino à Alemanha (+2,3 p.p.) e à França (1,8 p.p.) foram, também, as que mais contribuíram para o crescimento das exportações neste período.

Entre os países terceiros, destaca-se a variação homóloga positiva das exportações para China (+92,5%), Argélia (68,7%) e Marrocos (+30,8%). Embora com um reduzido contributo, refira-se o decréscimo das exportações para Cabo Verde (-7,2%). (Figura 3.3).

Figura 3.3. Taxas de Crescimento das Exportações para uma Seleção de Mercados e Contributos
Últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2012



Fonte: Quadro 3.5. Evolução das Exportações de Mercadorias com destino a uma Seleção de Mercados.

Quadro 3.5. Evolução das Exportações de Mercadorias com Destino a uma Seleção de Mercados

Destino	jan-fev		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos				
			anual		jan-fev		média anual 06-11*	12 meses ^[1]		jan-fev	
	2011	2012	2006	2011	2011	2012		VH ^[2]	contrib. p.p. ^[3]	VH	contrib. p.p. ^[3]
TOTAL	6 435	7 289	100,0	100,0	100,0	100,0	3,5	14,1	14,1	13,3	13,3
Intra UE-27	4 948	5 269	78,1	74,1	76,9	72,3	2,4	11,5	8,6	6,5	5,0
dos quais:											
UE-15	4 757	5 054	76,0	71,0	73,9	69,3	2,1	11,4	8,2	6,2	4,6
Espanha	1678	1682	28,4	24,8	26,1	23,1	0,7	5,7	1,5	0,2	0,1
Alemanha	895	1008	13,0	13,6	13,9	13,8	4,4	17,5	2,3	12,6	1,7
França	838	908	12,5	12,0	13,0	12,5	2,7	14,9	1,8	8,4	1,1
R.Unido	334	355	6,9	5,1	5,2	4,9	-2,5	6,0	0,3	6,3	0,3
P.Baixos	262	268	3,7	3,9	4,1	3,7	4,6	14,1	0,5	2,4	0,1
Itália	251	253	4,1	3,7	3,9	3,5	14	7,7	0,3	0,5	0,0
Bélgica	197	237	3,1	3,2	3,1	3,3	3,6	24,5	0,7	20,4	0,6
Suécia	71	85	1,1	1,0	1,1	1,2	1,7	16,8	0,2	20,1	0,2
Dinamarca	45	53	0,7	0,6	0,7	0,7	13	4,0	0,0	18,1	0,1
Alargamento	190	215	2,1	3,1	3,0	2,9	11,3	14,0	0,4	12,8	0,4
Polónia	57	64	0,7	1,0	0,9	0,9	11,2	26,0	0,2	12,7	0,1
Extra UE-27	1 487	2 020	21,9	25,9	23,1	27,7	7,1	22,0	5,5	35,8	8,3
dos quais:											
Angola	304	392	3,4	5,5	4,7	5,4	14,1	25,0	1,3	28,9	1,4
EUA	230	390	5,9	3,5	3,6	5,3	-6,6	23,1	0,8	69,4	2,5
Brasil	97	99	0,7	1,4	1,5	1,4	18,1	21,8	0,3	2,1	0,0
México	38	33	0,4	1,1	0,6	0,5	27,1	8,1	0,1	-13,1	-0,1
Suíça	58	63	0,8	0,9	0,9	0,9	6,6	9,9	0,1	8,1	0,1
Marrocos	51	82	0,5	0,9	0,8	1,1	18,8	30,8	0,3	61,7	0,5
Turquia	42	53	0,7	0,7	0,7	0,7	5,3	13,6	0,1	25,4	0,2
Cabo Verde	40	37	0,5	0,6	0,6	0,5	6,1	-7,2	-0,1	-7,3	0,0
China	44	123	0,6	0,9	0,7	1,7	13,3	92,5	0,6	176,3	1,2
Argélia	34	50	0,2	0,8	0,5	0,7	37,5	68,7	0,4	46,6	0,2
Por memória:											
Gibraltar	14	55	0,1	0,6	0,2	0,8	55,8	51,5	0,3	298,6	0,6
PALOP	381	503	4,3	6,9	5,9	6,9	13,8	23,9	1,5	31,8	1,9
EFTA	74	82	1,1	1,1	1,1	1,1	3,5	10,5	0,1	11,1	0,1

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros.

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2011.

[1] Últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2012.

[2] (mar 11-fev 12)/(mar 10-fev 11) x 100 - 100.

[3] Contributos para a taxa de crescimento das exportações - análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) - 100.

Importações de Mercadorias

No período compreendido entre janeiro e fevereiro de 2012, as importações de mercadorias registaram uma variação homóloga negativa de 0,3% (Quadro 3.6).

O comportamento das importações de produtos “Energéticos”, com um contributo de +5,8 p.p. veio contrariar este decréscimo das importações.

O comportamento negativo das importações dos grupos de produtos “Material de Transporte” (-2,9 p.p.), “Agroalimentares” (-1 p.p.) e “Minérios e Metais” (-1 p.p.) justificaram a redução das importações nos primeiros dois meses do ano, na medida em que o seu contributo para o crescimento das importações foi negativo.

A UE-27 mantém-se como principal *mercado de origem* das importações portuguesas dos primeiros dois meses de 2012 (70,7%).

Nos primeiros dois meses de 2012, as importações de mercadorias provenientes do mercado comunitário decresceram, em termos homólogos, 7,1%, sendo que as provenientes dos países da UE-15 diminuíram 7,2%. As importações provenientes dos países do Alargamento também decresceram (-4,4%). À exceção da Suécia (+0,1 p.p.), todos os países da UE-15 registaram contributos negativos, que justificaram o decréscimo das respetivas importações.

As importações de mercadorias provenientes de países terceiros cresceram 21,3%, em termos homólogos. Destacam-se as importações provenientes da Angola, e do Brasil que representaram, respetivamente, 4,4%, e 2,8% das importações de mercadorias referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2012.

Quadro 3.6. Importações de Mercadorias por Grupos de Produtos e sua Distribuição por uma Seleção de Mercados

Grupos de Produtos	10 ⁶ Euros (Cif)		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos			
	jan-fev		Anual		jan-fev		12 meses ^[1]		jan-fev	
	2011	2012	2006	2011	2011	2012	VH ^[2]	contrib. p.p. ^[3]	VH	contrib. p.p. ^[3]
TOTAL DAS IMPORTAÇÕES	9 090	9 065	100,0	100,0	100,0	100,0	-0,4	-0,4	-0,3	-0,3
Grupos de Produtos										
000-Agro-Alimentares	1325	1236	11,9	13,8	14,6	13,6	6,6	0,9	-6,7	-1,0
100-Energéticos	1420	1944	14,1	14,6	15,6	21,4	26,2	3,9	36,9	5,8
200-Químicos	1476	1514	13,3	15,2	16,2	16,7	4,1	0,6	2,6	0,4
300-Pele, Mad, Cortiça e Papel	420	382	4,7	4,6	4,6	4,2	-1,2	-0,1	-9,0	-0,4
400-Têxteis, Vestuário e Calçado	644	613	6,8	6,8	7,1	6,8	-1,2	-0,1	-4,7	-0,3
500-Minérios e Metais	863	774	9,2	8,5	9,5	8,5	-1,3	-0,1	-10,3	-1,0
600-Máquinas [4]	1382	1337	20,5	16,4	15,2	14,7	-8,0	-1,3	-3,3	-0,5
700-Material de Transporte [5]	1074	806	13,5	14,1	11,8	8,9	-26,4	-3,6	-24,9	-2,9
800-Prod. Acabados Diversos	487	459	6,0	5,9	5,4	5,1	-11,3	-0,7	-5,7	-0,3
Total sem energéticos	7 670	7 122	85,9	85,4	84,4	78,6	-5,0	-4,3	-7,1	-6,0
Mercados de origem										
Intra UE-27	6 899	6 407	77,0	73,0	75,9	70,7	-5,2	-4,0	-7,1	-5,4
dos quais:										
UE-15	6 662	6 181	75,3	70,6	73,3	68,2	-5,5	-4,0	-7,2	-5,3
Espanha	2 927	2 820	30,9	31,6	32,2	31,1	-0,2	-0,1	-3,6	-1,2
Alemanha	1 778	1 071	14,3	12,3	13,0	11,8	-13,7	-1,9	-9,1	-1,2
França	676	606	8,5	6,9	7,4	6,7	-6,6	-0,5	-10,3	-0,8
Itália	491	440	5,9	5,4	5,4	4,9	-6,2	-0,3	-10,4	-0,6
Países Baixos	484	412	4,8	4,8	5,3	4,5	-7,8	-0,4	-15,0	-0,8
Reino Unido	318	293	4,1	3,3	3,5	3,2	-13,8	-0,5	-7,9	-0,3
Bélgica	271	228	2,8	2,6	3,0	2,5	-11,3	-0,3	-15,6	-0,5
Suécia	85	90	0,9	1,0	0,9	1,0	2,8	0,0	6,7	0,1
Irlanda	79	71	0,9	1,0	0,9	0,8	6,8	0,1	-10,0	-0,1
Alargamento	237	226	1,7	2,4	2,6	2,5	2,0	0,0	-4,4	-0,1
Extra UE-27	2 191	2 658	23,0	27,0	24,1	29,3	14,8	3,6	21,3	5,1
dos quais:										
China	238	244	1,4	2,6	2,6	2,7	-5,6	-0,2	2,4	0,1
Nigéria	177	149	1,4	2,7	1,9	1,6	3,2	0,1	-15,9	-0,3
Brasil	145	253	2,2	2,5	1,6	2,8	46,3	0,9	74,9	1,2
EUA	218	124	1,4	1,9	2,4	1,4	14,7	0,2	-43,0	-1,0
Líbia	13	60	0,8	0,0	0,1	0,7	-91,2	-1,1	343,0	0,5
Cazaquistão	77	91	0,6	1,5	0,9	1,0	43,8	0,5	17,6	0,1
Angola	207	403	0,1	2,0	2,3	4,4	123,0	1,3	94,3	2,2
Noruega	45	28	1,2	0,7	0,5	0,3	-14,6	-0,1	-38,0	-0,2
Arábia Saudita	130	163	1,0	1,6	1,4	1,8	61,3	0,6	25,0	0,4
Rússia	56	49	1,2	1,0	0,6	0,5	32,2	0,2	-13,2	-0,1
Índia	62	54	0,4	0,8	0,7	0,6	7,9	0,1	-12,7	-0,1
Suíça	58	57	0,6	0,6	0,6	0,6	-2,7	0,0	-0,3	0,0
Japão	59	68	1,0	0,6	0,7	0,7	-6,9	0,0	14,5	0,1
Turquia	21	11	0,8	0,2	0,2	0,1	-68,7	-0,4	-46,6	-0,1
OPEP ^[6]	692	966	6,3	8,0	7,6	10,7	23,2	1,6	39,6	3,0
EFTA	105	90	1,9	1,4	1,2	1,0	-8,4	-0,1	-14,0	-0,2
PALOP	210	407	0,2	2,1	2,3	4,5	18,4	1,3	93,5	2,2

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Importações: somatório das importações de mercadorias provenientes da UE com as importações de Países Terceiros.

Países ordenados por ordem decrescente de valor no ano de 2011.

[1] Últimos 12 meses a terminar em fevereiro de 2012.

[2] $(\text{mar } 11 - \text{fev } 12) / (\text{mar } 10 - \text{fev } 11) \times 100 - 100$.

[3] Contributos para a taxa de crescimento das importações - análise shift-share: $(\text{TVH}) \times (\text{peso no período homólogo anterior}) \div 100$.

[4] Não inclui tractores.

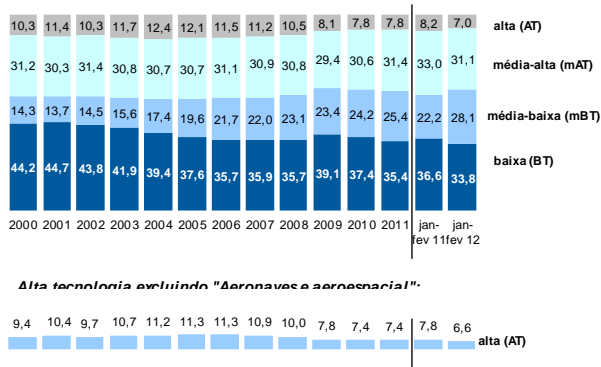
[5] Inclui tractores.

[6] Inclui Angola.

Comércio Internacional Português por grau de Intensidade Tecnológica

Nos primeiros dois meses de 2012, as exportações de produtos industriais transformados cresceram, em termos homólogos, 14,7%. As exportações de produtos de *média intensidade tecnológica* continuaram a representar mais de metade do total das exportações destes produtos (59,2%), sendo os produtos de média baixa tecnologia aqueles cujas exportações registaram o maior crescimento homólogo (44,8%) (Figura 3.4 e Quadro 3.7).¹

Figura 3.4. Exportações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica



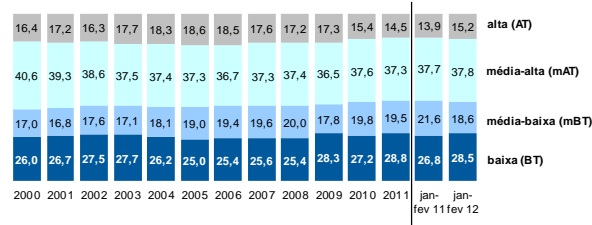
Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

As exportações de produtos de média baixa intensidade tecnológica foram as que mais contribuíram para o aumento homólogo das exportações de produtos industriais transformados (+10 p.p.).

As exportações dos produtos de *baixa intensidade tecnológica* contribuíram com 2,2 p.p. para o crescimento das exportações de produtos industriais transformados.

As importações de produtos industriais transformados decresceram, em termos homólogos, 10,3%. Neste caso, os produtos de média baixa tecnologia foram os que mais contribuíram para a redução das importações deste tipo de produtos (-5 p.p.).

Figura 3.5. Importações de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica



Fonte: Quadro 3.7. Exportações e Importações de Produtos Industriais Transformados, por grau de intensidade tecnológica.

Quadro 3.7. Exportações e Importações* de Produtos Industriais Transformados, por Grau de Intensidade Tecnológica

Intra + Extra-UE

Valores em 1000 Euros

Intensidade Tecnológica	2011	janeiro a fevereiro		Taxas variação (%)			%total prod. indust. transf.				Contributos ⁽¹⁾ (p.p.)		
		2011	2012	média 2006-11	2011/10	jan-fev 2012/11	2010	2011	jan-fev		2011	jan-fev 2012	
									2011	2012			
EXPORTAÇÕES													
Total dos prod. indust. transformados	39 924 382	6 037 201	6 925 094	3,4	15,7	14,7	100,0	100,0	100,0	100,0	15,7	14,7	
Alta tecnologia	3 113 442	493 563	487 172	-4,4	15,9	-1,3	7,8	7,8	8,2	7,0	12	-0,1	
- Sem Aeronáutica e aeroespacial ⁽²⁾	2 925 093	471 043	456 861	-5,2	15,2	-3,0	7,4	7,4	7,8	6,6	1,1	-0,2	
Média-alta tecnologia	12 518 693	1 994 605	2 155 431	3,6	18,7	8,1	30,6	31,4	33,0	31,1	5,7	2,7	
Média-baixa tecnologia	10 157 719	1 341 538	1 942 554	6,7	21,7	44,8	24,2	25,4	22,2	28,1	5,3	10,0	
Baixa tecnologia	14 134 528	2 207 495	2 339 936	3,2	9,4	6,0	37,4	35,4	36,6	33,8	3,5	2,2	
<i>Por memória:</i>													
Total das Exportações	42 367 079	6 434 898	7 288 501	3,5	15,2	13,3	100,0	100,0	100,0	100,0	15,2	13,3	
Residual ⁽³⁾	2 442 696	397 697	363 406	5,7	7,8	-8,6	6,2	5,8	6,2	5,0	0,5	-0,5	
IMPORTAÇÕES													
Total dos prod. indust. transformados	45 910 589	7 601 283	6 817 474	-0,4	-2,5	-10,3	100,0	100,0	100,0	100,0	-2,5	-10,3	
Alta tecnologia	6 648 567	1 059 197	1 034 651	-5,2	-8,1	-2,3	15,4	14,5	13,9	15,2	-1,2	-0,3	
- Sem Aeronáutica e aeroespacial ⁽²⁾	6 418 917	1 018 571	1 002 572	-4,4	-6,8	-1,6	14,7	14,1	13,5	14,8	-1,0	-0,2	
Média-alta tecnologia	17 102 189	2 862 348	2 575 113	-0,2	-3,5	-10,0	37,6	37,3	37,7	37,8	-1,3	-3,8	
Média-baixa tecnologia	8 930 426	1 641 347	1 264 953	-0,4	-4,3	-22,9	19,8	19,5	21,6	18,6	-0,9	-5,0	
Baixa tecnologia	13 229 407	2 038 391	1 942 757	2,1	3,2	-4,7	27,2	28,8	26,8	28,5	0,9	-1,3	
<i>Por memória:</i>													
Total das Importações	57 616 094	9 089 652	9 065 226	0,5	1,0	-0,3	100,0	100,0	100,0	100,0	1,0	-0,3	
Residual ⁽³⁾	11 705 505	1 488 369	2 247 752	4,6	17,6	51,0	17,4	20,3	16,4	24,8	3,1	8,4	

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas do Comércio Internacional do INE (últimas versões disponíveis à data da publicação para o período considerado). Os dados do comércio intracomunitário incluem estimativas para as não respostas assim como para as empresas que se encontram abaixo dos limiares de assimilação.

Notas:

Exportações: somatório das exportações para o espaço comunitário com as exportações para os Países Terceiros. Importações: somatório das importações com origem nos países comunitários com as importações provenientes dos Países Terceiros.

[1] Contributos para a taxa de crescimento das Exportações/Importações de produtos industriais transformados, em pontos percentuais – análise shift-share: (TVH) x (peso no período homólogo anterior) ÷ 100.

[2] Os dados referentes aos produtos de AT não são directamente comparáveis para os anos de 2004 e 2005 uma vez que, a partir de 1 de Janeiro de 2005, as reparações e manutenção de aeronaves provenientes dos países comunitários passaram a ser contabilizadas na balança de Serviços. O mesmo sucede para os dados de 2005 e 2006, na medida em que, a partir de 1 de Janeiro de 2006, o mesmo tratamento foi aplicado às aeronaves provenientes dos países terceiros.

[3] Total das Exportações (Importações) – Exportações (Importações) de produtos industriais transformados.

¹Os dados anuais apresentados nas figuras 3.4 e 3.5 foram extraídos da nova série do comércio internacional (1993-2009), que inclui estimativas para as empresas abaixo dos limiares de assimilação e para as não respostas.

Comércio Internacional de Bens e Serviços

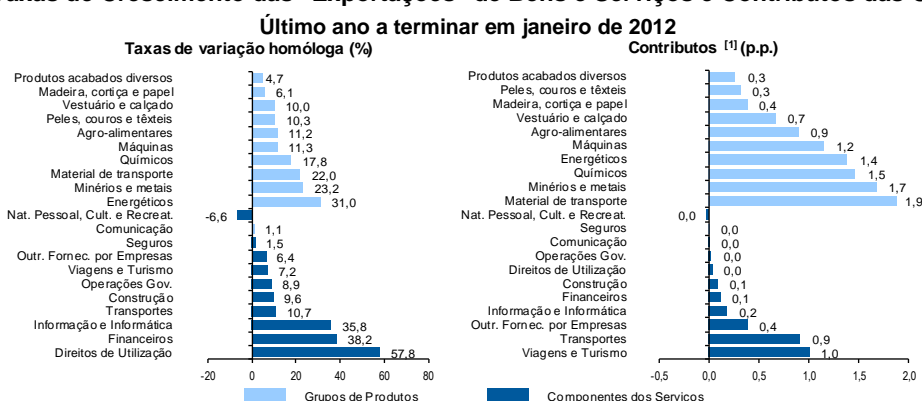
De acordo com os dados divulgados para a Balança de Pagamentos para o mês de janeiro de 2012, as "Exportações" (crédito) de Bens e Serviços registaram um crescimento homólogo de 10,4% relativamente ao mesmo mês em 2011. A componente dos Bens continuou a ser aquela que mais contribuiu para o crescimento das "exportações" totais (9,3 p.p.).

Em janeiro de 2012, a componente dos Serviços representou 26,6% do total das "Exportações" e contribuiu com 1,1 p.p. para o crescimento das Exportações (créditos). No que se refere às Importações (débitos) o seu peso no total foi de 16,4% e o seu contributo muito menos expressivo (+0,6 p.p.) (Quadro 3.8).

No painel esquerdo da Figura 3.6 compara-se o crescimento homólogo das diferentes categorias de Bens e de Serviços no último ano a terminar em janeiro de 2012, com base em dados do INE para as "Exportações" de Bens (Grupos de Produtos) e do Banco de Portugal para as "Exportações" de Serviços. O painel direito mostra os contributos para a taxa de crescimento das "Exportações" de Bens e Serviços.

No período em análise, continuou a destacar - se o contributo positivo do Material de Transporte (+1,9 p.p.). Na componente dos serviços, destacam-se os contributos das rubricas de Viagens e Turismo e de Transportes (+1 p.p. e + 0,9 p.p., respetivamente).

Figura 3.6. Taxas de Crescimento das "Exportações" de Bens e Serviços e Contributos das Componentes



Fonte: Cálculos do GEE com base em dados do Banco de Portugal, para as Exportações de bens e serviços, e do INE, para o cálculo da estrutura das exportações de Bens. A distribuição do contributo das Exportações de Bens (dados da Balança de Pagamentos, banco de Portugal) pelos grupos de produtos segue a estrutura implícita na base de dados do Comércio Internacional do INE para as Exportações de Bens (somatório das Exportações de mercadorias para a UE com as Exportações para Países Terceiros).

[1] Contributos - análise shift-share: $TVH \times \text{Peso no período homólogo anterior} \div 100$. O somatório corresponde à TVH das Exportações de Bens e Serviços nos últimos 12 meses, de acordo com as estatísticas da Balança de Pagamentos do Banco de Portugal (12,9%).

Quadro 3.8. Comércio Internacional de Bens e Serviços (Componentes dos Serviços)

	Valores em milhões de Euros										
	janeiro		Estrutura (%)				Taxas de variação e contributos				
	2011	2012	Anual		janeiro		média anual 05-10	12 meses [1]		janeiro	
			2005	2010	2011	2012		VH [2]	contrib. p.p. [3]	VH	contrib. p.p. [3]
CRÉDITO (Exportações)											
Bens e Serviços	4 360	4 813	100,0	100,0	100,0	100,0	4,1	12,9	12,9	10,4	10,4
Bens	3 129	3 534	71,0	69,0	71,8	73,4	3,5	14,9	10,1	13,0	9,3
Serviços	1 232	1 278	29,0	31,0	28,2	26,6	5,5	8,5	2,7	3,8	1,1
Transportes	367	423	7,1	8,4	8,4	8,8	7,5	10,7	0,9	15,4	1,3
Viagens e Turismo	402	441	13,2	13,2	9,2	9,2	4,1	7,2	1,0	9,6	0,9
Comunicação	31	33	0,9	0,8	0,7	0,7	0,1	1,1	0,0	8,4	0,1
Construção	43	34	0,8	0,9	1,0	0,7	5,9	9,6	0,1	-19,5	-0,2
Seguros	12	8	0,2	0,2	0,3	0,2	3,0	1,5	0,0	-34,8	-0,1
Financeiros	13	15	0,4	0,4	0,3	0,3	3,6	38,2	0,1	14,1	0,0
Informação e Informática	28	40	0,3	0,6	0,7	0,8	17,3	35,8	0,2	41,6	0,3
Direito de Utilização	3	7	0,1	0,1	0,1	0,1	-5,0	57,8	0,0	178,2	0,1
Outr. Fomec. por Empresas	300	229	5,2	5,8	6,9	4,8	6,5	6,4	0,4	-23,6	-1,6
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	18	27	0,4	0,4	0,4	0,6	3,5	-6,6	0,0	49,0	0,2
Operações Governamentais	16	21	0,3	0,3	0,4	0,4	5,7	8,9	0,0	31,8	0,1
DÉBITO (Importações Fob)											
Bens e Serviços	5 151	5 328	100,0	100,0	100,0	100,0	1,0	1,4	1,4	3,4	3,4
Bens	4 309	4 453	84,9	83,0	83,6	83,6	0,6	0,7	0,6	3,3	2,8
Serviços	843	875	15,1	17,0	16,4	16,4	3,4	5,0	0,8	3,9	0,6
Transportes	246	261	4,7	5,0	4,8	4,9	2,1	3,9	0,2	6,3	0,3
Viagens e Turismo	208	217	4,2	4,4	4,0	4,1	2,3	0,6	0,0	4,1	0,2
Comunicação	32	37	0,6	0,6	0,6	0,7	1,1	-2,6	0,0	15,1	0,1
Construção	6	10	0,2	0,2	0,1	0,2	1,8	27,5	0,0	57,6	0,1
Seguros	19	22	0,3	0,3	0,4	0,4	3,5	0,7	0,0	15,8	0,1
Financeiros	27	36	0,3	0,8	0,5	0,7	20,5	10,0	0,4	29,5	0,2
Informação e Informática	25	27	0,4	0,7	0,5	0,5	11,0	19,1	0,1	9,9	0,0
Direitos de Utilização	34	44	0,5	0,6	0,7	0,8	4,5	-1,1	0,0	31,7	0,2
Outr. Fomec. por Empresas	201	151	3,0	3,6	3,9	2,8	4,9	2,0	0,1	-24,7	-1,0
Nat. Pessoal, Cult. e Recreat.	35	60	0,6	0,7	0,7	1,1	4,9	3,5	0,0	68,7	0,5
Operações Governamentais	9	10	0,3	0,1	0,2	0,2	-16,3	-21,2	0,0	14,3	0,0

Fonte: GEE, com base nos dados das estatísticas da Balança de Pagamentos do Banco de Portugal.

Notas:

Valores Fob para a Importação de bens.

[1] 12 meses até janeiro de 2012.

[2] Contributos para a taxa de crescimento - Análise shift-share : $(TVH) \times (\text{peso no período homólogo anterior}) \div 100$. Medem a proporção de crescimento das Exportações/Importações atribuível a cada categoria especificada.

Destaques

Procedimento dos Défices Excessivos – 1.ª Notificação de 2012

De acordo com a primeira notificação de 2012, divulgada pelo Instituto Nacional de Estatística, no âmbito do Procedimento dos Défices Excessivos, a 30 de março, os valores do défice orçamental e da dívida pública das Administrações Públicas, relativos a 2011, cifraram-se em 4,2% e 107,8% do PIB, respetivamente (Quadro 1).

Quadro 1 - Indicadores Orçamentais (PDE)

	2008	2009	2010	2011	2012 (p)
Saldo Global	-3,6	-10,2	-9,8	-4,2	-4,5
Saldo Primário	-0,6	-7,2	-7,1	-0,4	-5,1
Dívida Pública	71,6	83,1	93,3	107,8	112,5

Fonte: INE, Notificação do Procedimento de Défices Excessivos de 30 de Março de 2012.

A análise conta das Administrações Públicas (Quadro 2), permite observar o crescente peso da despesa total, em percentagem do PIB, a qual, em simultâneo com a quebra de receita derivada da crise económica e financeira, implicou um aumento muito significativo do défice público, em 2009. Em 2011, e de acordo com a execução do Programa de Ajustamento Económico, iniciou-se o processo de correção do desequilíbrio das contas públicas, tendo o défice sido reduzido para 4,2% do PIB. Para este resultado contribui, por um lado, a redução da despesa total, mas também a transferência das responsabilidades dos fundos de pensões da banca, operação esta que se cifrou em 3,5% do PIB.

Quadro 2 - Contas das Administrações Públicas

	2008	2009	2010	2011
Receita Total	41,1	39,6	41,4	44,7
Receita Corrente	40,4	38,8	38,7	40,3
Receita Fiscal	23,8	21,7	22,2	23,5
Receita Contributiva	11,9	12,5	12,2	12,3
Outras receitas correntes	4,7	4,6	4,3	4,4
Receita de Capital	0,7	0,7	2,7	4,4
Despesa Total	44,7	49,7	51,2	48,9
Despesa Corrente	41,7	45,8	45,6	45,2
Despesas com pessoal	12,0	12,7	12,2	11,3
Prestações Sociais que não em espécie	15,1	17,0	17,0	17,4
Juros	3,0	2,8	2,9	3,9
Outras despesas correntes (incluindo prestações sociais em espécie)	11,5	13,2	13,5	12,6
Despesa de Capital	3,1	4,0	5,6	3,7
Saldo Global	-3,6	-10,2	-9,8	-4,2
Saldo Primário	-0,6	-7,3	-7,0	-0,4
<i>Em memória:</i>				
Despesa Total Primária	41,7	46,9	48,4	45,0
Despesa Corrente Primária	38,6	42,9	42,7	41,3

Fonte: INE, Março 2012.

Em 2011, a generalidade dos países europeus encontrava-se em processo de consolidação orçamental, o que se traduziu numa redução do défice público, quer da área do euro, quer da União Europeia (Quadro 3).

No contexto europeu, em 2011, o défice orçamental português situou-se ligeiramente acima da média da área do euro de 4,1% do PIB. De referir que 11, dos 17 países membros, apresentaram valores para o défice superiores a 3% do PIB. Em 2011, 15 países da área do euro melhoraram a sua posição orçamental, considerando a variação do saldo global, sendo Portugal o segundo país, a seguir à Irlanda, com o ajustamento mais expressivo.

Em sentido contrário, a dívida continuou a aumentar, em percentagem do PIB situando-se em 82,5% na União Europeia e em 87,2% do PIB, na área do euro. Atualmente, catorze Estados-membros registam rácios da dívida superiores ao valor de referência (60%): Grécia, Itália, Irlanda, Portugal, Bélgica, França, Reino Unido, Alemanha, Hungria, Áustria, Malta, Chipre, Espanha e Países Baixos.

Quadro 3: Saldo Orçamental e Dívida Pública na União Europeia
(% do PIB)

	Saldo orçamental				Dívida pública			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
União Europeia	-2,4	-6,9	-6,5	-4,5	62,5	74,8	80,0	82,5
Área do Euro	-2,1	-6,4	-6,2	-4,1	70,1	79,9	85,3	87,2
Bélgica	-1,0	-5,6	-3,8	-3,7	89,3	95,8	96,0	98,0
Alemanha	-0,1	-3,2	-4,3	-1,0	66,7	74,4	83,0	81,2
Irlanda	-7,3	-14,0	-31,2	-13,1	44,2	65,1	92,5	108,2
Grécia	-9,8	-15,6	-10,3	-9,1	113,0	129,4	145,0	165,3
Espanha	-4,5	-11,2	-9,3	-8,5	40,2	53,9	61,2	68,5
França	-3,3	-7,5	-7,1	-5,2	68,2	79,2	82,3	85,8
Itália	-2,7	-5,4	-4,6	-3,9	105,7	116,0	118,6	120,1
Chipre	0,9	-6,1	-5,3	-6,3	48,9	58,5	61,5	71,6
Luxemburgo	3,0	-0,8	-0,9	-0,6	13,7	14,8	19,1	18,2
Malta	-4,6	-3,8	-3,7	-2,7	62,3	68,1	69,4	72,0
Países Baixos	0,5	-5,6	-5,1	-4,7	58,5	60,8	62,9	65,2
Áustria	-0,9	-4,1	-4,5	-2,6	63,8	69,5	71,9	72,2
Portugal	-3,6	-10,2	-9,8	-4,2	71,6	83,1	93,3	107,8
Eslovénia	-1,9	-6,1	-6,0	-6,4	21,9	35,3	38,8	47,6
Finlândia	4,3	-2,5	-2,5	-0,5	33,9	43,5	48,4	48,6
Eslováquia	-2,1	-8,0	-7,7	-4,8	27,9	35,6	41,1	43,3
Estónia	-2,9	-2,0	0,2	1,0	4,5	7,2	6,7	6,0
Bulgária	1,7	-4,3	-3,1	-2,1	13,7	14,6	16,3	16,3
República Checa	-2,2	-5,8	-4,8	-3,1	28,7	34,4	38,1	41,2
Dinamarca	3,2	-2,7	-2,5	-1,8	33,4	40,6	42,9	46,5
Letónia	-4,2	-9,8	-8,2	-3,5	19,8	36,7	44,7	42,6
Lituânia	-3,3	-9,4	-7,2	-5,5	15,5	29,4	38,0	38,5
Hungria	-3,7	-4,6	-4,2	4,3	73,0	79,8	81,4	80,6
Polónia	-3,7	-7,4	-7,8	-5,1	47,1	50,9	54,8	56,3
Roménia	-5,7	-9,0	-6,8	-5,2	13,4	23,6	30,5	33,3
Suécia	2,2	-0,7	0,3	0,3	38,8	42,6	39,4	38,4
Reino Unido ^(a)	-7,0	-11,6	-9,5	-8,4	58,7	72,6	80,3	86,8

Fonte: Eurostat, *Euro-indicators*, 23 de abril de 2012.

Nota: ^(a) Os valores para o Reino Unido referem-se ao ano fiscal (1 de abril do ano X a 31 de março do ano X+1).

Ajustamento de passagem do défice à variação da dívida

O ajustamento *stock-flow* obtém-se através na diferença entre a variação da dívida pública e o défice orçamental, para um dado período de análise.

Em 2011, este ajustamento foi particularmente significativo em Portugal, atingindo o valor de 9,3% do PIB, justificado, principalmente, pela acumulação de depósitos das administrações públicas (6%), dados os montantes não utilizados do programa de financiamento do Programa de Ajustamento Económico. Adicionalmente, regista-se ainda um aumento dos outros ativos financeiros (2,3%) em virtude da transferência parcial dos fundos de pensões da banca, ainda a ser realizada em 2012, numa base de caixa (Quadro 4).

Quadro 4: Ajustamento Déficit – Dívida em Portugal (% PIB)

	2008	2009	2010	2011
Ajustamentos <i>Stock-Flow</i>	0,7	-0,2	2,5	9,3
Aquisição líquida de activos financeiros	0,7	0,6	2,8	8,7
Moeda e depósitos	-0,3	-0,3	0,4	6,0
Títulos excluindo acções	-0,5	0,2	-0,3	0,1
Empréstimos	0,4	-0,1	0,7	0,5
Acções e outras participações	1,2	0,6	0,9	-0,2
Outros activos financeiros	0,1	0,3	1,0	2,3
Outros ajustamentos (ajust.+discrep.est.)	0,1	-0,8	-0,2	0,6

Fonte: Eurostat, *Stock-flow adjustments for the Member States*, April 2012.

Artigos

Em Análise

Performance das Exportações Portuguesas - Janeiro a fevereiro de 2012¹

Walter Anatole Marques²

1 – Introdução

Após uma acentuada quebra ocorrida em 2009 (-18,4% em termos homólogos), as Exportações têm vindo a recuperar de forma consistente (+16,0% em 2010, e +15,2% em 2011), esperando-se que possam ser o motor da ultrapassagem da crise económica em que o país se encontra mergulhado. No período acumulado de janeiro a fevereiro de 2012, de acordo com dados ainda provisórios, as exportações cresceram +13,3% em termos homólogos, na sequência de aumentos semelhantes nos meses de janeiro (+13,3%) e de fevereiro (+13,2%).

Quadro 1 - Evolução Mensal das Exportações^{[1] P} Portuguesas com Destino ao Mundo

	milhões de euros					TVH (%)				TV face período anterior (%)				
	2008	2009	2010	2011	2012	2009	2010	2011	2012	2008	2009	2010	2011	2011
Meses não Ac.														
Janeiro	3 406	2 454	2 608	3 121	3 537	-28.0	6.3	19.7	13.3	-	2.1	3.8	-0.4	8.7
Fevereiro	3 462	2 404	2 719	3 314	3 752	-30.6	13.1	21.9	13.2	1.6	-2.0	4.2	6.2	6.1
Março	3 359	2 644	3 333	3 779	-	-21.3	26.1	13.4	-	-3.0	10.0	22.6	14.0	-
Abril	3 484	2 514	2 962	3 441	-	-27.9	17.9	16.2	-	3.7	-4.9	-11.1	-8.9	-
Mai	3 382	2 562	3 048	3 701	-	-24.2	19.0	21.4	-	-2.9	1.9	2.9	7.5	-
Junho	3 365	2 697	3 137	3 588	-	-19.9	16.3	14.4	-	-0.5	5.2	2.9	-3.0	-
Julho	3 894	3 113	3 402	3 777	-	-20.1	9.3	11.0	-	15.7	15.4	8.4	5.3	-
Agosto	2 438	2 035	2 512	2 924	-	-16.5	23.4	16.4	-	-37.4	-34.6	-26.2	-22.6	-
Setembro	3 345	2 841	3 314	3 792	-	-15.1	16.7	14.4	-	37.2	39.6	31.9	29.7	-
Outubro	3 334	2 993	3 267	3 790	-	-10.2	9.2	16.0	-	-0.3	5.3	-1.4	0.0	-
Novembro	2 975	2 929	3 327	3 876	-	-1.5	13.6	16.5	-	-10.8	-2.1	1.8	2.3	-
Dezembro	2 403	2 513	3 133	3 254	-	4.6	24.7	3.9	-	-19.2	-14.2	-5.8	-16.0	-
Trimestres														
1	10 227	7 501	8 659	10 213	-	-26.7	15.4	5.0	-	-	-13.9	2.7	5.0	-
2	10 231	7 773	9 148	10 730	-	-24.0	17.7	17.3	-	0.0	3.6	5.6	5.1	-
3	9 677	7 989	9 228	10 493	-	-17.5	15.5	13.7	-	-5.4	2.8	0.9	-2.2	-
4	8 712	8 435	9 727	10 920	-	-3.2	15.3	12.3	-	-10.0	5.6	5.4	4.1	-
Semestres														
1	20 458	15 273	17 807	20 943	-	-25.3	16.6	17.6	-	-	-16.9	8.4	10.5	-
2	18 389	16 423	18 955	21 413	-	-10.7	15.4	13.0	-	-10.1	7.5	6.4	2.2	-
Ano														
	38 847	31 697	36 762	42 357	-	-18.4	16.0	15.2	-	-	-18.4	16.0	15.2	-
Jan a Fev														
	6 867	4 857	5 327	6 435	7 289	-29.3	9.7	20.8	13.3	-	-	-	-	-

[1] Somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

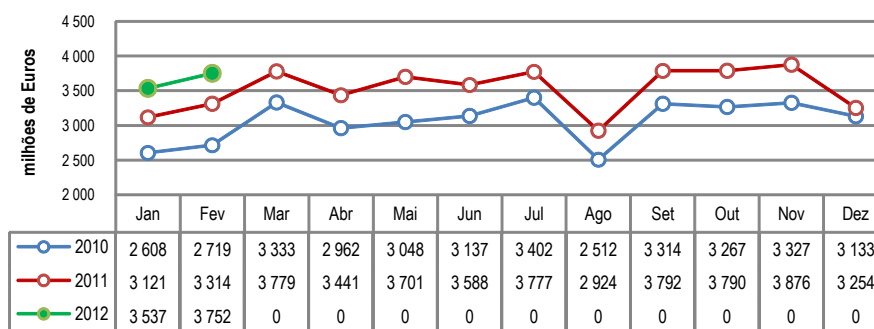
Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Ao longo de 2011, de acordo com uma versão também ainda provisória, os valores das exportações mensais situaram-se sempre acima das do ano anterior, tendo ocorrido uma desaceleração do crescimento no mês de dezembro. Também nos primeiros dois meses de 2012, o valor das exportações mensais não acumuladas se continuou a situar acima dos correspondentes valores mensais de 2011 (Gráfico 1).

¹ Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

² Assessor Principal da Função Pública (AP). Este trabalho é da exclusiva responsabilidade do autor.

Gráfico 1 – Exportação Mensal não Acumulada



[1] Somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.
Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Face a este crescimento das exportações e a uma desaceleração sucessiva das importações, cuja taxa de variação homóloga nos primeiros dois meses de 2012, de acordo com os dados disponíveis, foi mesmo negativa (-0,3%), o défice da Balança Comercial tem vindo a decrescer sustentadamente (-24,5% em 2011 e -33,1% nos primeiros dois meses de 2012), com o grau de cobertura das importações pelas exportações a saltar de 73,4% em 2011 para 80,4% no período de janeiro a fevereiro de 2012 (ver Anexo 1).

Em termos de **Grandes Categorias Económicas** verifica-se que nos dois primeiros meses do ano as maiores quebras nas importações de mercadorias incidiram nas “Máquinas e outros bens de equipamento e acessórios” (-8,9%) e no “Material de transporte e acessórios” (-8,1%), para além de diversos bens de consumo.

Terá interesse analisar com algum pormenor a *performance* das exportações nos dois primeiros meses do ano quer no que respeita ao tipo de produtos transacionados quer aos mercados de destino, evidenciando os acréscimos e decréscimos verificados face ao período homólogo do ano anterior, desiderato a que nos propomos nas páginas seguintes.

2 – Análise das Exportações Globais por Agrupamentos de Produtos e Mercados de Destino

Advertência - As alterações introduzidas em 2012 ao Sistema Harmonizado (6 dígitos), comum à generalidade dos países, base da Nomenclatura Combinada por que se regem as estatísticas da União Europeia (6+2 dígitos), veio colocar alguma dificuldade no rigor da análise comparativa da evolução do comércio internacional em 2012 face a anos anteriores, por tipos de produtos. Essa dificuldade estende-se a um conjunto de produtos definidos ao nível mais agregado de dois dígitos da Nomenclatura (Capítulos), uma vez que houve transferência entre capítulos de um conjunto de produtos definidos a oito dígitos.

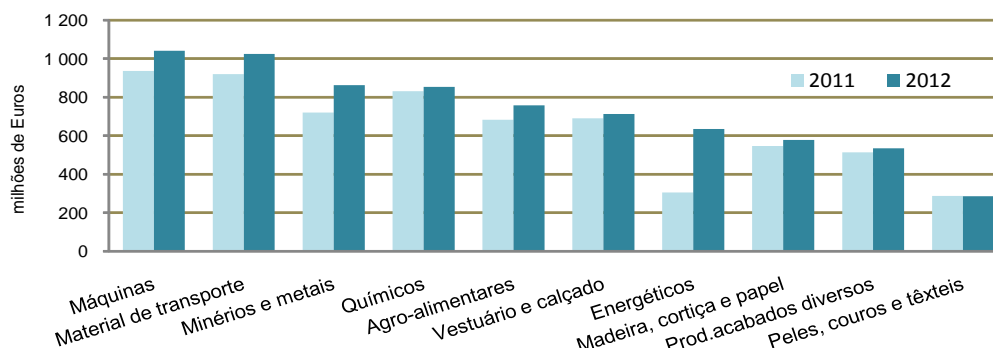
Contudo, ao nível dos Agrupamentos de Produtos considerados neste trabalho (ver Anexo 2), essa discrepância é irrelevante. As imprecisões mais sensíveis poderão incidir, enquanto produtos definidos ao nível de Capítulo, no âmbito do agrupamento “Químicos” (Capºs 28 a 40).

□ Agrupamentos de produtos

Nos primeiros dois meses de 2012 os agrupamentos com maior peso na estrutura das exportações foram o das “Máquinas” (14,3% do total) e o do “Material de transporte” (14,1%), a que se seguiram os dos

“Minérios e metais” (11,8%), dos “Químicos” (11,7%) e dos “Agroalimentares” (10,4%) (Gráfico 2 e Quadro 2).

Gráfico 2 - Exportações por Agrupamentos de Produtos
- Janeiro a fevereiro de 2011 e 2012 -



[1] Somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

O acréscimo das exportações em valor absoluto, face ao período homólogo do ano anterior, cifrou-se em 854 milhões de Euros, cabendo o maior contributo ao agrupamento “Energéticos” (+331 milhões), seguido dos agrupamentos “Minérios e metais” (+142 milhões), “Máquinas (+106 milhões) e “Material de transporte” (+105 milhões de Euros) (Quadro 2).

Quadro 2 – Exportações ^[1] por Agrupamentos de Produtos da Nomenclatura Combinada
- Janeiro a fevereiro de 2010 a 2012 -

Agrupamentos de Produtos (NC)	milhões de Euros			TVH		Estrutura (%)			Dif. face ano anterior (milhões de Euros)		
	2010	2011	2012	11/10	12/11	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Total	5 327	6 435	7 289	20.8	13.3	100.0	100.0	100.0	469	1 108	854
0 Agro-alimentares	586	683	758	16.4	11.0	11.0	10.6	10.4	-12	96	75
1 Energéticos	376	305	636	-18.9	108.3	7.1	4.7	8.7	215	-71	331
2 Químicos	617	832	854	34.8	2.7	11.6	12.9	11.7	111	215	22
3 Madeira, cortiça e papel	463	547	579	17.9	5.9	8.7	8.5	7.9	44	83	32
4 Peles, couros e têxteis	229	288	287	25.9	-0.5	4.3	4.5	3.9	11	59	-1
5 Vestuário e calçado	603	690	713	14.5	3.3	11.3	10.7	9.8	-58	88	22
6 Minérios e metais	498	721	862	44.8	19.6	9.3	11.2	11.8	55	223	142
7 Máquinas	811	936	1 042	15.4	11.3	15.2	14.5	14.3	-2	125	106
8 Material de transporte	669	919	1 025	37.4	11.4	12.6	14.3	14.1	78	250	105
9 Prod.acabados diversos	474	514	534	8.4	3.9	8.9	8.0	7.3	26	40	20

[1] Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Ao nível mais desagregado de Capítulos da Nomenclatura Combinada (NC-2)³, constata-se que os maiores **acréscimos** das exportações nos dois primeiros meses do ano incidiram nos “Combustíveis” (+330,6 milhões de Euros), a que se seguiram os “Veículos automóveis e suas partes” (+87,9 milhões), e as Pedras e metais preciosos (+82,3%), em sua grande parte ouro em formas brutas ou semimanufacturadas (+79 milhões de Euros). Seguiram-se as “Máquinas e aparelhos mecânicos” (+58,8 milhões), as “Máquinas e aparelhos elétricos” (+46,8 milhões), e a “Borracha e suas obras” (+39,3

³ Os capítulos assinalados a vermelho reportam-se a produtos do agrupamento “Químicos”, onde poderão residir algumas imprecisões na sequência das alterações introduzidas ao Sistema Harmonizado em 2012.

milhões de Euros), designadamente pneumáticos novos (+35,1 milhões), em sua grande parte equipando veículos automóveis novos exportados.

Com acréscimos de menor monta seguiram-se o “Papel e cartão” (+17,3 milhões), o “Vestuário exceto de malha” (+17,2), o “Plástico e suas obras” (+16,8), o “Peixe, crustáceos e moluscos” (+15,8), as “Gorduras e óleos animais e vegetais” (+15,5), os “Produtos farmacêuticos” (+13,5), o “Cobre e suas obras” (+13,4), designadamente desperdícios e resíduos de cobre (+7,0) e cobre não refinado e ânodos de para afinação eletrolítica (+5,7), “Bebidas alcoólicas” (+12,7), “Aeronaves e suas partes” (+8,7), “Ferro e aço” (+8,1), “Calçado e suas partes” (+8,1), “Obras de pedra, gesso, cimento e outros materiais” (+8,1), como obras de cimento (+3,3) e pedra para calçetar, lancis e lajes para pavimentação, de pedra natural, exceto de ardósia (+2,4), entre outras, e “Madeira e suas obras” (+7,8 milhões de Euros) (Quadro 3).

Quadro 3 - Os 20 Maiores Acréscimos das Exportações em Janeiro-fevereiro de 2012 por Capítulos da NC e Correspondentes Valores em 2010 e 2011

(Capítulos ordenados por ordem decrescente de valor em 2012)

milhões de Euros

Cod.	Capítulos (NC-2)	Diferença face ano anterior		
		2010	2011	2012
27	Combustíveis e óleos minerais; betumes e ceras	215.5	-71.1	330.6
87	Automóv/tractores/ciclos/outr terrest; partes/acess	86.7	266.8	87.9
71	Pérolas; pedras prec e semi; metais prec; bijutaria	7.4	33.6	82.3
84	Máq/aparelh mecânic; react nucl; caldeiras; s/partes	-27.5	36.0	58.8
85	Máq/aparelh eléctrc; grav som/imagem; s/partes	26.0	89.1	46.8
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	-3.6	17.1	40.4
40	Borracha e suas obras	34.0	19.6	39.3
48	Papel, cartão e suas obras; obras pasta celulose	42.9	13.2	17.3
62	Vestuário excepto de malha e seus acessórios	0.0	5.2	17.2
39	Plástico e suas obras	50.4	64.8	16.8
03	Peixes, crustáceos e moluscos	13.6	19.5	15.8
15	Gorduras e óleos animais e vegetais	3.4	11.2	15.5
30	Produtos farmacêuticos	4.5	14.9	13.5
74	Cobre e suas obras	12.9	11.7	13.4
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	-0.5	17.6	12.7
88	Aeronaves/outr aparelh aéreos/espaciais; s/partes	0.8	6.2	8.7
72	Ferro fundido, ferro e aço	1.5	97.1	8.1
64	Calçado e suas partes	-26.1	50.8	8.1
68	Obras de pedra/gesso/cimento/amianto/mica	-2.4	4.3	8.1
44	Madeira e suas obras; carvão vegetal	-7.3	22.3	7.8
<i>Total da amostra:</i>		432.2	729.9	849.0

Nota: Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

O maior **decréscimo** das exportações ocorreu nos “Produtos químicos orgânicos” (-49,8 milhões de Euros), com maior incidência nos “Hidrocarbonetos acíclicos” (-34,2), como propileno (-20,6), etileno (-8,3) e butadieno (-5,5 milhões de Euros), nos “Compostos de função carboxiamida e amida do ácido carbónico” (-17,2), designadamente amidas cíclicas, e nos “Éteres” (-6,3 milhões).

Seguiram-se as “Plantas vivas e produtos de floricultura” (-11,5 milhões), como folhagem, folhas, ramos e outras partes de plantas para ornamentação, secos, branqueados, tingidos, impregnados ou preparados de outro modo (-12,2) ou plantas vivas, incluindo as suas raízes, e micélios de cogumelos (-3,0), o “Comércio confidencial e encomendas postais” (-11,2), os “Minérios” (-11,1), principalmente os de cobre (-15,7), as “Fibras têxteis sintéticas ou artificiais” (-7,0), “Outros artefactos têxteis” (-5,0), principalmente roupas de cama, mesa, toucador ou cozinha (-5,7) e artefactos diversos de matérias têxteis usados (-1,3), “Algodão” (-4,6), designadamente tecidos mas também fios de algodão, “Produtos diversos das

indústrias químicas” (-4,4), “Vestuário de malha” (-4,2) e “Extratos tanantes, tintas e vernizes” (-2,4 milhões de Euros) (*Quadro 4*).

Quadro 4 - Os 20 Maiores Decréscimos das Exportações em Janeiro-fevereiro de 2012 por Capítulos da NC e Correspondentes Valores em 2010 e 2011

(Capítulos ordenados por ordem decrescente de valor em 2012)

milhões de Euros

Cod.	Capítulos (NC-2)	Diferença face ano anterior		
		2010	2011	2012
29	Produtos químicos orgânicos	31.6	75.4	-49.8
06	Plantas vivas e produtos de floricultura	-2.6	9.8	-11.5
99	Comércio confidenc/enc postais; provisões bordo	-7.0	-13.3	-11.2
26	Minérios, escórias e cinzas	9.7	48.3	-11.1
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	1.8	13.8	-7.0
63	Outr artefact têxt; calçado/chapéus usados; trapos	2.6	9.9	-5.0
52	Algodão	-1.4	9.0	-4.6
38	Produtos diversos das indústrias químicas	-13.1	23.0	-4.4
61	Vestuário de malha e seus acessórios	-32.3	29.3	-4.2
32	Extratos tanantes; pigmentos; tintas e vernizes	5.2	2.0	-2.4
	<i>Total da amostra:</i>	-5.4	207.1	-111.1

Nota: Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

□ Mercados de destino

Nos primeiros dois meses de 2012, o peso dos Países Terceiros, para onde convergiram 27,7% das exportações globais portuguesas, aumentou 4,6 p.p. face ao mesmo período do ano anterior.

Os dois principais destinos das exportações para o espaço extracomunitário foram Angola (5,4% da exportação total) e os EUA (5,3%). Cada um destes países ultrapassou neste período o montante das exportações para parceiros comunitários como o Reino Unido (4,9%), Países Baixos (3,7%), Itália (3,5%), Bélgica (3,3%), Suécia (1,2%), Polónia (0,9%) ou Dinamarca (0,7%). Seguiram-se, no *ranking* dos Países Terceiros, a China (1,7%), o Brasil (1,4%), Marrocos (1,1%), a Suíça (0,9%), Gibraltar (0,8%) e Moçambique (0,7%) (*Quadro 5*).

No âmbito da União Europeia, e liderando as exportações globais a grande distância dos restantes destinos, perfila-se a Espanha (23,1%), seguida da Alemanha (13,8%) e da França (12,5%). A Espanha, para onde se vêm dirigindo cerca de ¼ das exportações nacionais, viu a sua quota descer de 26,1%, nos dois primeiros meses de 2011, para 23,1% em 2012, apresentando a menor taxa de crescimento entre os 20 principais destinos (apenas +0,2%), taxa que foi mesmo negativa no mês de janeiro (-2,7%).

Quadro 5 - Exportações Portuguesas de Mercadorias por Destinos
- Janeiro a fevereiro de 2011 e 2012 -

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	6 434.9	7 288.5	13.3	100.0	100.0	Mundo	956.2	Mundo	-102.6
Intra UE-27	4 947.7	5 268.7	6.5	76.9	72.3	Intra UE-27	335.2	Intra UE-27	-14.2
Extra UE-27	1 487.2	2 019.8	35.8	23.1	27.7	Extra UE-27	621.1	Extra UE-27	-88.5
1 ES Espanha	1 678.4	1 682.1	0.2	26.1	23.1	US EUA	159.7	CA Canadá	-17.1
2 DE Alemanha	895.1	1 007.5	12.6	13.9	13.8	DE Alemanha	112.5	TW Taiwan	-7.8
3 FR França	838.3	908.4	8.4	13.0	12.5	AO Angola	88.0	SA Arábia Saudita	-6.6
4 AO Angola	304.0	392.0	28.9	4.7	5.4	CN China	78.2	GN Guiné	-5.8
5 US EUA	230.1	389.9	69.4	3.6	5.3	FR França	70.2	MX México	-5.1
6 GB Reino Unido	334.4	355.4	6.3	5.2	4.9	GI Gibraltar	41.5	TN Tunísia	-4.5
7 NL Países Baixos	262.0	268.3	2.4	4.1	3.7	BE Bélgica	40.1	IE Irlanda	-4.0
8 IT Itália	251.4	252.7	0.5	3.9	3.5	QS Prov Bordo Extra	36.8	LY Líbia	-4.0
9 BE Bélgica	197.0	237.2	20.4	3.1	3.3	MA Marrocos	31.2	FI Finlândia	-4.0
10 CN China	44.4	122.6	176.3	0.7	1.7	MZ Moçambique	29.3	AR Argentina	-3.6
11 QS Prov Bordo Extra	65.6	102.4	56.1	1.0	1.4	VE Venezuela	27.0	CY Chipre	-3.5
12 BR Brasil	97.1	99.1	2.1	1.5	1.4	QR Prov Bordo Intra	21.1	NG Nigéria	-3.4
13 QR Prov Bordo Intra	63.9	85.0	33.0	1.0	1.2	GB Reino Unido	21.0	CV Cabo Verde	-2.9
14 SE Suécia	70.6	84.7	20.1	1.1	1.2	DZ Argélia	15.7	AE Emiratos	-2.9
15 MA Marrocos	50.6	81.8	61.7	0.8	1.1	SE Suécia	14.2	JP Japão	-2.7
16 PL Polónia	57.1	64.4	12.7	0.9	0.9	TR Turquia	10.7	IR Irão	-2.3
17 CH Suíça	58.5	63.2	8.1	0.9	0.9	RU Rússia	8.3	SL Serra Leoa	-2.1
18 GI Gibraltar	13.9	55.4	298.6	0.2	0.8	DK Dinamarca	8.2	CU Cuba	-2.1
19 DK Dinamarca	45.2	53.4	18.1	0.7	0.7	XC Ceuta	7.9	PA Panamá	-2.0
20 MZ Moçambique	24.1	53.4	121.3	0.4	0.7	PL Polónia	7.3	GR Grécia	-1.9
<i>Total da amostra:</i>	<i>5 581.6</i>	<i>6 358.8</i>	<i>13.9</i>	<i>86.7</i>	<i>87.2</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>828.8</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-88.1</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

O somatório dos incrementos verificados nos mercados de destino das exportações, em valor absoluto, teve a sua maior expressão nos países extracomunitários, com mais 621,1 milhões de Euros do que no mesmo período do ano anterior, cifrando-se o aumento no âmbito comunitário em 335,2 milhões de Euros. Tomando em consideração o somatório dos decréscimos entretanto verificados, apurou-se um saldo global positivo de +853,6 milhões de Euros, cabendo +532,6 milhões ao espaço extracomunitário e +321,0 milhões ao intracomunitário.

Entre os vinte **maiores acréscimos**, doze deles corresponderam a destinos extracomunitários, o que sublinha o esforço de diversificação de mercados que vem sendo desenvolvido por parte dos exportadores nacionais (*Quadro 5*).

O aumento mais substancial verificou-se nas exportações para os **EUA** (+159,7 milhões de Euros, o que correspondeu a cerca de 19% do aumento global, acréscimo alicerçado nos produtos energéticos, designadamente gasolina com um índice de octanas inferior a 95. Seguiram-se (*ver Quadros 7 a 16 no Ponto 4*):

- **Alemanha** (+112,5 milhões de Euros), com acréscimos principalmente nos agrupamentos “Químicos” (+30,1), “Material de transporte” (+27,8), “Máquinas” (+20,8), “Madeira, cortiça e papel” (+15,6), “Agroalimentares” (+6,5) e “Vestuário e calçado” (+3,3 milhões);
- **Angola** (+88,0 milhões de Euros), com destaque para os agrupamentos “Agroalimentares” (+19,4), “Máquinas” (+18,9), “Químicos” (+9,9), “Material de transporte” (+9,8), “Produtos acabados diversos” (+7,4), “Vestuário e calçado” (+2,3), “Madeira, cortiça e papel” (+1,2) e “Peles, couros e têxteis” (+0,9 milhões de Euros);
- **China** (+78,2 milhões de Euros), principalmente “Material de transporte” (+60,8 milhões de Euros), designadamente automóveis ligeiros de passageiros, que começaram a ser exportados em 2012, e também “Químicos” (+4,3) e “Peles, couros e têxteis” (+2,3 milhões de Euros);

- **França** (+70,2 milhões de Euros), com predomínio do “Material de transporte” (+29,3), “Produtos acabados diversos” (+15,2), “Agroalimentares” (+11,2), “Madeira, cortiça e papel” (+4,3), “Químicos” (+3,2), “Energéticos” (+2,5) e “Peles, couros e têxteis” (+1,5 milhões de Euros);
- **Gibraltar** (+41,5 milhões de Euros), exclusivamente *fuelóleo* utilizado nos navios que navegam no Mediterrâneo, eventualmente vasos de guerra;
- **Bélgica** (+40,1 milhões de Euros), principalmente “Minérios e metais” (+42,7), “Material de transporte” (+7,5), “Madeira, cortiça e papel” (+2,2), “Vestuário e calçado” (+2,0 milhões de Euros);
- **Provisões de Bordo-Extra UE** (+36,8 milhões de Euros), em sua grande parte combustíveis, fornecidos nas bancas;
- **Marrocos** (+31,2 milhões de Euros), com destaque para “Energéticos” (+19,6), “Minérios e metais” (+8,0), “Químicos” (+5,2), “Máquinas” (5,0), “Agroalimentares” (+1,0) e “Produtos acabados diversos” (+0,7 milhões de Euros);
- **Moçambique** (+29,3 milhões de Euros), com maior incidência nas “Máquinas” (+15,0), “Material de transporte” (+8,4), “Minérios e metais” (+2,1), “Químicos” (+1,0), “Agroalimentares” (+0,9), “Peles, couros e têxteis” (+0,9), “Produtos acabados diversos” (+0,6) e “Vestuário e calçado” (+0,4 milhões de Euros);
- **Venezuela** (+27,0 milhões de Euros), principalmente “Máquinas” (+16,4 milhões de Euros), “Minérios e metais” (+7,0), “Energéticos” (+4,1) e “Químicos” (+1,8 milhões de Euros);
- **Provisões de Bordo-Intra UE** (+21,1 milhões de Euros), em sua grande parte combustíveis, fornecidos nas bancas;
- **Reino Unido** (+21,0 milhões de Euros), com destaque para a “Madeira, cortiça e papel” (+14,3), “Máquinas” (+4,6), “Químicos” (+4,7), “Minérios e metais” (+2,9), “Produtos acabados diversos” (+2,7) e “Agroalimentares” (+0,8 milhões de Euros);
- **Argélia** (+15,7 milhões de Euros), designadamente “Minérios e metais” (+18,9), “Químicos” (+1,0) e “Produtos acabados diversos” (+0,7 milhões de Euros);
- **Suécia** (+14,2 milhões de Euros), principalmente “Minérios e metais” (+8,8), “Madeira, cortiça e papel” (+5,9), “Material de transporte” (+2,3), “Químicos” (+1,7), “Produtos acabados diversos” (+1,6) e “Agroalimentares” (+1,0 milhões de Euros);
- **Turquia** (+10,7 milhões de Euros), com predomínio de “Energéticos” (+11,8), “Madeira, cortiça e papel” (+4,7) e “Vestuário e calçado” (+0,4 milhões de Euros);
- **Rússia** (+8,3 milhões de Euros), com destaque para “Máquinas” (+4,6), “Madeira, cortiça e papel” (+2,0), “Produtos acabados diversos” (+1,6), “Vestuário e calçado” (+1,0), “Químicos” (+0,7) e “Peles, couros e têxteis” (+0,4 milhões de Euros);
- **Dinamarca** (+8,2 milhões de Euros), com maior incidência no “Vestuário e calçado” (+6,2), “Madeira, cortiça e papel” (+1,3), “Peles, couros e têxteis” (+0,8) e “Produtos acabados diversos” (+0,6 milhões de Euros);
- **Ceuta** (+7,9 milhões de Euros), essencialmente “Energéticos” (+8,0);
- **Polónia** (+7,3 milhões de Euros), com destaque para “Madeira, cortiça e papel” (+4,8), “Químicos” (+4,5), “Máquinas” (+2,1) e “Agroalimentares” (+1,2 milhões de Euros).

Os **maiores decréscimos** incidiram também nos países extracomunitários (-88,5 milhões de Euros), cabendo um volume menor ao espaço comunitário (-14,2 milhões).

O decréscimo mais significativo verificou-se com o **Canadá** (-17,1 milhões de Euros), principalmente devido a quebras das exportações de “Minérios e metais” (-17,4) e de “Químicos” (-1,2 milhões de Euros). Seguiram-se, com descidas superiores a 5 milhões de Euros:

- **Taiwan** (-7,8 milhões de Euros), com destaque para as “Máquinas” (-6,4), “Produtos acabados diversos” (-0,7) e “Químicos” (-0,4 milhões de Euro);
- **Arábia Saudita** (-6,6 milhões de Euros), principalmente “Energéticos (-2,6), “Madeira, cortiça e papel” (-2,5), e “Produtos acabados diversos” (-1,4 milhões de Euros);
- **Guiné** (-5,8 milhões de Euros), com maior incidência nas “Máquinas” (-2,7), “Minérios e metais” (-2,0), “Material de transporte” (-0,8) e “Produtos acabados diversos” (-0,3 milhões de Euros);
- **México** (-5,1 milhões de Euros), principalmente devido a quebras nos “Químicos” (-8,6), “Material de transporte” (-2,2), “Produtos acabados diversos” (-1,1) e “Peles, couros e têxteis” (-0,3 milhões de Euros).

3 - Exportações por Agrupamentos de Produtos Desagregadas por Capítulos da NC

No *Quadro 6* podem observar-se todos os acréscimos e decréscimos do valor das exportações ao nível dos capítulos da Nomenclatura Combinada que integram cada agrupamento de produtos, no período de janeiro a fevereiro, face ao período homólogo do ano anterior, nos anos de 2010, 2011 e 2012, ordenados por ordem decrescente em 2012.

Quadro 6 - Diferencial do Valor das Exportações ^[1]
Face ao Mesmo Período do Ano Anterior por Agrupamentos e Capítulos da NC

(Ordenadas por ordem decrescente em 2012)

- Janeiro a fevereiro de 2010, 2011 e 2012 -

milhões de Euros

Agrupamentos e Capítulos (NC-2)		Diferencial face ano anterior		
		2010	2011	2012
Total da Exportação		469.4	1 108.0	853.6
Agro-alimentares		-11.9	96.2	74.9
03	Peixes, crustáceos e moluscos	13.6	19.5	15.8
15	Gorduras e óleos animais e vegetais	3.4	11.2	15.5
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	-0.5	17.6	12.7
20	Prep de produtos hortícolas, frutas ou plantas	1.7	6.0	6.9
04	Leite e laticínios, ovos, mel	-1.8	6.6	6.6
16	Preparações carnes/peixes/crustáceos/moluscos	-5.5	10.6	5.2
24	Tabaco e seus sucedâneos manufacturados	9.1	-5.5	4.6
19	Prep base cereais ou leite; produtos de pasteleria	-1.1	4.4	4.6
01	Animais vivos	-6.7	-2.3	4.3
02	Carnes e miudezas comestíveis	-5.1	4.6	2.5
18	Cacau e suas preparações	-1.0	0.3	2.2
05	Produtos de origem animal n.e.	-0.6	2.8	1.9
12	Sementes/frutos de oleagin, plantas ind/medicinais	2.0	-0.3	1.6
09	Café, chá, mate e especiarias	1.4	1.0	1.5
11	Prod ind moagem, amidos, féculas, glúten de trigo	-0.6	0.7	1.2
23	Resíduos ind aliment; alimentos prep p/animais	-0.3	-2.1	0.6
10	Cereais	-0.5	-1.6	0.5
21	Preparações alimentícias diversas	-0.3	-0.7	0.4
13	Gomas, resinas e outros extractos vegetais	-1.3	-0.8	0.3
14	Matérias p/entrançar e outros prod vegetais	0.1	0.1	0.0
17	Açúcares e produtos de confeitaria	-11.4	3.0	-0.1
08	Frutas, cascas de citrinos e melões	2.6	5.2	-0.3
07	Prod hortícolas, raízes e tubérculos comestíveis	-6.5	6.2	-2.2
06	Plantas vivas e produtos de floricultura	-2.6	9.8	-11.5
Energéticos		215.5	-71.1	330.6
27	Combustíveis e óleos minerais; betumes e ceras	215.5	-71.1	330.6
Químicos		111.3	214.7	22.4
40	Borracha e suas obras	34.0	19.6	39.3
39	Plástico e suas obras	50.4	64.8	16.8
30	Produtos farmacêuticos	4.5	14.9	13.5
34	Sabões; lubrificant; ceras artif; velas; prep dentista	-2.3	-0.5	6.9
35	Mat albuminóid; prod base amido; colas; enzimas	-1.1	3.0	3.8
28	Prod quim inorg; comp metais prec/rádio-isótopos	-1.8	2.5	0.5
36	Pólvora/explosiv; pirotecn; fósforos; mat inflamáv	0.0	0.1	0.0
33	Óleos essenciais; perfumaria; cosméticos	2.4	-0.4	-0.1
37	Produtos para fotografia e cinematografia	-0.4	0.6	-0.6
31	Aubos e fertilizantes	1.8	9.7	-1.1
32	Extratos tanantes; pigmentos; tintas e vernizes	5.2	2.0	-2.4
38	Produtos diversos das indústrias químicas	-13.1	23.0	-4.4
29	Produtos químicos orgânicos	31.6	75.4	-49.8
Madeira, cortiça e papel		44.4	83.1	32.3
48	Papel, cartão e suas obras; obras pasta celulose	42.9	13.2	17.3
44	Madeira e suas obras; carvão vegetal	-7.3	22.3	7.8
47	Pastas madeira/celulose; desperdíc papel/cartão	1.0	35.5	5.1
45	Cortiça e suas obras	7.8	14.6	2.4
46	Obras de espartaria ou de cestaria	0.0	0.0	0.0
49	Livros, jornais, gravuras, prod indúst gráficas	0.0	-2.6	-0.3

(continua)

milhões de Euros

Agrupamentos e Capítulos (NC-2)		Diferencial face ano anterior		
		2010	2011	2012
Peles, couros e têxteis		11.1	59.4	-1.4
59	Tecid impregnad/revest; art uso técnico mat têxteis	5.3	1.6	5.9
42	Obras de couro; artig viagem/bolsas; obras tripa	-1.3	2.6	3.3
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	0.4	0.6	2.4
56	Pastas (ouates), feltros e falsos tecidos, cordoaria	-0.8	10.5	1.5
57	Tapetes e outros revestimentos de matérias têxteis	2.6	-1.0	1.4
58	Tecid espec; renda/bordad; tapeçarias; passaman	2.0	1.7	1.2
51	Lã e pêlos; fios e tecidos de crina	-1.4	0.0	0.7
41	Peles, excepto com pêlo, e couros	-0.4	4.0	0.6
43	Peles c/pêlo e suas obras; peles artificiais c/pêlo	-0.2	1.6	0.6
53	Outr fibras têxteis vegetais; fios e tecidos de papel	-0.1	0.5	0.0
50	Seda	-0.1	0.2	-0.2
60	Tecidos de malha	2.2	4.5	-2.1
52	Algodão	-1.4	9.0	-4.6
63	Outr artefact têxt; calçado/chapéus usados; trapos	2.6	9.9	-5.0
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	1.8	13.8	-7.0
Vestuário e calçado		-58.5	87.5	22.5
62	Vestuário excepto de malha e seus acessórios	0.0	5.2	17.2
64	Calçado e suas partes	-26.1	50.8	8.1
65	Chapéus e artefactos semelhantes, e suas partes	0.1	1.8	1.0
66	Guarda-chuva/sol, sombrinhas, bengalas, s/partes	-0.2	0.4	0.3
67	Penas e s/obras; flores artificiais; obras de cabelo	0.1	0.0	0.1
61	Vestuário de malha e seus acessórios	-32.3	29.3	-4.2
Minérios e metais		54.9	223.0	141.5
71	Pérolas; pedras prec e semi; metais prec; bijuteria	7.4	33.6	82.3
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	-3.6	17.1	40.4
74	Cobre e suas obras	12.9	11.7	13.4
72	Ferro fundido, ferro e aço	1.5	97.1	8.1
82	Ferramentas/cutelari/talheres met comum; s/partes	-2.1	2.7	3.8
25	Sal, enxofre, terras e pedras; gesso, cal e cimento	14.3	-0.7	3.2
83	Obras diversas de metais comuns	3.1	6.9	1.5
76	Alumínio e suas obras	9.9	4.2	1.4
80	Estanho e suas obras	0.1	0.1	0.1
75	Níquel e suas obras	0.0	0.0	0.0
79	Zinco e suas obras	0.0	0.2	-0.2
81	Outros metais comuns, "cermets" e suas obras	0.1	0.4	-0.5
78	Chumbo e suas obras	1.6	1.3	-1.0
26	Minérios, escórias e cinzas	9.7	48.3	-11.1
Máquinas		-1.5	125.1	105.6
84	Máq/aparelh mecânic; react nucl; caldeiras; s/partes	-27.5	36.0	58.8
85	Máq/aparelh eléctric; grav som/imagem; s/partes	26.0	89.1	46.8
Material de transporte		78.4	250.5	105.2
87	Automóv/tractores/ciclos/outr terrest; partes/acess	86.7	266.8	87.9
88	Aeronaves/outr aparelh aéreos/espaciais; s/partes	0.8	6.2	8.7
89	Embarcações e estruturas flutuantes	-8.9	-22.5	7.6
86	Veículos/mat via férrea; aparelh mecân sinalização	-0.2	0.0	0.9
Produtos Acabados diversos		25.7	39.7	20.2
68	Obras de pedra/gesso/cimento/amianto/mica	-2.4	4.3	8.1
96	Obras diversas de metais comuns	0.0	-1.3	6.4
94	Mobiliário/colchões/almofad/candeeiros/pré-fabric	27.2	14.5	4.4
69	Produtos cerâmicos	-3.0	9.9	2.7
97	Objectos de arte, de colecção ou antiguidades	0.9	-0.4	2.5

(continua)

milhões de Euros

Agrupamentos e Capítulos (NC-2)		Diferencial face ano anterior		
		2010	2011	2012
70	Vidro e suas obras	7.8	8.8	2.0
95	Brinquedos/jogos/artig desporto; s/partes e acess	1.6	-2.8	2.0
90	Aparelh óptic/fotog/medida/precisão/médic;s/partes	1.9	15.6	1.8
91	Artigos de relojoaria	3.2	2.6	1.2
92	Instrumentos musicais; s/partes e acessórios	-0.1	-0.1	0.3
98	Conjuntos industriais	0.0	0.0	0.0
93	Armas e munições; s/partes e acessórios	-4.5	1.9	-0.1
99	Comércio confidenc/enc postais; provisões bordo	-7.0	-13.3	-11.2

[1] Exportações aqui entendidas como o somatório das Expedições para o espaço comunitário com as Exportações para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

4 - Principais Destinos das Exportações de Cada Agrupamento de Produtos

Maiores acréscimos e decréscimos

Seguem-se quadros por agrupamentos de produtos, em que se colocam em evidência os vinte principais destinos das exportações portuguesas nos dois primeiros meses de 2012 e período homólogo de 2011, sua taxa de variação e a estrutura nos dois anos, bem como os vinte maiores acréscimos e decréscimos em valor absoluto em 2012, por destinos.

Quadro 7 - Energéticos

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	305.1	635.7	108.3	100.0	100.0	Mundo	361.3	Mundo	-30.7
Intra UE-27	152.2	204.9	34.6	49.9	32.2	Intra UE-27	73.4	Intra UE-27	-20.7
Extra UE-27	152.9	430.8	181.7	50.1	67.8	Extra UE-27	287.9	Extra UE-27	-10.0
1 US EUA	51.0	199.5	291.0	16.7	31.4	US EUA	148.5	NL Países Baixos	-11.3
2 QS Prov Bordo Extra	58.8	96.8	64.8	19.3	15.2	ES Espanha	49.6	SE Suécia	-7.1
3 ES Espanha	41.8	91.4	118.7	13.7	14.4	GI Gibraltar	41.5	AO Angola	-3.5
4 QR Prov Bordo Intra	62.4	83.6	33.9	20.5	13.1	QS Prov Bordo Extra	38.1	SA Arábia Saudita	-2.6
5 GI Gibraltar	13.9	55.4	299.6	4.5	8.7	QR Prov Bordo Intra	21.2	GB Reino Unido	-1.9
6 MA Marrocos	3.6	23.2	545.1	1.2	3.7	MA Marrocos	19.6	GQ Guiné Equatorial	-1.3
7 NL Países Baixos	27.9	16.6	-40.6	9.1	2.6	TR Turquia	11.8	AE Emiratos	-1.2
8 TR Turquia	3.7	15.5	318.7	1.2	2.4	XC Ceuta	8.0	SL Serra Leoa	-0.6
9 XC Ceuta	0.0	8.0		0.0	1.3	IN Índia	4.3	BE Bélgica	-0.4
10 QW Países não det Extra	6.2	6.5	3.9	2.0	1.0	VE Venezuela	4.1	MZ Moçambique	-0.3
11 GB Reino Unido	7.3	5.4	-25.6	2.4	0.9	BR Brasil	4.0	SN Senegal	-0.2
12 GW Guiné-Bissau	2.7	5.3	95.2	0.9	0.8	GW Guiné-Bissau	2.6	GA Gabão	-0.2
13 FR França	1.8	4.3	138.6	0.6	0.7	FR França	2.5	<i>Total da amostra:</i>	<i>-30.7</i>
14 IN Índia	0.0	4.3		0.0	0.7	GM Gâmbia	2.1		
15 VE Venezuela	0.0	4.1		0.0	0.7	CL Chile	0.9		
16 BR Brasil	0.0	4.0	51617.5	0.0	0.6	CV Cabo Verde	0.6		
17 BE Bélgica	3.8	3.4	-10.8	1.2	0.5	GH Ghana	0.5		
18 GM Gâmbia	0.1	2.2	2214.6	0.0	0.3	ST S Tomé e Príncipe	0.4		
19 AO Angola	4.9	1.4	-72.2	1.6	0.2	QW Países não det Extra	0.2		
20 CV Cabo Verde	0.6	1.2	96.4	0.2	0.2	CG Congo	0.2		
<i>Total da amostra:</i>	<i>290.5</i>	<i>632.1</i>	<i>117.6</i>	<i>95.2</i>	<i>99.4</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>360.7</i>		

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 8 - Minérios e metais

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	720.9	862.4	19.6	100.0	100.0	Mundo	226.5	Mundo	-85.0
Intra UE-27	536.6	618.8	15.3	74.4	71.8	Intra UE-27	118.1	Intra UE-27	-35.8
Extra UE-27	184.2	243.5	32.2	25.6	28.2	Extra UE-27	108.4	Extra UE-27	-49.2
1 ES Espanha	285.7	259.4	-9.2	39.6	30.1	BE Bélgica	42.7	ES Espanha	-26.3
2 BE Bélgica	47.0	89.7	90.9	6.5	10.4	DE Alemanha	25.5	CA Canadá	-17.4
3 FR França	63.8	76.6	20.0	8.8	8.9	AO Angola	22.4	BR Brasil	-16.2
4 DE Alemanha	42.2	67.7	60.5	5.9	7.9	IT Itália	20.0	FI Finlândia	-4.4
5 AO Angola	43.3	65.7	51.7	6.0	7.6	DZ Argélia	18.9	GN Guiné	-2.0
6 DZ Argélia	10.8	29.7	175.0	1.5	3.4	FR França	12.8	TN Tunísia	-2.0
7 IT Itália	7.9	27.9	253.4	1.1	3.2	CN China	11.3	PL Polónia	-1.7
8 GB Reino Unido	21.3	24.2	13.5	3.0	2.8	SE Suécia	8.8	SL Serra Leoa	-1.6
9 CN China	11.0	22.3	102.1	1.5	2.6	MA Marrocos	8.0	AR Argentina	-1.5
10 FI Finlândia	25.6	21.2	-17.3	3.5	2.5	VE Venezuela	7.0	QY P. Conf. n.e. Intra	-1.5
11 SE Suécia	11.2	20.1	78.3	1.6	2.3	IL Israel	5.8	IE Irlanda	-1.4
12 MA Marrocos	7.7	15.7	103.9	1.1	1.8	MX México	5.0	OZ P. Conf. n.e. Extra	-1.1
13 US EUA	10.1	13.6	35.0	1.4	1.6	US EUA	3.5	GA Gabão	-1.1
14 BR Brasil	27.7	11.4	-58.7	3.8	1.3	GB Reino Unido	2.9	CO Colômbia	-0.9
15 NL Países Baixos	8.5	11.1	31.0	1.2	1.3	NL Países Baixos	2.6	CV Cabo Verde	-0.8
16 VE Venezuela	0.6	7.6	1137.3	0.1	0.9	MR Mauritânia	2.6	CH Suíça	-0.7
17 IL Israel	0.8	6.6	699.8	0.1	0.8	MZ Moçambique	2.1	AU Austrália	-0.6
18 CV Cabo Verde	7.3	6.4	-11.6	1.0	0.7	IN Índia	2.0	QS Prov Bordo Extra	-0.5
19 MX México	0.6	5.5	896.6	0.1	0.6	NO Noruega	1.8	NZ Nova Zelândia	-0.5
20 IE Irlanda	6.3	4.9	-21.7	0.9	0.6	CI Costa do Marfim	1.8	EG Egipto	-0.4
Total da amostra:	639.3	787.2	23.1	88.7	91.3	Total da amostra:	207.4	Total da amostra:	-82.6

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 9 - Máquinas

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	936.0	1 041.6	11.3	100.0	100.0	Mundo	169.1	Mundo	-63.5
Intra UE-27	670.9	698.8	4.2	71.7	67.1	Intra UE-27	55.6	Intra UE-27	-27.7
Extra UE-27	265.1	342.7	29.3	28.3	32.9	Extra UE-27	113.5	Extra UE-27	-35.8
1 DE Alemanha	198.8	219.6	10.5	21.2	21.1	DE Alemanha	20.8	ES Espanha	-7.9
2 ES Espanha	136.6	128.7	-5.8	14.6	12.4	AO Angola	18.9	TW Taiwan	-6.4
3 FR França	100.4	95.9	-4.4	10.7	9.2	VE Venezuela	16.4	IT Itália	-4.8
4 AO Angola	72.8	91.7	26.0	7.8	8.8	NL Países Baixos	15.8	LY Líbia	-4.8
5 GB Reino Unido	52.7	57.3	8.7	5.6	5.5	MZ Moçambique	15.0	FR França	-4.5
6 IT Itália	42.7	37.9	-11.3	4.6	3.6	US EUA	9.1	IN Índia	-3.8
7 US EUA	23.1	32.2	39.3	2.5	3.1	BR Brasil	6.2	CY Chipre	-3.2
8 NL Países Baixos	15.7	31.4	100.7	1.7	3.0	MA Marrocos	5.0	IE Irlanda	-3.1
9 BE Bélgica	28.5	27.9	-2.3	3.0	2.7	GB Reino Unido	4.6	GN Guiné	-2.7
10 MZ Moçambique	8.1	23.1	185.8	0.9	2.2	RU Rússia	4.6	AE Emiratos	-1.9
11 PL Polónia	19.4	21.5	10.9	2.1	2.1	KW Kuwait	3.5	PA Panamá	-1.6
12 VE Venezuela	2.0	18.5	808.9	0.2	1.8	HU Hungria	3.1	CV Cabo Verde	-1.6
13 CZ Rep Checa	15.3	17.5	14.3	1.6	1.7	CO Colômbia	3.1	LT Lituânia	-1.5
14 BR Brasil	11.3	17.4	55.1	1.2	1.7	HK Hong-Kong	2.9	NG Nigéria	-1.4
15 MA Marrocos	9.9	14.9	50.8	1.1	1.4	CI Costa do Marfim	2.6	OZ P. Conf. n.e. Extra	-1.4
16 HU Hungria	10.7	13.8	29.3	1.1	1.3	RO Roménia	2.5	SG Singapura	-1.1
17 RO Roménia	8.9	11.4	27.6	1.0	1.1	UY Uruguai	2.4	NO Noruega	-1.1
18 MX México	9.1	11.1	22.3	1.0	1.1	CL Chile	2.4	BY Bielorrússia	-1.1
19 DZ Argélia	10.0	10.5	4.9	1.1	1.0	CZ Rep Checa	2.2	SK Eslováquia	-1.0
20 HK Hong-Kong	6.9	9.9	42.3	0.7	0.9	PL Polónia	2.1	TR Turquia	-0.9
Total da amostra:	783.0	892.3	14.0	83.7	85.7	Total da amostra:	143.2	Total da amostra:	-55.9

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 10 - Material de transporte

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	919.3	1 024.5	11.4	100.0	100.0	Mundo	172.5	Mundo	-67.3
Intra UE-27	833.9	882.4	5.8	90.7	86.1	Intra UE-27	80.1	Intra UE-27	-31.5
Extra UE-27	85.5	142.1	66.2	9.3	13.9	Extra UE-27	92.3	Extra UE-27	-35.7
1 DE Alemanha	314.3	342.1	8.8	34.2	33.4	CN China	60.8	ES Espanha	-28.1
2 FR França	159.2	188.5	18.4	17.3	18.4	FR França	29.3	JP Japão	-8.1
3 ES Espanha	197.7	169.6	-14.2	21.5	16.6	DE Alemanha	27.8	DZ Argélia	-6.0
4 GB Reino Unido	70.4	69.2	-1.7	7.7	6.8	AO Angola	9.8	MA Marrocos	-5.4
5 CN China	0.7	61.4	9079.3	0.1	6.0	MZ Moçambique	8.4	MX México	-2.2
6 IT Itália	28.7	30.3	5.4	3.1	3.0	BE Bélgica	7.5	BR Brasil	-2.2
7 BE Bélgica	16.8	24.3	44.9	1.8	2.4	US EUA	6.7	CL Chile	-1.9
8 AO Angola	10.9	20.6	89.9	1.2	2.0	AT Áustria	5.0	TN Tunísia	-1.6
9 US EUA	10.7	17.4	62.9	1.2	1.7	NL Países Baixos	4.7	TR Turquia	-1.3
10 RO Roménia	12.2	13.0	6.8	1.3	1.3	SE Suécia	2.3	GB Reino Unido	-1.2
11 NL Países Baixos	6.1	10.8	76.1	0.7	1.1	IT Itália	1.5	CG Congo	-0.9
12 AT Áustria	4.5	9.5	111.9	0.5	0.9	NO Noruega	1.5	GN Guiné	-0.8
13 MZ Moçambique	0.9	9.3	884.8	0.1	0.9	CH Suíça	1.0	PL Polónia	-0.5
14 CZ Rep Checa	6.1	6.4	4.6	0.7	0.6	RO Roménia	0.8	ET Etiópia	-0.5
15 PL Polónia	6.2	5.7	-8.8	0.7	0.6	SD Sudão	0.6	OM Omã	-0.5
16 CH Suíça	4.7	5.6	20.3	0.5	0.5	HU Hungria	0.6	LU Luxemburgo	-0.5
17 SE Suécia	2.1	4.4	106.5	0.2	0.4	GW Guiné-Bissau	0.6	IL Israel	-0.4
18 SG Singapura	2.8	3.1	11.8	0.3	0.3	ST S Tomé e Príncipe	0.4	CV Cabo Verde	-0.4
19 SK Eslováquia	2.5	2.7	9.1	0.3	0.3	EG Egipto	0.4	GH Ghana	-0.3
20 HU Hungria	1.5	2.2	40.6	0.2	0.2	SG Singapura	0.3	DK Dinamarca	-0.3
<i>Total da amostra:</i>	<i>858.9</i>	<i>996.0</i>	<i>16.0</i>	<i>93.4</i>	<i>97.2</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>170.0</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-63.3</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 11 - Agro-alimentares

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	682.7	757.6	11.0	100.0	100.0	Mundo	95.5	Mundo	-20.7
Intra UE-27	477.9	522.6	9.4	70.0	69.0	Intra UE-27	55.3	Intra UE-27	-10.5
Extra UE-27	204.8	234.9	14.7	30.0	31.0	Extra UE-27	40.3	Extra UE-27	-10.1
1 ES Espanha	256.6	287.0	11.8	37.6	37.9	ES Espanha	30.3	IT Itália	-7.6
2 AO Angola	69.9	89.3	27.7	10.2	11.8	AO Angola	19.4	VE Venezuela	-2.3
3 FR França	62.7	73.9	17.9	9.2	9.8	FR França	11.2	TR Turquia	-2.1
4 BR Brasil	40.8	48.6	19.1	6.0	6.4	BR Brasil	7.8	BE Bélgica	-1.5
5 GB Reino Unido	33.8	34.6	2.5	4.9	4.6	DE Alemanha	6.5	RU Rússia	-1.3
6 IT Itália	35.2	27.6	-21.6	5.2	3.6	RO Roménia	1.9	SY Síria	-0.9
7 DE Alemanha	18.6	25.1	34.8	2.7	3.3	CH Suíça	1.5	DK Dinamarca	-0.8
8 NL Países Baixos	19.5	20.4	4.7	2.9	2.7	JP Japão	1.4	US EUA	-0.7
9 BE Bélgica	17.4	15.8	-8.7	2.5	2.1	PL Polónia	1.2	ZA África do Sul	-0.5
10 US EUA	14.2	13.4	-5.1	2.1	1.8	MA Marrocos	1.0	CD R.D. Congo (Zaire)	-0.3
11 CV Cabo Verde	9.8	9.7	-1.0	1.4	1.3	LY Líbia	1.0	IE Irlanda	-0.3
12 CH Suíça	7.8	9.3	19.7	1.1	1.2	SE Suécia	1.0	QW P. não det Extra	-0.3
13 CA Canadá	7.5	7.5	0.1	1.1	1.0	MZ Moçambique	0.9	FI Finlândia	-0.2
14 JP Japão	6.0	7.4	22.9	0.9	1.0	NL Países Baixos	0.9	NA Namíbia	-0.2
15 PL Polónia	5.3	6.5	22.4	0.8	0.9	GB Reino Unido	0.8	IL Israel	-0.2
16 LU Luxemburgo	4.7	5.5	16.7	0.7	0.7	LU Luxemburgo	0.8	SC Seychelles	-0.2
17 VE Venezuela	7.6	5.4	-29.6	1.1	0.7	MO Macau	0.7	KE Quênia	-0.1
18 SE Suécia	3.5	4.5	28.8	0.5	0.6	KW Kuwait	0.6	SN Senegal	-0.1
19 CZ Rep Checa	4.5	4.5	0.0	0.7	0.6	NO Noruega	0.6	AR Argentina	-0.1
20 MZ Moçambique	3.2	4.1	29.2	0.5	0.5	CN China	0.6	CV Cabo Verde	-0.1
<i>Total da amostra:</i>	<i>628.5</i>	<i>700.1</i>	<i>11.4</i>	<i>92.1</i>	<i>92.4</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>90.3</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-19.7</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 12 - Madeira, cortiça e papel

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	546.6	578.9	5.9	100.0	100.0	Mundo	84.3	Mundo	-52.1
Intra UE-27	394.2	419.9	6.5	72.1	72.5	Intra UE-27	56.0	Intra UE-27	-30.3
Extra UE-27	152.4	159.0	4.3	27.9	27.5	Extra UE-27	28.3	Extra UE-27	-21.7
1 ES Espanha	140.9	142.4	1.1	25.8	24.6	DE Alemanha	15.6	QY P. Conf. n.e. Intra	-27.9
2 FR França	68.3	72.6	6.3	12.5	12.5	GB Reino Unido	14.3	QZ P. Conf. n.e. Extra	-4.4
3 DE Alemanha	45.9	61.5	34.0	8.4	10.6	SE Suécia	5.9	IR Irão	-3.0
4 US EUA	38.2	43.1	13.0	7.0	7.4	US EUA	5.0	SA Arábia Saudita	-2.5
5 IT Itália	39.4	40.9	3.8	7.2	7.1	PL Polónia	4.8	MA Marrocos	-1.6
6 GB Reino Unido	13.8	28.1	103.9	2.5	4.8	TR Turquia	4.7	NL Países Baixos	-1.5
7 NL Países Baixos	25.7	24.1	-6.0	4.7	4.2	FR França	4.3	CH Suíça	-1.3
8 AO Angola	15.9	17.2	7.7	2.9	3.0	HK Hong-Kong	3.1	SY Síria	-0.9
9 SE Suécia	6.0	11.9	97.3	1.1	2.1	BE Bélgica	2.2	AR Argentina	-0.9
10 CN China	10.9	11.0	1.0	2.0	1.9	CL Chile	2.2	EG Egipto	-0.9
11 BE Bélgica	7.2	9.4	30.9	1.3	1.6	RU Rússia	2.0	NG Nigéria	-0.7
12 TR Turquia	3.1	7.7	152.5	0.6	1.3	ES Espanha	1.5	GR Grécia	-0.7
13 PL Polónia	2.3	7.2	206.5	0.4	1.2	IT Itália	1.5	EC Equador	-0.6
14 DK Dinamarca	5.2	6.5	24.3	1.0	1.1	DK Dinamarca	1.3	LB Líbano	-0.6
15 CH Suíça	7.3	6.0	-17.4	1.3	1.0	AO Angola	1.2	IN Índia	-0.5
16 MA Marrocos	7.4	5.8	-21.8	1.4	1.0	AU Austrália	0.9	TH Tailândia	-0.5
17 RU Rússia	3.6	5.6	54.7	0.7	1.0	JP Japão	0.8	AE Emiratos	-0.4
18 CL Chile	3.4	5.6	65.7	0.6	1.0	CA Canadá	0.8	SM São Marino	-0.4
19 HK Hong-Kong	0.9	4.1	347.1	0.2	0.7	FI Finlândia	0.7	CV Cabo Verde	-0.4
20 IL Israel	3.6	3.4	-6.2	0.7	0.6	CI Costa do Marfim	0.6	KE Quênia	-0.3
<i>Total da amostra:</i>	<i>449.0</i>	<i>514.0</i>	<i>14.5</i>	<i>82.1</i>	<i>88.8</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>73.3</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-49.7</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 13 - Vestuário e calçado

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	690.3	712.8	3.3	100.0	100.0	Mundo	42.4	Mundo	-19.9
Intra UE-27	638.0	649.7	1.8	92.4	91.1	Intra UE-27	27.9	Intra UE-27	-16.1
Extra UE-27	52.4	63.1	20.6	7.6	8.9	Extra UE-27	14.5	Extra UE-27	-3.7
1 ES Espanha	159.1	174.4	9.6	23.0	24.5	ES Espanha	15.3	NL Países Baixos	-6.7
2 FR França	152.0	149.8	-1.4	22.0	21.0	DK Dinamarca	6.2	GB Reino Unido	-3.5
3 DE Alemanha	95.1	98.4	3.5	13.8	13.8	US EUA	3.6	FR França	-2.2
4 GB Reino Unido	59.7	56.2	-5.9	8.6	7.9	DE Alemanha	3.3	TN Tunísia	-1.9
5 NL Países Baixos	60.7	53.9	-11.1	8.8	7.6	AO Angola	2.3	SE Suécia	-1.0
6 IT Itália	34.5	34.3	-0.8	5.0	4.8	BE Bélgica	2.0	CZ Rep Checa	-0.6
7 DK Dinamarca	17.8	24.0	34.8	2.6	3.4	JP Japão	1.2	FI Finlândia	-0.6
8 BE Bélgica	19.3	21.3	10.2	2.8	3.0	RU Rússia	1.0	GR Grécia	-0.5
9 SE Suécia	15.0	14.0	-6.4	2.2	2.0	BR Brasil	1.0	IT Itália	-0.3
10 CH Suíça	10.3	10.4	1.1	1.5	1.5	AT Áustria	0.6	NO Noruega	-0.2
11 US EUA	6.0	9.6	60.8	0.9	1.3	GW Guiné-Bissau	0.6	CV Cabo Verde	-0.2
12 AT Áustria	8.2	8.8	7.9	1.2	1.2	CA Canadá	0.6	PY Paraguai	-0.2
13 AO Angola	5.5	7.8	41.6	0.8	1.1	CL Chile	0.5	CY Chipre	-0.2
14 RU Rússia	3.9	5.0	26.7	0.6	0.7	KR Coreia do Sul	0.5	QA Catar	-0.2
15 NO Noruega	4.5	4.3	-5.0	0.7	0.6	AE Emiratos Árabes Uni	0.4	SK Eslováquia	-0.2
16 IE Irlanda	4.3	4.3	-1.1	0.6	0.6	TR Turquia	0.4	HU Hungria	-0.2
17 JP Japão	2.0	3.2	60.1	0.3	0.5	MZ Moçambique	0.4	LU Luxemburgo	-0.1
18 CA Canadá	2.6	3.2	21.9	0.4	0.4	AU Austrália	0.4	CN China	-0.1
19 FI Finlândia	3.3	2.7	-17.1	0.5	0.4	EG Egipto	0.3	HR Croácia	-0.1
20 TN Tunísia	4.2	2.3	-45.1	0.6	0.3	SI Eslovénia	0.3	KZ Cazaquistão	-0.1
<i>Total da amostra:</i>	<i>667.9</i>	<i>687.9</i>	<i>3.0</i>	<i>96.8</i>	<i>96.5</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>40.9</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-18.9</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 14 - Químicos

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	831.8	854.1	2.7	100.0	100.0	Mundo	93.8	Mundo	-71.4
Intra UE-27	648.2	673.5	3.9	77.9	78.9	Intra UE-27	58.1	Intra UE-27	-32.8
Extra UE-27	183.6	180.6	-1.6	22.1	21.1	Extra UE-27	35.6	Extra UE-27	-38.6
1 ES Espanha	242.7	223.5	-7.9	29.2	26.2	DE Alemanha	30.1	ES Espanha	-19.3
2 DE Alemanha	103.4	133.5	29.1	12.4	15.6	AO Angola	9.9	US EUA	-15.8
3 FR França	86.7	89.9	3.7	10.4	10.5	NL Países Baixos	7.0	MX México	-8.6
4 NL Países Baixos	66.9	73.9	10.4	8.0	8.6	MA Marrocos	5.2	BE Bélgica	-8.0
5 GB Reino Unido	42.1	46.8	11.1	5.1	5.5	GB Reino Unido	4.7	CU Cuba	-3.7
6 AO Angola	36.2	46.1	27.4	4.3	5.4	PL Polónia	4.5	QY P. Conf. n.e. Intra	-2.3
7 BE Bélgica	36.2	28.1	-22.2	4.4	3.3	CN China	4.3	IT Itália	-2.1
8 IT Itália	26.3	24.2	-7.8	3.2	2.8	FR França	3.2	TR Turquia	-1.6
9 US EUA	32.8	17.0	-48.2	3.9	2.0	CO Colômbia	2.7	CL Chile	-1.4
10 TR Turquia	14.6	13.0	-11.1	1.8	1.5	CZ Rep Checa	2.2	CA Canadá	-1.2
11 MA Marrocos	6.9	12.1	75.5	0.8	1.4	VE Venezuela	1.8	SG Singapura	-1.2
12 PL Polónia	7.5	12.0	60.4	0.9	1.4	SE Suécia	1.7	DK Dinamarca	-0.6
13 CN China	5.7	10.0	75.2	0.7	1.2	MZ Moçambique	1.0	NG Nigéria	-0.6
14 CZ Rep Checa	6.7	8.9	32.5	0.8	1.0	DZ Argélia	1.0	BR Brasil	-0.4
15 CH Suíça	7.3	8.0	10.9	0.9	0.9	LY Líbia	0.8	EC Equador	-0.4
16 MX México	16.5	7.9	-52.1	2.0	0.9	ZA África do Sul	0.8	SY Síria	-0.4
17 BR Brasil	5.9	5.5	-6.4	0.7	0.6	SK Eslováquia	0.7	TW Taiwan	-0.4
18 CV Cabo Verde	5.2	4.9	-5.8	0.6	0.6	IE Irlanda	0.7	SV El Salvador	-0.3
19 JP Japão	4.8	4.8	1.2	0.6	0.6	RU Rússia	0.7	CV Cabo Verde	-0.3
20 SE Suécia	2.9	4.5	59.1	0.3	0.5	RU Rússia	0.7	MY Malásia	-0.3
<i>Total da amostra:</i>	<i>757.1</i>	<i>774.5</i>	<i>2.3</i>	<i>91.0</i>	<i>90.7</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>83.8</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-68.7</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Quadro 15 - Produtos acabados diversos

Principais destinos em 2012 e correspondentes níveis em 2011						Maiores diferenças em valor absoluto			
Destinos	1000 Euros		TVH	Estrutura (%)		Acréscimos		Decréscimos	
	2011	2012		2011	2012	Destinos	10 ⁶ Euros	Destinos	10 ⁶ Euros
Mundo	514.1	534.3	3.9	100.0	100.0	Mundo	53.7	Mundo	-33.6
Intra UE-27	390.8	395.5	1.2	76.0	74.0	Intra UE-27	26.2	Intra UE-27	-21.4
Extra UE-27	123.3	138.8	12.5	24.0	26.0	Extra UE-27	27.6	Extra UE-27	-12.1
1 ES Espanha	152.4	146.6	-3.8	29.6	27.4	FR França	15.2	QY P. Conf. n.e. Intra	-8.1
2 FR França	107.1	122.3	14.2	20.8	22.9	AO Angola	7.4	ES Espanha	-5.8
3 AO Angola	39.7	47.1	18.6	7.7	8.8	NL Países Baixos	3.4	DE Alemanha	-4.7
4 DE Alemanha	40.9	36.2	-11.4	8.0	6.8	CH Suíça	3.4	QZ P. Conf. n.e. Extra	-1.8
5 US EUA	16.6	19.1	15.2	3.2	3.6	GB Reino Unido	2.7	SA Arábia Saudita	-1.4
6 GB Reino Unido	15.5	18.2	17.3	3.0	3.4	US EUA	2.5	IT Itália	-1.2
7 NL Países Baixos	13.7	17.1	25.0	2.7	3.2	SE Suécia	1.6	MX México	-1.1
8 SE Suécia	10.5	12.1	15.2	2.0	2.3	RU Rússia	1.6	QS Prov Bordo Extra	-1.0
9 IT Itália	12.4	11.3	-9.5	2.4	2.1	NO Noruega	1.4	LY Líbia	-0.9
10 CH Suíça	7.3	10.6	46.5	1.4	2.0	FI Finlândia	1.2	AU Austrália	-0.8
11 BE Bélgica	10.5	10.4	-0.3	2.0	2.0	HK Hong-Kong	1.1	TW Taiwan	-0.7
12 SA Arábia Saudita	6.2	4.8	-22.7	1.2	0.9	BR Brasil	1.0	KR Coreia do Sul	-0.7
13 HK Hong-Kong	3.4	4.4	32.0	0.7	0.8	SG Singapura	0.8	QR Prov Bordo Intra	-0.4
14 MZ Moçambique	3.3	3.9	18.3	0.6	0.7	CU Cuba	0.7	PA Panamá	-0.4
15 CV Cabo Verde	3.3	3.5	6.0	0.6	0.6	MA Marrocos	0.7	GR Grécia	-0.3
16 BR Brasil	2.0	3.1	49.8	0.4	0.6	JP Japão	0.7	AR Argentina	-0.3
17 DK Dinamarca	2.3	2.9	26.9	0.5	0.6	DZ Argélia	0.7	GN Guiné	-0.3
18 CZ Rep Checa	2.7	2.9	5.8	0.5	0.5	CA Canadá	0.7	VE Venezuela	-0.3
19 RU Rússia	1.3	2.8	121.5	0.2	0.5	DK Dinamarca	0.6	ML Mali	-0.3
20 NO Noruega	1.4	2.8	103.6	0.3	0.5	MZ Moçambique	0.6	PY Paraguai	-0.3
<i>Total da amostra:</i>	<i>452.5</i>	<i>482.3</i>	<i>6.6</i>	<i>88.0</i>	<i>90.3</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>48.1</i>	<i>Total da amostra:</i>	<i>-30.6</i>

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Fonte: A partir de dados de base divulgados pelo INE (<http://www.ine.pt>).

Balança Comercial Portugal-Mundo

2000 a 2011 e Janeiro a Fevereiro de 2011 e 2012

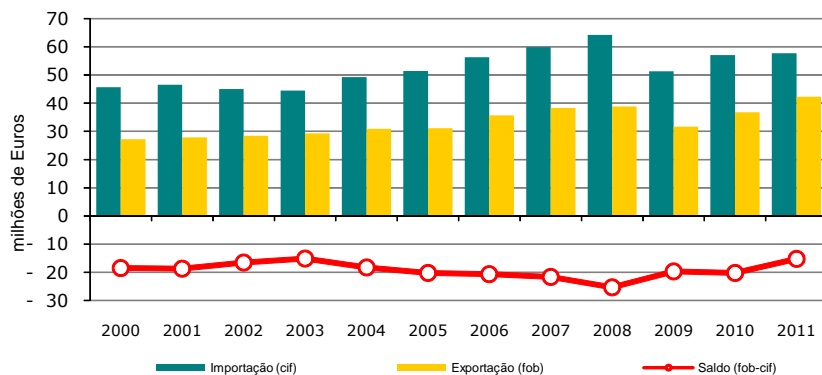
milhões de Euros

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Jan-Fev 2011	Jan-Fev 2012
Importação (cif)	45 706	46 560	45 080	44 441	49 260	51 379	56 295	59 927	64 194	51 379	57 053	57 685	9 090	9 065
TVH (%)	15.3	1.9	-3.2	-1.4	10.8	4.3	9.6	6.5	7.1	-20.0	11.0	1.1	-	-0.3
Peso no Total (%)	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Exportação (fob)	27 215	27 859	28 461	29 260	30 920	31 137	35 640	38 294	38 847	31 697	36 762	42 357	6 435	7 289
TVH	14.8	2.4	2.2	2.8	5.7	0.7	14.5	7.4	1.4	-18.4	16.0	15.2	-	13.3
Peso no Total (%)	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Saldo (fob-cif)	-18 491	-18 701	-16 619	-15 181	-18 340	-20 242	-20 654	-21 632	-25 347	-19 682	-20 291	-15 328	-2 655	-1 777
TVH (%)	16.0	1.1	-11.1	-8.7	20.8	10.4	2.0	4.7	17.2	-22.3	3.1	-24.5	-	-33.1
Cobertura (fob/cif)	59.5	59.8	63.1	65.8	62.8	60.6	63.3	63.9	60.5	61.7	64.4	73.4	70.8	80.4

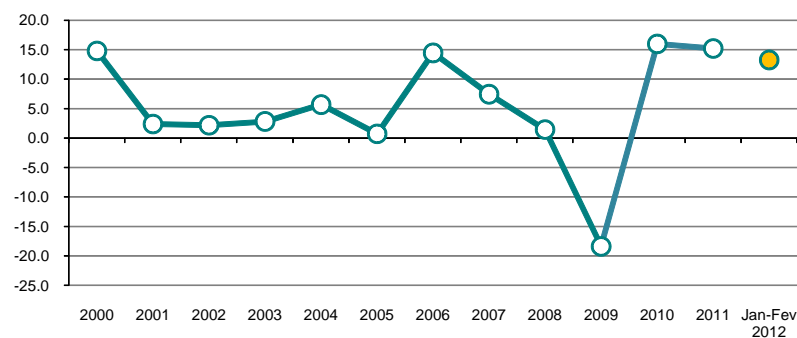
Nota: Importação - Somatório da Chegada proveniente da UE com a Importação originária dos Países Terceiros; Exportação - Somatório da Expedição para a UE com a Exportação para os Países Terceiros.

Fonte: A partir de dados de base do INE.

Balança Comercial Portugal-Mundo
2000 a 2011



Taxa de variação homóloga da Exportação (%)
com destino : Mundo
2000 a Jan-Fev 2012



ANEXO-2

**Definição do conteúdo dos Agrupamentos de Produtos
da Nomenclatura Combinada**

Agrupamentos		Capítulos da NC
0	Agro- alimentares	01 a 24
1	Energéticos	27
2	Químicos	28 a 40
3	Madeira, cortiça e Papel	44 a 49
4	Peles, couros e têxteis	41 a 43, 50 a 60, 63
5	Vestuário e calçado	61, 62, 64 a 67
6	Minérios e metais	25, 26, 71 a 83
7	Máquinas	84, 85
8	Material de transporte	86 a 89
9	Prod. acabados diversos	68 a 70, 90 a 99

Ensaio

Evaluating the Forecast Quality of GDP Components: An Application to G7¹

Pedro M. Esperança², Paulo Júlio³

1. Introduction

The literature has focused primarily on the quality of forecasts for real Gross Domestic Product (GDP) and for other macroeconomic variables (e.g. inflation or unemployment), but has not satisfactorily addressed the forecast accuracy of the major expenditure components of GDP – private consumption (C), government consumption (G), investment (I), exports (X) and imports (M)⁴. In a recent article, Júlio et al. (2011) have analyzed, for the first time, the quality of forecasts for GDP expenditure components. The authors showed that overpredictions in investment and exports explain most of Portuguese GDP overpredictions at 1-year horizons. GDP forecast bias diminishes significantly for same-year predictions, a fact that is mostly explained by canceling out effects in component prediction errors rather than by accurate component predictions. The authors have also proposed two new statistics – Mean of Total Weighted Absolute Error (MTWAE) and Mean of Total Weighted Squared Error (MTWSE) – to objectively evaluate the overall accuracy of component predictions.

This article uses similar techniques to analyze the forecast quality of GDP expenditure components for G7 countries. Three dimensions of forecast quality are addressed here: bias, accuracy, and efficiency. We use forecast data issued by the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) and by the International Monetary Fund (IMF) for the 1993-2010 period, and evaluate both 1-year ahead and same-year predictions. Our focus lies on the overall quality of institutions' forecasts, and thus we pool evaluation statistics across countries in order to obtain an aggregate overview of the main features driving these forecasts. In addition, we propose panel versions of two types of efficiency tests presented in the literature, and analyze the effects of the 2008 crisis on the quality of forecasts⁵.

This article is organized as follows. The next section introduces the statistical methodology used to evaluate forecast quality. Section 3 describes the data. Section 4 analyzes the results. Section 5 evaluates the effects of the 2008 crisis on the quality of forecasts. Section 6 summarizes the results of efficiency tests. Section 7 concludes.

2. Methodology

2.1. Notation

Let the subscript j index the country and the subscript t index the forecast period (the period for which the forecast was produced), $j = 1, \dots, N$ and $t = 1, \dots, T$. Define $F_{jt}(s)$ as the s -period (or s -step) ahead forecast for the target variable A_{jt} . The variable s is known as the forecast horizon or time span: the number of periods between the production of the forecast $F_{jt}(s)$ and the actual realization A_{jt} . The forecast error – the difference between actual and forecasted values for a given variable in country j – is:

$$e_{jt}(s) = A_{jt} - F_{jt}(s) \quad (1)$$

¹ The opinions expressed in this article represent the views of the authors and do not necessarily correspond to those of the Portuguese Ministry of Economy and Employment.

² Currently a postgraduate student at the University of Oxford.

³ Office for Strategy and Studies, Portuguese Ministry of Economy and Employment. Corresponding author: paulo.julio@gee.min-economia.pt.

⁴ In this article, we always refer to real growth rates, even if not explicitly stated.

⁵ Our paper (Júlio and Esperança, 2012) also provides an evaluation of the forecast quality at the country level, in addition to a more detailed literature review.

for $j, t, s \in \mathbb{N}_0$. From (1) it is clear that a positive forecast error implies an underestimation, whereas a negative error implies an overestimation, of A_{jt} . Henceforth the forecast horizon s will be suppressed for notational convenience, if not strictly needed.

We analyze 1-, 2-, 3- and 4-step ahead forecasts, so that $s \in \{1,2,3,4\}$: 1-step (3-step) ahead forecasts are those issued on the Autumn of the same (previous) year, and 2-step (4-step) ahead forecasts are those issued on the Spring of the same (previous) year.

2.2. Standard Evaluation Statistics

To evaluate the quality of forecasts, we start with the pooled versions of the standard measures of forecast evaluation. These are termed Pooled Mean Error (PME), Pooled Mean Absolute Error (PMAE), and Root of Pooled Mean Squared Error (RPMSE), and are respectively given by

$$PME := \frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T e_{jt} \quad (2)$$

$$PMAE := \frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T |e_{jt}| \quad (3)$$

$$RPMSE := \sqrt{\frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T e_{jt}^2} \quad (4)$$

PME is the average forecast error (across time and across countries), thus providing a simple measure of central tendency. A negative value means that forecasts overpredict actual values, whereas a positive value indicates an underprediction. PMAE provides a measure of the average total forecast error, regardless of the direction of the error (how much, on average, the forecasts are off-target). Hence, a lower PMAE reflects more accurate forecasts. RPMSE also provides a measure of total forecast error, but attributes disproportionately higher contributions to larger deviations from target. Thus, whereas PME measures how biased forecasts are on average, PMAE and RPMSE evaluate forecast accuracy.

2.3. Scaled Statistics

The previous statistics are only valid when comparing a variable's forecast coming from different institutions or forecasting methods. If one aims to compare the accuracy of institutions' forecasts across a group of variables, these statistics are inadequate, as they do not take into account the intrinsic level of volatility of each series. A more volatile series is naturally harder to predict and thus forecast errors tend to be larger; however, this does not necessarily mean that forecast models perform worse predicting that series. A comparative statistic which addresses this issue can be obtained by scaling each series' errors with the inverse of the corresponding in-sample average absolute difference between the actuals of consecutive periods (a measure of volatility). Let K be the sample size. The scaled errors

$$v_{jt} = e_{jt} \left(\frac{1}{K} \sum_{k=1}^K |A_{jk} - A_{jk-1}| \right)^{-1} = e_{jt} V_j^{-1} \quad (5)$$

can thus be used in (3), with v_{jt} replacing e_{jt} , to obtain the Pooled Mean Absolute Scaled Error (PMASE). Table 1, which presents the volatility of each series measured by V_j for G7 countries, shows that investment, exports and imports are much more volatile than the remaining series.

Table 1 – Volatility measured by V_j .

	Canada	France	Germany	Italy	Japan	UK	US	Pooled
GDP	1.70	1.30	1.97	1.85	2.20	1.76	1.47	1.75
Priv. Cons.	1.20	0.78	0.79	1.05	1.12	1.45	0.99	1.05
Gov. Cons.	1.13	0.95	1.05	0.99	1.00	1.26	0.93	1.04
Investment	6.63	3.53	4.70	4.28	4.00	6.35	4.02	4.79
Exports	4.87	5.98	6.78	7.33	10.10	5.68	6.02	6.68
Imports	5.96	5.75	5.74	6.97	6.89	5.63	5.68	6.09

2.4. Contributions Analysis

It is also possible to decompose the GDP forecast error into the individual contributions of the corresponding expenditure components. This exercise enables one to identify which components contribute the most to the GDP forecast error and whether errors in forecasted expenditure components tend to add up or to cancel out. Let z_{jt} denote the effective real growth rate of variable Z in country j at year t , and z_{jt}^f the corresponding forecasted real growth rate, $Z = \{GDP, C, G, I, X, M\}$; and define $w_{jt}^Z = Z_{jt}/GDP_{jt}$ – variable Z 's share on GDP in country j at t . The effective real GDP growth rate in country j can therefore be decomposed into the corresponding component contributions

$$gdp_{jt} \equiv c_{jt}w_{jt-1}^C + g_{jt}w_{jt-1}^G + i_{jt}w_{jt-1}^I + x_{jt}w_{jt-1}^X - m_{jt}w_{jt-1}^M + \epsilon_{jt} \quad (6)$$

where ϵ_{jt} is a discrepancy term which accounts for the non-additivity of component contributions resulting from chain-linked data⁶. There are two additional discrepancy sources when using forecasted data: neither the weights used by institutions nor the base year for those weights are known. Instead, we use effective weights, and thus⁷

$$gdp_{jt}^f \equiv c_{jt}^f w_{jt-1}^C + g_{jt}^f w_{jt-1}^G + i_{jt}^f w_{jt-1}^I + x_{jt}^f w_{jt-1}^X - m_{jt}^f w_{jt-1}^M + \epsilon_{jt}^f \quad (7)$$

Let e_{jt}^Z denote the forecast error of variable Z 's growth rate, i.e. $e_{jt}^Z = z_{jt} - z_{jt}^f$, and define the following vectors

$$\mathbf{e}_{jt} = (e_{jt}^C, e_{jt}^G, e_{jt}^I, e_{jt}^X, e_{jt}^M)' \text{ and } \mathbf{w}_{jt} = (w_{jt}^C, w_{jt}^G, w_{jt}^I, w_{jt}^X, w_{jt}^M)'$$

Subtracting (7) from (6) and taking the average across time yields

$$\frac{1}{T} \sum_{t=1}^T (e_{jt}^{gdp} - v_{jt}) = \frac{1}{T} \sum_{t=1}^T \mathbf{e}_{jt}' \mathbf{w}_{j,t-1} \quad (8)$$

where $v_{jt} = \epsilon_{jt} - \epsilon_{jt}^f$. In equation (8), $T^{-1} \sum_{t=1}^T e_{jt}^Z w_{j,t-1}^Z$ represents the average contribution of the forecast error arising from variable Z , in percentage points, to the GDP growth forecast error in country j . However, we are instead interested in averaging equation (8) across j in order to evaluate the average contributions of component forecast errors to the average GDP forecast error across countries

$$\frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T (e_{jt}^{gdp} - v_{jt}) = \frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T \mathbf{e}_{jt}' \mathbf{w}_{j,t-1} \quad (9)$$

This equation allows one to analyze global trends regarding the decomposition of GDP forecast errors. A negative value in $(NT)^{-1} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T e_{jt}^Z w_{j,t-1}^Z$ means that the component is overestimated in general, whereas a positive value has the opposite interpretation. It follows from (9) that, even if GDP forecast errors are small on average, this can result from large *cancelling out effects* in component contribution errors.

For this reason, we propose an additional statistic to evaluate the forecast accuracy of component predictions. This statistic – termed Pooled Mean of Total Weighted Absolute Error (PMTWAE) – is an extension to the panel environment of the MTWAE statistic originally proposed in Júlio et al. (2011). It

⁶ Chain-linked data is the rule followed by most statistical offices in developed countries. Non-additivity of chain-linked data is explicitly recognized by Statistical Offices when computing contributions to GDP growth.

⁷ An additional source of forecast errors may arise from positive or negative contributions of the statistical discrepancy ϵ_{jt} to growth. In practice, institutions have to deal with ϵ_{jt} explicitly in order to obtain GDP growth directly through the sum of component contributions. This can be done by distributing the statistical discrepancy's weight on GDP across components. The term ϵ_{jt} usually affects additivity of component contributions up to the second decimal place, thus having a negligible effect on conclusions.

evaluates the mean of the sum across components of absolute errors, weighted by the corresponding shares on GDP, averaged across all countries. Its purpose is to coherently aggregate individual measures of forecast accuracy for GDP expenditure components, thus evaluating the overall accuracy of component predictions, regardless of the *canceling out effects*. The PMTWAE is defined as

$$PMTWAE := \frac{1}{NT} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T |e_{jt}|' w_{j,t-1} \quad (10)$$

where $|e_{jt}|$ is a vector whose entries are the absolute values of the entries in e_t . The weights reflect the relative importance of each component: those components with higher shares on GDP are naturally more important from the forecaster's point of view and should be weighted heavily. These statistics are computed for each institution and forecast horizon. Those institutions whose forecasts are associated with higher values in these statistics issue less accurate component predictions, even if GDP is accurately forecasted. Naturally, PMTWAE can be decomposed into the corresponding component contributions, $(NT)^{-1} \sum_{j=1}^N \sum_{t=1}^T |e_{jt}^z| w_{j,t-1}^z$.

2.5. Efficiency Tests

The previous statistics do not attest whether it would be possible to improve issued forecasts. If one could issue a more accurate forecast with the information currently available, then improvements in quality would be possible. The tests which evaluate this feature are known as efficiency tests (Wallis, 1989; Fildes and Stekler, 2002).

A systematic bias signals that forecasts are either tendentially pessimistic or optimistic, and thus forecast accuracy could be permanently improved by adjusting predictions upwards or downwards, respectively. An unbiased forecast is a necessary condition for "weak informational efficiency". However, it is not sufficient, since efficiency also requires that forecast errors contain only unpredictable effects, *i.e.*, forecast errors cannot contain systematic information that could have been used to improve forecast accuracy. In other words, forecast errors cannot be serially correlated.

In what follows, we propose panel versions of two types of efficiency tests. Panel tests allow for a considerable gain in power as compared to the corresponding time series versions. This is particularly important in this context due to the reduced time series dimension of forecast data.

To test for bias and serial correlation, we start by regressing the forecast errors on a constant and several lagged terms⁸

$$e_{jt} = \gamma_0 + \sum_{l=1}^p \gamma_l e_{j,t-l} + \varepsilon_{jt} \quad (11)$$

The residuals are assumed to be serially uncorrelated after p is properly selected, but they may be heteroskedastic and contemporaneously correlated over j , $E(\varepsilon_{jt} \varepsilon_{kt}) = \sigma_{jkt}^2$, $\forall j, k, t$. Notice that forecast errors may be positively correlated across j , since unforeseen changes in GDP or any of its components in a large economy affects macroeconomic aggregates in other countries as well. We do not include individual-specific effects, as they are not supported by the Hausman test.

The model is estimated by OLS and parameter estimates are consistent as long as the underlying process is stationary. This requirement is obviously satisfied, since any disturbance to the forecast error at t should not influence forecasts errors in the long run. Bias is evaluated by performing a z -test on the non-linear hypothesis that $\gamma_0 / (1 - \sum_{l=1}^p \gamma_l) = 0$. Serial correlation, in turn, is evaluated through a χ^2 test on the null hypothesis that $\gamma_l = 0$, $\forall l$.

Another framework used to test for bias in institutions' forecasts dates back at least to Theil (1966), and is applied for instance in Joutz and Stekler (2000), Loungani (2001) and Vuchelen and Gutierrez (2005). The test (adapted to the panel framework) consists in evaluating whether the coefficients α and β in the following regression

$$A_{jt} = \alpha + \beta F_{jt} + u_{jt}, \quad u_{jt} = \rho u_{j,t-1} + \varepsilon_{jt} \quad (12)$$

⁸ A similar framework is presented in Öller and Barot (2000). The authors, however, perform a cross section analysis for each country, thus avoiding some panel data complications.

do not differ significantly from 0 and 1 respectively. We assume again that residuals, ε_{jt} , are heteroskedastic and contemporaneously correlated over j . The Hausman test does not support individual-specific effects, and hence we do not include them in (12).

A drawback of this approach is that serial correlation is not tested, but instead modeled by assuming that u_{jt} follows a common autoregressive process of order 1. Modeling autocorrelation is necessary, since autocorrelated residuals inflate the tests for bias, making any inference invalid.

The two tests for bias are conceptually different. The test resulting from equation (11) evaluates whether forecast errors have zero mean, whereas that resulting from equation (12) evaluates whether a regression line representing unbiased forecasts can fit the data. The conclusions of these tests may differ, for instance, if forecast errors have zero mean, but there is a tendency to overestimate when actual data takes high values and a tendency to underestimate when actual data takes low values. In this case, the former test may not reject the null of unbiasedness, whereas the latter might. Thus, the test resulting from (12) imposes stronger conditions, as it requires that forecast errors exhibit no specific patterns of over or underestimation.

3. Data

Our dataset contains information on forecasts for Gross Domestic Product, Private Consumption, Government Consumption, Investment (namely gross fixed capital formation), Exports and Imports (all in volume percentage change), issued by OECD and IMF for G7 countries: Canada, France, Germany, Italy, Japan, UK, and US. Forecasts were retrieved from OECD's Economic Outlook and from IMF's World Economic Outlook. These institutions issue forecasts twice a year: OECD issues them on May/June and November/December and IMF on April/May and September/October. Although institutions' forecasts are not issued exactly in the same month, they are done in the same time horizon and should thus use similar information sets (Pons, 2000). We thus classify forecasts according to the season in which they are issued. For convenience, forecasts are labeled as 1-, 2-, 3- and 4-step ahead forecasts. Table 2 summarizes the terminology.

Table 2 – Forecast horizon and issue date.

Forecast Period	Forecast Horizon	Issue Date
t	1-step	Autumn t
	2-step	Spring t
	3-step	Autumn t-1
	4-step	Spring t-1

Actual values, which were also used to compute expenditure component shares on GDP, were taken from National Statistical Offices. The period scrutinized is 1993-2010 for same-year forecasts, and 1994-2010 for 1-year ahead forecasts⁹. The choice of the realization is not consensual in the literature, as one should find a compromise between the argument that forecasters do not know the nature of data revisions and the argument that the realization should reflect exact economic outcomes (Vuchelen and Gutierrez, 2005)¹⁰. First releases do not incorporate all information about economic activity. When information is not available, Statistical Offices use imputation and forecasting methods, and econometric models, to issue an estimate

⁹ Prior to 1992, OECD and IMF reported GDP forecasts for some G7 countries and GNP forecasts for others. Only from 1993 onwards forecasted variables were harmonized, with GDP and the corresponding expenditure components being reported for all G7 countries.

¹⁰ For instance, in an often cited article, Keane and Runkle (1990) argue that forecasters aim at predicting first releases, since they do not know in advance the nature of data revisions occurring after the date on which they make their forecasts. Similar arguments are used in Zarnowitz and Braun (1993) and Joutz and Stekler (2000). On the opposite direction, Ash et al. (1998) and Öller and Barot (2000) use data published 6 months and 12 months after the event, respectively, as these are neither flash estimates nor late revisions.

of economic outcomes. Thus, comparing forecasts with first releases or even with intermediate releases is equivalent to compare forecasts with an estimation of economic outcomes. Even though there might exist revisions between first and final releases that forecasters could not be aware of, most revisions derive from the incorporation of new and updated information, whose sources are usually known to forecasters. For this reason, we evaluate forecasts against final releases and not first or intermediate releases.

4. Results

4.1. Gross Domestic Product

Table 3 presents the pooled statistics for GDP growth forecasts. The PME statistic shows that OECD and IMF overestimate GDP growth at 1-year spans – a fact that is explained by overestimations for France, Germany, Italy and Japan. Same-year forecasts are more accurate, although characterized by minor underpredictions. Bias decreases consistently as the forecast horizon shortens (except for the 1-period horizon), suggesting that forecast performance improves as more recent information is incorporated into predictions. Moreover, OECD's and IMF's forecasts display similar biases except at the 3-period span, in which OECD takes a small lead.

Table 3 – Pooled Statistics: GDP.

	OECD				IMF			
	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
PME	-0.49	-0.15	0.09	0.12	-0.46	-0.29	0.12	0.13
RPMSE	2.14	1.61	1.00	0.78	2.13	1.81	1.06	0.82
PMAE	1.60	1.23	0.76	0.61	1.57	1.36	0.82	0.62
PMASE	0.93	0.71	0.44	0.35	0.91	0.79	0.48	0.36

The RPMSE and PMAE statistics point towards a negative relationship between forecast accuracy and the forecast horizon¹¹. This fact illustrates the role that new and updated information has on the quality of forecasts. The most accurate 1-year ahead forecasts are issued for France, whereas the least accurate are issued for Germany and Japan. For same-year predictions, GDP forecasts display the highest accuracy in France and the lowest accuracy in Japan and the UK. Forecasts issued by OECD are slightly more accurate than IMF's at the 3-period span, but for other forecast horizons the difference is marginal.

4.2. GDP Expenditure Components

Table 4 presents an evaluation of forecasts for GDP expenditure components. The PME statistic suggests that forecasts for private consumption have the smallest biases at almost all time spans. Government consumption also displays a comparatively small bias and is underestimated at all horizons.

At 1-year spans, the largest biases occur in predictions for investment, exports and imports. Investment and exports are systematically overestimated, and the same holds for imports with OECD's forecasts. On the opposite direction, IMF's forecasts for imports have a comparatively small bias at the 4-period span and are downwardly biased at the 3-period span. For same-year predictions, the largest biases occur in exports and imports, as these components are clearly underestimated by both institutions. Investment is overestimated by IMF at the 2-period span, but in other cases bias is small.

¹¹ Since PMASE is a rescaling of PMAE, it draws exactly the same conclusions.

Table 4 – Pooled Statistics: GDP expenditure components.

		OECD				IMF			
		4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
C	PME	-0.15	0.15	0.14	0.09	-0.19	-0.03	0.18	0.07
	RPMSE	1.53	1.30	1.05	0.80	1.67	1.41	1.09	0.85
	PMAE	1.20	1.01	0.75	0.61	1.28	1.10	0.83	0.62
	PMASE	1.17	0.96	0.67	0.55	1.23	1.07	0.75	0.56
G	PME	0.31	0.31	0.21	0.14	0.34	0.24	0.32	0.16
	RPMSE	1.39	1.33	1.33	1.14	1.51	1.55	1.19	1.15
	PMAE	1.07	1.04	0.98	0.81	1.15	1.17	0.95	0.85
	PMASE	1.03	0.99	0.90	0.75	1.11	1.12	0.88	0.80
I	PME	-1.32	-0.55	-0.09	0.08	-1.17	-0.88	-0.37	-0.04
	RPMSE	5.45	4.29	3.27	2.57	5.54	4.66	3.36	2.74
	PMAE	3.86	3.04	2.44	1.84	3.99	3.49	2.47	2.01
	PMASE	0.82	0.64	0.51	0.38	0.85	0.75	0.53	0.42
X	PME	-1.56	-0.79	0.37	0.75	-0.31	-0.15	0.93	1.08
	RPMSE	7.38	5.84	3.69	2.35	7.35	6.59	4.31	2.89
	PMAE	5.42	4.35	2.83	1.73	5.63	5.00	3.39	2.23
	PMASE	0.83	0.66	0.44	0.28	0.86	0.77	0.53	0.36
M	PME	-0.85	-0.18	0.35	0.77	0.11	0.59	0.76	0.92
	RPMSE	6.64	5.64	3.73	2.46	6.55	6.14	4.35	3.13
	PMAE	5.10	4.32	2.87	1.78	5.10	4.92	3.30	2.26
	PMASE	0.84	0.71	0.47	0.30	0.84	0.81	0.55	0.37

The RPMSE and PMAE statistics suggest that forecasts for investment, exports and imports have the lowest accuracy. However, this does not imply that forecast models perform comparatively worse predicting these components, as they are also more volatile. By scaling the errors with the inverse of the volatility of each series, PMASE becomes more appropriate to make inferences about the predictive quality of institutions' forecast models across GDP components.

PMASE demonstrates that forecast models perform comparatively worse when predicting private consumption and government consumption at all horizons. Possibly, institutions' forecast models cannot accurately predict revisions in the consumption bundle carried out by households when new macroeconomic information becomes available. Government consumption is a policy-making tool, often facing unexpected increases, particularly in election years. The performance of forecast models is similar across the remaining GDP components – investment, exports and imports.

4.3. Decomposing GDP Forecast Errors into Component Contributions

Pooled contributions of expenditure components to the average GDP forecast error are detailed in Table 5. Notice that average discrepancies, v , originating from the non-additivity of component contributions and from the difference between actual component shares on GDP and the shares used by institutions in forecast models, are small.

Table 5 – Pooled contributions of expenditure components (in percentage points) to the average GDP forecast error.

	OECD				IMF			
	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
C	-0.08	0.10	0.08	0.06	-0.10	-0.01	0.11	0.04
G	0.05	0.05	0.03	0.02	0.06	0.04	0.06	0.03
I	-0.27	-0.11	-0.02	0.03	-0.25	-0.18	-0.07	0.00
X	-0.45	-0.26	0.06	0.17	-0.17	-0.04	0.20	0.22
M	-0.30	-0.13	0.07	0.18	-0.04	0.08	0.18	0.20
u	-0.04	-0.06	0.00	0.02	-0.04	-0.02	0.02	0.04
GDP	-0.49	-0.15	0.09	0.12	-0.46	-0.29	0.12	0.13

Notes: (i) GDP in the table represents the mean (across time and across countries) of e_{jt}^{gdp} , and equals the Pooled Mean Error statistic in Table 3, by definition; (ii) The sum of the contributions in the table differs from GDP by an error ν whose source is explained in Section 2.4.

Institutions overestimate private consumption (with the exception of OECD's 3-step ahead forecasts) and underestimate government consumption at 1-year spans. Nevertheless, the contributions of these components to the GDP forecast error are small relative to other components. The remaining components are overestimated at 1-year spans (with the exception of IMF's 3-step ahead forecasts for imports). At the 4-period span, around 85% of the GDP forecast error is explained by investment and net exports. However, despite net export's similar contribution (-0.15 for OECD and -0.13 for IMF) to the GDP forecast error, OECD overestimates exports and imports by a larger magnitude on average. At the 3-period span, component contributions are smaller, leading to a less biased GDP forecast relative to the 4-period span. Overestimations in investment and net exports still explain the largest fraction of GDP overpredictions in this case. For OECD's forecasts, exports present the largest contribution to the GDP forecast error, whereas for IMF's forecasts the largest contribution comes from investment. Specific conclusions vary across countries: whereas component contribution errors for France, Germany, Italy and Japan tend to add up, contributing to larger biases in forecasted GDP, for Canada, the UK and the US they tend to cancel out, resulting in smaller biases.

Contributions of private consumption, government consumption and investment to the GDP forecast error are small at same-year spans, when compared with other time spans or components. The largest contributions are displayed by exports and imports, both underestimated. However, the effects of these components tend to cancel out, as imports enter the GDP equation with a negative sign. This results into relatively accurate GDP predictions. The cancel out effect is stronger for Canada, Germany and Japan. For France, Italy and the US, GDP forecasts are obtained with relatively unbiased component predictions. On the opposite direction, UK's component forecast errors tend to add up, originating a significant GDP overestimation as compared with other countries.

The PMTWAE statistic, presented in Table 6, summarizes the overall accuracy of component predictions. A lower value means that GDP forecasts are assembled with more accurate component predictions, whereas a higher value has the opposite interpretation. At 1-year horizons, PMTWAE fluctuates between 3.7 (OECD's forecasts at the 3-period span) and 4.6 (IMF's forecasts at the 4-period span) percentage points. The components which most significantly contribute to this outcome (*i.e.*, whose predictions, weighted by the component's share on GDP, are least accurate) are, by descending order, exports, imports and investment. On the opposite direction, the contribution of government consumption to the statistic is marginal. This ordering is highly correlated with the volatility of the variables. For same-year spans, the overall accuracy of component predictions increases, explaining more accurate GDP forecasts. The decomposition of PMTWAE leads to similar conclusions as for 1-year spans. The highest overall accuracy in component predictions is achieved for the US and Japan, whereas the poorest performance is attained for Canada and Germany. This diversity is explained by the different accuracy levels of exports and imports across countries.

Table 6 – PMTWAE statistic and its decomposition (in percentage points).

	OECD				IMF			
	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
PMTWAE	4.46	3.69	2.61	1.89	4.60	4.18	2.93	2.14
	Component contributions to PMTWAE							
C	0.73	0.61	0.45	0.36	0.78	0.67	0.50	0.37
G	0.21	0.20	0.19	0.16	0.23	0.23	0.19	0.17
I	0.97	0.81	0.62	0.53	1.01	0.90	0.64	0.55
X	1.34	1.05	0.68	0.41	1.37	1.21	0.81	0.52
M	1.21	1.01	0.67	0.42	1.21	1.17	0.78	0.52

It is also evident from Table 6 that OECD's component forecasts are more accurate than IMF's component forecasts, even though the latter displays smaller biases for some components. This is explained by cancel out effects that occur across years, which are not captured by the first moment: positive errors in some years are canceling out negative errors in other years, leading to lower biases, but also to lower accuracy. These effects are more acute for IMF's forecasts.

5. The Effects of the 2008 Crisis on the Quality of Forecasts

To evaluate the effects of the 2008 crisis on the quality of forecasts, we compute the same measures of forecast quality until 2007, and analyze how these have changed relatively to the complete time period. Results are displayed in Table 7¹².

In general, the crisis contributed to increase bias (evaluated by PME), particularly at 1-year spans. However, this conclusion does not hold for all variables. Prior to 2008, 4-period ahead forecasts for GDP were downwardly biased, and the crisis strengthened this bias. OECD's 3-step ahead forecasts for GDP were upwardly biased, and IMF's 3-step ahead forecasts nearly unbiased. In the former case the crisis changed the sign of the bias, but presented no relevant effect on its absolute magnitude, whereas in the latter case the crisis originated a bias of around -0.3 percentage points. Private consumption became slightly biased (downwards) at the 4-step span, but bias decreased at the 3-period span as a result of the crisis. Government consumption remained overestimated as before the crisis. Different conclusions hold for the remaining GDP components, with PME changing between -0.8 and -0.5 percentage points at 1-year spans. Investment was overestimated before 2008, and the crisis contributed to foster this tendency. Exports and imports were underestimated by IMF and overestimated by OECD at 1-year horizons prior to 2008 (with the exception of OECD's 3-period ahead forecasts for imports). For these components, the crisis led to a substantial increase in bias for OECD's forecasts (*i.e.* overestimation increased), but to a decrease in bias for IMF's forecasts (*i.e.* underestimation decreased). The exception is OECD's 3-step ahead forecasts for imports, for which bias was reduced.

The crisis also led to a substantial decrease in the accuracy of 1-year ahead predictions, but not of same-year predictions. The decrease in accuracy (measured by PMAE) was higher for more volatile components – investment, exports and imports – and affected OECD's and IMF's forecasts. The accuracy of forecasts for private consumption and government consumption were only marginally affected. Somewhat surprisingly, PMASE shows that the quality of institutions' prediction models increased in recent years, albeit marginally. The opposing signs displayed by the changes in PMAE and PMASE are due to large increases in volatility after 2008. Thus, the fall in accuracy after the triggering of the crisis is explained by an increase in uncertainty, rather than by a decline in the quality of forecast models.

¹² For brevity, we only present the major statistics.

Table 7 – Effects of the 2008 financial crisis: GDP and GDP expenditure components.

		OECD				IMF			
		4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
GDP	PME	-0.16	0.15	0.18	0.22	-0.17	0.01	0.20	0.23
	Δ PME	-0.33	-0.30	-0.09	-0.10	-0.29	-0.30	-0.08	-0.10
	Δ PMAE	0.41	0.22	0.03	0.01	0.42	0.31	0.01	0.01
	Δ PMASE	-0.14	-0.19	-0.19	-0.17	-0.12	-0.16	-0.22	-0.16
C	PME	0.04	0.32	0.25	0.19	-0.03	0.13	0.24	0.14
	Δ PME	-0.19	-0.17	-0.11	-0.10	-0.16	-0.16	-0.06	-0.08
	Δ PMAE	0.19	0.08	0.05	0.03	0.18	0.11	0.03	0.03
	Δ PMASE	-0.08	-0.18	-0.11	-0.09	-0.11	-0.14	-0.15	-0.10
G	PME	0.35	0.36	0.25	0.17	0.36	0.28	0.40	0.23
	Δ PME	-0.04	-0.05	-0.04	-0.03	-0.01	-0.05	-0.08	-0.07
	Δ PMAE	-0.04	-0.02	0.00	-0.02	0.01	0.00	-0.03	-0.02
	Δ PMASE	-0.05	-0.04	-0.01	-0.03	0.00	-0.01	-0.04	-0.03
I	PME	-0.58	-0.03	-0.09	0.17	-0.53	-0.35	-0.36	-0.02
	Δ PME	-0.73	-0.52	0.00	-0.08	-0.64	-0.52	-0.01	-0.02
	Δ PMAE	0.87	0.59	0.09	0.04	1.00	0.73	0.17	0.11
	Δ PMASE	-0.09	-0.10	-0.19	-0.16	-0.07	-0.10	-0.16	-0.15
X	PME	-0.98	-0.08	0.21	0.94	0.37	0.83	0.91	1.26
	Δ PME	-0.59	-0.71	0.15	-0.19	-0.68	-0.68	0.02	-0.18
	Δ PMAE	1.40	0.83	0.17	-0.03	1.22	0.97	0.11	0.00
	Δ PMASE	-0.03	-0.08	-0.14	-0.11	-0.08	-0.10	-0.19	-0.13
M	PME	-0.22	0.56	0.31	0.90	0.85	1.20	0.71	0.90
	Δ PME	-0.63	-0.74	0.05	-0.14	-0.74	-0.61	0.05	0.02
	Δ PMAE	1.20	0.74	0.00	-0.06	1.17	0.88	0.06	0.00
	Δ PMASE	-0.02	-0.08	-0.15	-0.10	-0.04	-0.09	-0.17	-0.11

Notes: PME is the value of the Mean Error for the 1993-2007 period. Δ corresponds to the difference in the value of the statistic between the 1993-2010 period and the 1993-2007 period. Thus, a positive (negative) value means that the financial crisis originated a positive (negative) change in the value of the statistic.

Table 8 – Effects of the 2008 financial crisis: pooled contributions of expenditure components to the average GDP forecast error.

	OECD				IMF			
	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
	Average contribution until 2007							
C	0.04	0.20	0.15	0.11	0.00	0.10	0.15	0.09
G	0.06	0.06	0.04	0.03	0.06	0.05	0.07	0.04
I	-0.09	0.02	0.01	0.07	-0.08	-0.05	-0.05	0.03
X	-0.26	-0.05	0.02	0.22	0.04	0.15	0.19	0.25
M	-0.12	0.07	0.05	0.20	0.14	0.23	0.15	0.19
u	-0.03	-0.01	0.00	0.00	-0.04	0.00	0.00	0.01
GDP	-0.16	0.15	0.18	0.22	-0.17	0.01	0.20	0.23
	Changes in contribution relative to the complete period							
Δ C	-0.12	-0.10	-0.07	-0.05	-0.10	-0.11	-0.04	-0.05
Δ G	-0.01	-0.01	-0.01	-0.01	0.00	-0.01	-0.01	-0.01
Δ I	-0.18	-0.13	-0.03	-0.04	-0.17	-0.13	-0.02	-0.03
Δ X	-0.19	-0.21	0.04	-0.05	-0.21	-0.19	0.01	-0.03
Δ M	-0.18	-0.20	0.02	-0.02	-0.18	-0.15	0.03	0.01
Δ u	-0.01	-0.05	0.00	0.02	0.00	-0.02	0.02	0.03
Δ GDP	-0.33	-0.30	-0.09	-0.10	-0.29	-0.30	-0.08	-0.10

Notes: Same as in Table 5.

Table 8 displays the contributions of expenditure components to the average GDP forecast error prior to the crisis. When compared with the complete time period, contributions are substantially smaller, mainly those from investment, exports and imports. The crisis also led to substantial decreases in the overall accuracy of component predictions, as shown by the change in PMTWAE in Table 9, particularly at 1-year spans. Forecasts for investment, exports and imports were the prime sources of this result.

Table 9 – Effects of the 2008 financial crisis: PMTWAE statistic and its decomposition.

	OECD				IMF			
	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
	PMTWAE and component contributions until 2007							
PMTWAE	3.36	3.00	2.43	1.81	3.54	3.37	2.74	2.02
C	0.61	0.56	0.42	0.34	0.66	0.60	0.49	0.35
G	0.22	0.21	0.19	0.17	0.23	0.23	0.19	0.17
I	0.75	0.65	0.55	0.48	0.77	0.71	0.57	0.48
X	0.94	0.81	0.63	0.42	1.02	0.94	0.77	0.51
M	0.84	0.77	0.64	0.41	0.86	0.89	0.73	0.51
	Changes relative to the complete period							
ΔPMTWAE	1.10	0.69	0.18	0.08	1.06	0.81	0.19	0.12
ΔC	0.12	0.05	0.03	0.02	0.12	0.07	0.01	0.02
ΔG	-0.01	-0.01	0.00	-0.01	0.00	0.00	0.00	0.00
ΔI	0.22	0.16	0.07	0.05	0.24	0.19	0.07	0.07
ΔX	0.40	0.24	0.05	-0.01	0.35	0.27	0.04	0.01
ΔM	0.37	0.24	0.03	0.01	0.35	0.28	0.05	0.01

6. Testing for “Weak Informational Efficiency”

As shown in Section 5, the 2008 crisis led to a significant decrease in the quality of forecasts. The large forecast errors for the 2008-2010 period constitute atypical (influential) observations, which greatly affect OLS estimates in regressions (11) and (12). As such, we restrict the tests for “weak informational efficiency” to the subsample period 1993-2007¹³.

Table 10 presents the efficiency tests for the model in equation (11). We included only one lagged term, since there was no evidence of higher order serial correlation. Recall that forecasts are efficient in this context if and only if they are unbiased and serially uncorrelated. The former requires that $\gamma_0/(1 - \gamma_1) = 0$, whereas the latter imposes $\gamma_1 = 0$. Evidence suggests that forecasts are, in general, unbiased. The main exceptions are forecasts for government consumption at several time spans, and 1-step ahead forecasts for imports and exports. Serial correlation characterizes forecasts for private consumption and government consumption at all horizons, and forecasts for GDP at most time spans. Investment forecasts are also serially correlated in some cases.

An alternative and more robust test for bias, using model (12), is displayed in Table 11. The χ^2 test on the joint hypothesis $\alpha = 0$ and $\beta = 1$ indicates that forecasts are in general inefficient. In particular, the null hypothesis of efficiency is rejected for government consumption at all time spans (with 1 exception), and for GDP at all but the 2-period span. One also rejects the null hypothesis of efficiency at 1-year spans for private consumption, exports and imports (with 1 exception). Results for GDP are consistent, for instance, with those in Loungani (2001), who finds that Consensus Forecasts are biased for 1-year ahead predictions.

¹³ In what follows, we use a 5% significance level unless otherwise stated.

Table 10 – Tests for “weak informational efficiency” (1993-2007 period): Model in equation (11).

		OECD				IMF			
		4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
GDP	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	-0.21 (0.40)	0.08 (0.27)	0.20 (0.19)	0.23 *** (0.09)	-0.18 (0.43)	-0.08 (0.35)	0.26 (0.20)	0.25 ** (0.12)
	γ_1	0.35 ** (0.14)	0.18 (0.15)	0.32 ** (0.13)	0.28 ** (0.13)	0.43 *** (0.13)	0.35 ** (0.14)	0.20 (0.13)	0.33 *** (0.12)
C	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	-0.02 (0.37)	0.23 (0.22)	0.29 * (0.15)	0.18 (0.11)	0.03 (0.40)	0.05 (0.29)	0.28 (0.20)	0.15 (0.12)
	γ_1	0.57 *** (0.12)	0.30 ** (0.13)	0.28 ** (0.13)	0.35 *** (0.12)	0.66 *** (0.11)	0.51 *** (0.12)	0.27 ** (0.13)	0.33 *** (0.13)
G	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	0.46 ** (0.23)	0.41 ** (0.18)	0.27 (0.19)	0.18 (0.15)	0.46 ** (0.19)	0.32 (0.22)	0.45 *** (0.14)	0.21 ** (0.10)
	γ_1	0.42 *** (0.10)	0.42 *** (0.11)	0.39 *** (0.10)	0.30 *** (0.11)	0.28 ** (0.11)	0.33 *** (0.12)	0.29 *** (0.11)	0.28 ** (0.11)
I	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	-0.52 (0.73)	-0.03 (0.53)	0.15 (0.41)	0.37 (0.33)	-0.52 (0.65)	-0.41 (0.63)	-0.14 (0.32)	0.22 (0.34)
	γ_1	0.29 ** (0.13)	0.15 (0.14)	0.06 (0.13)	0.15 (0.13)	0.30 ** (0.13)	0.28 ** (0.14)	0.04 (0.12)	0.18 (0.11)
X	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	-0.34 (1.16)	-0.34 (0.75)	0.23 (0.70)	0.86 *** (0.32)	-0.04 (1.27)	0.44 (1.10)	1.00 (0.67)	1.20 ** (0.49)
	γ_1	0.05 (0.18)	-0.19 (0.16)	0.05 (0.15)	0.22 (0.15)	0.15 (0.17)	0.10 (0.17)	-0.11 (0.15)	0.24 * (0.13)
M	$\gamma_0/(1-\gamma_1)$	-0.06 (1.15)	0.32 (0.80)	0.53 (0.57)	0.90 *** (0.33)	0.49 (1.23)	0.87 (1.09)	1.00 (0.65)	1.15 *** (0.44)
	γ_1	0.15 (0.17)	-0.06 (0.16)	-0.12 (0.13)	0.27 ** (0.14)	0.23 (0.17)	0.12 (0.17)	-0.12 (0.14)	0.16 (0.11)
Observations		91	91	98	98	91	91	98	98

Notes: (i) Efficiency tests for the model $e_{jt} = \gamma_0 + \gamma_1 e_{j,t-1} + \varepsilon_{jt}$; (ii) Bias is evaluated by testing the null hypothesis $\gamma_0/(1-\gamma_1) = 0$, whereas serial correlation is evaluated by testing $\gamma_1 = 0$; (iii) Higher orders of serial dependence were insignificant and thus not included in the final specification; (iv) Panel-corrected standard errors in parenthesis; (v) *, ** and *** represent rejections at 10, 5 and 1 percent significance levels, respectively.

Table 11 – Tests for “weak informational efficiency” (1993-2007 period): Model in equation (12).

		OECD				IMF			
		4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t	4-step Spr. t-1	3-step Aut. t-1	2-step Spr. t	1-step Aut. t
GDP	χ^2 test	24.97	7.58	3.18	11.54	17.84	7.63	2.74	7.97
	p-value	0.00	0.02	0.20	0.00	0.00	0.02	0.25	0.02
C	χ^2 test	12.66	10.95	3.84	4.90	21.85	10.58	2.53	2.05
	p-value	0.00	0.00	0.15	0.09	0.00	0.01	0.28	0.36
G	χ^2 test	16.13	12.04	12.14	5.78	34.49	41.81	13.99	15.86
	p-value	0.00	0.00	0.00	0.06	0.00	0.00	0.00	0.00
I	χ^2 test	12.28	3.14	0.06	6.14	7.98	1.29	0.97	2.85
	p-value	0.00	0.21	0.97	0.05	0.02	0.53	0.61	0.24
X	χ^2 test	11.12	1.80	0.13	15.99	21.09	6.34	2.11	9.58
	p-value	0.00	0.41	0.94	0.00	0.00	0.04	0.35	0.01
M	χ^2 test	22.85	10.99	0.39	12.63	16.07	19.59	1.75	3.64
	p-value	0.00	0.00	0.82	0.00	0.00	0.00	0.42	0.16
Observations		98	98	105	105	98	98	105	105

Notes: (i) Efficiency tests for the model $A_{jt} = \alpha + \beta F_{jt} + u_{jt}$, $u_{jt} = \rho u_{j,t-1} + \varepsilon_{jt}$; (ii) The χ^2 test evaluates the null hypothesis that $\alpha = 0$ and $\beta = 1$ in the equation above.

There are several reasons which explain inefficiency in forecasts for government consumption. First, this variable is often used by policy-makers to manipulate the economic cycle and to boost GDP. These changes in policy are often unexpected and difficult to predict, even in the short run. Second, the supply of public goods is often chosen by bureaucrats, whose decisions may be driven by self-interests, such as power or reputation, rather than by an optimal allocation rule (*i.e.* Samuelson rule). This may originate an

unpredictable increase in government expenditure. Third, legislators and officials may grant numerous favors to interest groups in response to rent-seeking efforts. Several of these favors may lead to a higher government size than previously anticipated. Finally, policy-makers may deliberately increase public expenditures in election years beyond the budgeted, in order to impress voters with an increase in the provision of public goods or publicly-financed goods.

7. Conclusions

This article analyzed the quality of forecasts for real GDP growth and for the corresponding expenditure components in the G7. We concluded that forecast accuracy is lower for investment, exports and imports, but forecast models perform comparatively worse predicting private consumption and government consumption. This is explained by different volatility levels of GDP components. At 1-year horizons, GDP overpredictions are mostly explained by investment and net exports. GDP forecast bias diminishes substantially at same-year horizons, a fact that is explained by canceling out effects in component prediction errors – mainly exports and imports – rather than by accurate component predictions.

The overall accuracy of component predictions is evaluated through the extension of a recently proposed statistic to the panel environment: the Pooled Mean of Total Weighted Absolute Errors. This statistic suggests that the accuracy of component predictions is substantially low, meaning that GDP forecasts are assembled with rather inaccurate component predictions. Investment, exports and imports are the major contributors to this outcome. The Pooled Mean of Total Weighted Absolute Errors also suggests that OECD's forecasts for GDP components are more accurate than IMF's forecasts.

We also show that forecasts are in general inefficient, both for GDP and its components, but inefficiency is more acute in government consumption predictions, which are both biased and serially correlated. The 2008 crisis had a large negative effect on the quality of forecasts – mainly for investment, exports and imports – but this was due to an increase in volatility rather than to a decrease in the performance of forecast models.

References

- Ash, J., D. Smyth, and S. Heravi (1998). *Are OECD forecasts rational and useful? A directional analysis*, International Journal of Forecasting, 14, 381-391.
- Fildes, R. and H. O. Stekler (2002). *The state of macroeconomic forecasting*, Journal of Macroeconomics, 24, 435-468.
- Joutz, F. and H. O. Stekler (2000): *An evaluation of the predictions of the Federal Reserve*, International Journal of Forecasting, 16, 17-38.
- Júlio, P. and P.M. Esperança (2012): *Evaluating the forecast quality of GDP components: An application to G7*, GEE Papers No. 47, Office for Strategy and Studies, Portuguese Ministry of Economy and Employment.
- Júlio, P., Esperança, P. M. and J. C. Fonseca (2011): *Evaluating the forecast quality of GDP components*, GEE Papers No. 41, Office for Strategy and Studies, Portuguese Ministry of Economy and Employment.
- Keane, M. and D. Runkle (1990): *Testing the rationality of price forecasts: new evidence from panel data*, American Economic Review, 80, 714-735.
- Loungani, P. (2001). *How accurate are private sector forecasts? Cross-country evidence from consensus forecasts of output growth*, International Journal of Forecasting, 17, 419-432.
- Öller, L. E. and B. Barot (2000). *The accuracy of European growth and inflation forecasts*, International Journal of Forecasting, 16, 293-315.

Pons, J. (2000). *The accuracy of IMF and OECD forecasts for G7 countries*, Journal of Forecasting, 19, 53-63.

Theil, H. (1966). *Applied economic forecasting*, Amsterdam: North-Holland Pub. Co.

Vuchelen, J. and M. I. Gutierrez (2005). *A direct test of the information content of the OECD growth forecasts*, International Journal of Forecasting, 21, 103-117.

Wallis, K. F. (1989). *Macroeconomic forecasting: a survey*, Economic Journal, 99, 28-61.

Zarnowitz, V. and P. Braun (1993): *Twenty-two years of the NBER-ASA Quarterly Economic Outlook Surveys: aspects and comparisons of forecasting performance*, in Business Cycles, Indicators and Forecasting, National Bureau of Economic Research, NBER Chapters, 11-94.

Iniciativas e Medidas Legislativas

1. Iniciativas

Iniciativa	Sumário
<p><i>Rede Nacional de Transporte de Eletricidade e Rede Nacional de Transporte de Gás Natural</i></p> <p>Conselho de Ministros de 12 de março</p>	<p>O Governo aprovou um diploma que procede à revisão dos limites para a detenção do capital social do operador da Rede Nacional de Transporte de Eletricidade e da Rede Nacional de Transporte de Gás Natural.</p> <p>A aprovação deste diploma é sequência da venda direta de referência relativa à 2.ª fase do processo de reprivatização da REN.</p> <p>Tendo em conta o relevante interesse estratégico que se encontra associado à atividade de transporte de energia elétrica e de gás natural, o diploma mantém a existência de um limite para a titularidade individual, direta ou indireta, do capital social dos operadores da Rede Nacional de Transporte de Eletricidade (RNT) e da Rede Nacional de Transporte de Gás Natural (RNTGN), fixando-o agora em 25%.</p>
<p><i>Acordos de investimento</i></p> <p>Conselho de Ministros de 12 de março</p>	<p>O Conselho de Ministros aprovou o Acordo entre o Governo da República Portuguesa e o Governo do Reino Hachemita da Jordânia sobre a Promoção e a Proteção Recíproca de Investimentos.</p> <p>O Acordo cria condições favoráveis à realização de investimentos com base nos princípios da igualdade e do benefício mútuo.</p>
<p><i>Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação</i></p> <p>Conselho de Ministros de 19 de março</p>	<p>O Conselho de Ministros aprovou uma resolução que define as competências, a composição e as regras de funcionamento do Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação (CNEI), em execução do Programa Estratégico +Empreendedorismo, +Inovação.</p> <p>O CNEI, presidido pelo Primeiro-Ministro e funcionando na dependência do Ministério da Economia e do Emprego, tem por missão aconselhar o Governo em matérias relacionadas com a política nacional para o empreendedorismo e para a inovação, competindo-lhe a definição das áreas e dos sectores prioritários no âmbito destas políticas, bem como a articulação transversal nas áreas da inovação, do empreendedorismo e da investigação aplicada.</p>
<p><i>Lei dos Compromissos e dos Pagamentos em Atraso</i></p> <p>Conselho de Ministros de 26 de março</p>	<p>O Conselho de Ministros aprovou um diploma que estabelece os procedimentos necessários à aplicação da Lei dos Compromissos e dos Pagamentos em Atraso (LPCA) e à operacionalização da prestação de informação associada.</p> <p>O diploma determina que a LPCA apenas se aplica aos compromissos assumidos após a data da sua entrada em vigor e aos pagamentos em atraso.</p> <p>No que diz respeito às transferências ainda não efetuadas decorrentes de programas e projetos do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) e de outros programas estruturais, o diploma esclarece que estas transferências englobam os pedidos submetidos nas plataformas eletrónicas dos respetivos programas, desde que a entidade beneficiária não tenha tido, nos últimos seis meses, uma taxa de correção dos pedidos de pagamento submetidos igual ou superior a 10%.</p> <p>O presente diploma define que os saldos transitados do ano anterior, cuja utilização tenha sido autorizada nos termos da lei, integram os fundos disponíveis.</p>
<p><i>APEX – Aliança para a Promoção da Excelência na Administração Pública</i></p>	<p>Foi celebrado o Protocolo de Colaboração entre Ministério das Finanças, Escolas de Negócios e Deloitte denominado, Aliança para a Promoção da Excelência na Administração Pública – APEX.</p> <p>Esta parceria permitirá aos quadros da Administração Pública acederem aos melhores programas de formação de executivos, pagando o equivalente a 20%.</p>

Iniciativa	Sumário
	<p>do custo do programa e a escola assumirá o restante.</p> <p>Os programas que integram a APEX são cerca de 200 cursos de formação pós-graduada (incluindo mestrados), disponibilizados pelas 13 instituições de ensino superior envolvidas, que oferecem vagas já a partir do próximo ano letivo 2012/2013.</p> <p>Esta iniciativa visa dar resposta à necessidade da Administração Pública formar os seus dirigentes e quadros superiores numa ótica de excelência e em condições extraordinárias.</p>

2. Seleção de Medidas Legislativas

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
<p><i>Missão de Acompanhamento e Fiscalização</i> <i>Despacho n.º 4646/2012. D.R. n.º 66, Série II de 02-04-2012</i></p>	<p>Missão de Acompanhamento e Fiscalização com base na Lei da programação militar.</p>
<p><i>Estrutura orgânica Direção Geral de Pessoal Recrutamento Militar</i> <i>Portaria n.º 93/2012. D.R. n.º 67, Série I de 03-04-2012.</i></p>	<p>Fixa a estrutura orgânica da Direção Geral de Pessoal e Recrutamento Militar.</p>
<p><i>Estrutura orgânica Direção Geral Política Defesa Nacional</i> <i>Aviso n.º 5102/2012. D.R. n.º 68, Série II de 04-04-2012</i></p>	<p>Fixa a estrutura orgânica da Direção Geral de Política de Defesa Nacional.</p>
<p><i>Programa de Apoio ao Empreendimento e à Criação do Próprio Emprego (PAECPE)</i> <i>Portaria n.º 95/2012. D.R. n.º 68, Série I de 2012-04-04</i></p>	<p>Segunda alteração à Portaria n.º 985/2009, de 4 de setembro, que aprova a criação do Programa de Apoio ao Empreendimento e à Criação do Próprio Emprego (PAECPE), a promover e executar pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, I. P., e regulamenta os apoios a conceder no seu âmbito.</p>
<p><i>Contrato de investimento</i> <i>Despacho n.º 4761/2012. D.R. n.º 68, Série II de 2012-04-04</i></p>	<p>Aprova a minuta do contrato de investimento, e respetivos anexos, a celebrar pelo Estado Português, representado pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, E. P. E., e a BIAL, S. G. P. S., S. A., e a BIAL - Portela & C.ª, S. A.</p>
<p><i>Taxa de juros</i> <i>Aviso n.º 5102/2012. D.R. n.º 68, Série II de 04-04-2012</i></p>	<p>A taxa de juros média a vigorar no mês de abril de 2012 é de 2,91410%, a qual multiplica pelo fator 1,10% é de 3,20551%.</p>
<p><i>Taxa de juros</i> <i>Aviso n.º 5103/2012. D.R. n.º 68, Série II de 04-04-2012</i></p>	<p>A taxa de juros já multiplicada pelo fator 0,96% é de 2,79754%.</p>
<p><i>Afetação de verbas</i> <i>Despacho n.º 4758/2012. D.R. n.º 68, Série II de 04-04-2012</i></p>	<p>Afetação de verbas dos Governos Cívicos à Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna.</p>
<p><i>Autorização garantia pessoal do Estado</i> <i>Despacho n.º 4798/2012. D.R. n.º 69, Série II de 05-04-2012</i></p>	<p>Autorização da garantia pessoal do Estado às obrigações contraídas pela Eletricidade dos Açores (EDA) e pela Empresa de Eletricidade e Gás (EEG).</p>
<p><i>Autorização garantia pessoal do Estado</i> <i>Despacho n.º 4799/2012. D.R. n.º 69, Série II de 05-04-2012</i></p>	<p>Autorização da garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros no âmbito do empréstimo obrigacionista a emitir pelo BANIF - Banco Internacional do Funchal, S.A.</p>

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
<p><i>Autorização garantia pessoal do Estado</i> <i>Despacho n.º 4800/2012. D.R. n.º 69, Série II de 05-04-2012</i></p>	<p>Autorização da garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros no âmbito do empréstimo obrigacionista a emitir pelo BANIF - Banco Internacional do Funchal, S.A.</p>
<p><i>Autorização garantia pessoal do Estado</i> <i>Despacho n.º 4801/2012. D.R. n.º 69, Série II de 05-04-2012</i></p>	<p>Autorização da garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros contraídos pelas EGF - Empresa Geral de Fomento, S.A., e AdP Águas de Portugal, SGPS, S.A.</p>
<p><i>Autorização garantia pessoal do Estado</i> <i>Despacho n.º 4802/2012. D.R. n.º 69, Série II de 05-04-2012</i></p>	<p>Autorização da garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros no âmbito do empréstimo obrigacionista a emitir pelo Banco Espírito Santo, S.A.</p>
<p><i>Aprova orgânica da Secretaria Geral do Ministério das Finanças</i> <i>Decreto-Regulamentar n.º.37/2012. D.R. n.º 70, Série I de 10-04-2012</i></p>	<p>Aprova a orgânica da Secretaria-Geral do Ministério das Finanças.</p>
<p><i>Lista de aposentados e reformados</i> <i>Aviso n.º.5210/2012. D.R. n.º 70, Série I de 10-04-2012</i></p>	<p>Lista de aposentados e reformados a partir de 1 de maio de 2012.</p>
<p><i>Concessão ajuda nacional</i> <i>Despacho normativo n.º.5/2012. D.R. n.º 70, Série I de 10-04-2012</i></p>	<p>Concessão de ajuda nacional aos produtores das espécies de bovinos, ovinos e caprinos, sob a forma de subvenção a fundo perdido, com vista a compensar o aumento dos custos na alimentação animal devido à escassez de pastagens e forragens e de algumas espécies vegetais.</p>
<p><i>Integração de trabalhadores do BPN</i> <i>Decreto-Lei n.º.88/2012. D.R. n.º 72, Série I de 11-04-2012</i></p>	<p>Regula a integração dos trabalhadores do BPN - Banco Português de Negócios, S.A., BPN Gestão de Ativos-Sociedade Gestora de Fundos de Investimento Mobiliário, S.A., BPN Imofundos - Soc. Gestora de Fundos de Investimento Imobiliário, S.A., BPN Crédito - Instituição Financeira de Crédito, S.A., BPN Serviços Administrativos, Operacionais e informáticos, A.C.E., no regime geral da segurança Social, quanto às eventualidades de invalidez, morte e doença, e determina os termos do financiamento para a cobertura das respetivas responsabilidades.</p>
<p><i>Lista de bens imóveis do domínio privado do Estado Português</i> <i>Aviso n.º.5372/2012. D.R. n.º 73, Série II de 12-04-2012</i></p>	<p>Lista de bens imóveis do domínio privado do Estado Português.</p>
<p><i>Conta provisória de janeiro a dezembro de 2011</i> <i>Declaração n.º.68/2012. D.R. n.º 73, Série II de 12-04-2012</i></p>	<p>Conta provisória de janeiro a dezembro de 2011.</p>
<p><i>Lei de enquadramento orçamental</i> <i>Portaria n.º 103/2012. D.R. n.º 76, Série I de 2012-04-17</i></p>	<p>Procede à revisão do calendário de implementação da estratégia e dos procedimentos da lei de enquadramento orçamental, a implementar até 2015.</p>
<p><i>Quota de Portugal no FMI</i> <i>Despacho n.º 5257/2012. D.R. n.º 76, Série II de 2012-04-17</i></p>	<p>Autoriza o aumento da quota de Portugal no Fundo Monetário Internacional para DSE 2060,1 milhões.</p>
<p><i>Comissão Técnica para a Reprogramação do QREN</i> <i>Despacho n.º 5301-A/2012. D.R. n.º 76, 2.º Suplemento, Série II de 2012-04-17</i></p>	<p>Cria, no âmbito dos Ministérios das Finanças, da Economia e do Emprego e da Solidariedade e da Segurança Social, a Comissão Técnica para a Reprogramação do QREN.</p>

ASSUNTO/DIPLOMA	DESCRIÇÃO
<p><i>Regime financiamento avaliação geral prédios urbanos</i></p> <p>Portaria n.º 106/2012. D.R. n.º 77, Série I de 18-04-2012</p>	<p>Regula o regime de financiamento da avaliação geral de prédios urbanos.</p>
<p><i>Profissões regulamentadas na área da economia</i></p> <p>Portaria n.º 107/2012. D.R. n.º 77, Série I de 2012-04-18</p>	<p>Especifica as profissões regulamentadas abrangidas na área da economia e designa a respetiva autoridade competente para proceder ao reconhecimento das qualificações profissionais.</p>
<p><i>Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas</i></p> <p>Lei n.º 16/2012. D.R. n.º 79, Série I de 2012-04-20</p>	<p>Procede à sexta alteração ao Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 53/2004, de 18 de março, simplificando formalidades e procedimentos e instituindo o processo especial de revitalização.</p>
<p><i>«Estratégia para os pagamentos em atraso há mais de 90 dias»</i></p> <p>Resolução do Conselho de Ministros n.º 44/2012. D.R. n.º 79, Série I de 2012-04-20</p>	<p>Aprova o Relatório denominado «Estratégia para os pagamentos em atraso há mais de 90 dias».</p> <p>Lei dos Compromissos e Pagamentos em Atraso (LCPA).</p>
<p><i>Orgânica da Inspeção Geral de Finanças</i></p> <p>Decreto-Lei n.º 96/2012. D.R. n.º 80, Série I de 23-04-2012</p>	<p>Aprova a orgânica da Inspeção Geral de Finanças.</p>
<p><i>Liberalização do serviço postal</i></p> <p>Lei n.º 17/2012. D.R. n.º 82, Série I de 2012-04-26</p>	<p>Estabelece o regime jurídico aplicável à prestação de serviços postais, em plena concorrência, no território nacional, bem como de serviços internacionais com origem ou destino no território nacional e transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 2008/6/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de fevereiro de 2008-</p>
<p><i>Estrutura nuclear da DGAEP</i></p> <p>Portaria n.º 111/2012. D.R. n.º 83, Série I de 27-04-2012</p>	<p>Determina a estrutura nuclear da Direção Geral da Administração e do Emprego Público, fixa o limite máximo de unidades orgânicas flexíveis do serviço, as competências das respetivas unidades orgânicas nucleares e revoga a Portaria n.º 350/2007, de 30 de Março.</p>
<p><i>Estrutura nuclear da SG do MF</i></p> <p>Portaria n.º 112/2012. D.R. n.º 83, Série I de 27-04-2012</p>	<p>Determina a estrutura nuclear da Secretaria Geral do Ministério das Finanças e estabelece o número máximo de unidades flexíveis do serviço e as competências das respetivas unidades orgânicas nucleares.</p>
<p><i>Estrutura nuclear do INA</i></p> <p>Portaria n.º 113/2012. D.R. n.º 83, Série I de 27-04-2012</p>	<p>Determina a estrutura nuclear da Direção Geral da Qualificação dos Trabalhadores em Funções Públicas, fixa o limite máximo de unidades orgânicas flexíveis do serviço, as competências das respetivas unidades orgânicas nucleares e revoga a Portaria n.º 216/2011, de 31 de maio.</p>
<p><i>Estrutura nuclear dos Serviços Sociais da Administração Pública</i></p> <p>Portaria n.º 116/2012. D.R. n.º 84 Série I de 30-4-2012</p>	<p>Determina a estrutura nuclear dos Serviços Sociais da Administração Pública, estabelece o número máximo de unidades flexíveis do serviço e as competências das respetivas unidades orgânicas.</p>
<p><i>Suspensão temporária da aplicação ao sistema bancário português</i></p> <p>Portaria n.º 118/2012. D.R. n.º 84 Série I de 30-4-2012</p>	<p>Determina a suspensão temporária da aplicação ao sistema bancário português de algumas regras previstas no Regulamento de Gestão do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social.</p>
<p><i>Emissão de Bilhetes do Tesouro</i></p> <p>Instrução n.º 1/2012.D.R. n.º 84 Série II de 30-4-2012</p>	<p>Emissão de Bilhetes do Tesouro e estatuto de operadores de mercado.</p>

Abreviaturas Utilizadas

Abreviaturas

Siglas	Descrição	Siglas	Descrição
ACAP	Associação do Comércio Automóvel de Portugal	IUC	Imposto Único de Circulação
ADSE	Direção-geral de Proteção Social aos Funcionários e Agentes da Administração Pública	IVA	Imposto sobre o Valor Acrescentado
AL	Administração Local	MC	<i>Ministry of Commerce of China</i>
AR	Administração Regional	Michigan	Universidade de Michigan
BCE	Banco Central Europeu	NBSC	<i>National Bureau of Statistics of China</i>
BEA	<i>Bureau of Economic Analysis</i>	OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
BGFRS	<i>Board of Governors of the Federal Reserve System</i>	OE	Orçamento do Estado
BLS	<i>Bureau of Labour Statistic</i>	ONS	Instituto Nacional de Estatística do Reino Unido
BP	Banco de Portugal	OT	Obrigações do Tesouro
BT	Bilhetes do Tesouro	PIB	Produto Interno Bruto
BVLP	Bolsa de Valores de Lisboa e Porto	SDDS	<i>Special Data Dissemination Standard</i>
CE	Comissão Europeia	SFA	Serviços e Fundos Autónomos
CEDIC	Certificados Especiais de Dívida de Curto Prazo	SNS	Serviço Nacional de Saúde
CGA	Caixa Geral de Aposentações	SS	Segurança Social
CMMM	Comissão do Mercado de Valores Mobiliários	UE	União Europeia
COGJ	<i>Cabinet Office Government of Japan</i>	VAB	Valor Acrescentado Bruto
DGEG	Direção-geral de Energia e Geologia	Yahoo	<i>Finance Yahoo</i>
DGO	Direção-geral do Orçamento		
DGT	Direção-geral do Tesouro		
EPA	<i>Economic Planning Agency</i>		
Eurostat	Instituto de Estatística da UE		
FBCF	Formação Bruta de Capital Fixo		
FMI	Fundo Monetário Internacional		
FSO	Instituto Nacional de Estatística da Alemanha		
GEE	Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e do Emprego		
GPEARI	Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério das Finanças e da Administração Pública		
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional		
IGCP	Instituto de Gestão do Crédito Público		
IGFSS	Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social		
IHPC	Índice Harmonizado de Preços no Consumidor		
INE	Instituto Nacional de Estatística		
INSEE	Instituto Nacional de Estatística da França		
IPC	Índice de Preços no Consumidor		
IRC	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas		
IRS	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares		
IS	Imposto do Selo		
ISM	<i>Institute for Supply Management</i>		
ISP	Imposto sobre os Produtos Petrolíferos e Energéticos		
ISTAT	Instituto Nacional de Estatística da Itália		
ISV	Imposto sobre Veículos		

Siglas	Unidades
%	Porcentagem
p.p.	Pontos percentuais
p.b.	Pontos base
EUR/USD	Dólar americano por euros
EUR/GBP	Libra esterlina por euros
MM3	Médias móveis de três termos
SRE	Saldo de respostas extremas
VA	Valores acumulados
VC	Varição em cadeia
VCS	Valor corrigido de sazonalidade
VE	Valor efetivo
VH	Varição homóloga
VHA	Varição homóloga acumulada
VITA	Varição intertabelas anualizada. Refere-se a Instrumentos de Regulamentação Coletiva de Trabalho publicados desde o início do ano até ao mês em referência e com início de eficácia no respetivo ano
VM01	Varição homóloga dos últimos 01 meses

Notas Gerais

Unidade – unidade/medida em que a série se encontra expressa.

: representa valor não disponível.

- não se aplica.